ENTREVISTAS: MILES DAVIS, GUILHERME ISNARD E RAUL SEIXAS

EDITORA AZUL
Nº 20
MARÇO 1987
Cr$ 35,00

BIZZ

POSTER DUPLO
MARINA
SIGUE SIGUE SPUTNIK

LEGIÃO URBANA
O GRUPO QUE VOCÊ ELEGEU

ESTILO
A MOTO NO CINEMA

PRETENDERS
O ETERNO RETORNO

+ BOB GELDOF • CLASH BAD
CABINE C • RAMONES • PAGODE
PAUL SIMON • ALCEU VALENÇA

Paralamas, parabéns pelo Sucesso.

MAURICIO VALLADARES

Herbert, Bi e Barone. Os Paralamas do Sucesso estão de parabéns.
Melô do Marinheiro, Alagados, Selvagem, Teerã, A Novidade...
Selvagem? foi o disco mais comentado e discutido nos últimos tempos.
Foi também um dos mais vendidos: 600.000 cópias.
Estados Unidos, Uruguai, Espanha, Portugal e Argentina...
Os Paralamas são a primeira banda brasileira a invadir outras praias. Sucesso.

Os Paralamas estão de parabéns.

EMI

artistas exclusivos

DAG

BIZZ

Foto Raul Mendes

Raul Seixas, o decano do rock brasileiro, fala de Deus e de todo mundo no Entrevistão

Chrissie Hynde queria modificar radicalmente o som de seus **Pretenders**. O que fez? Chamou auxílio eterno, melindrou dois quartos de sua banda e, no processo, criou um grupo totalmente novo, mas com o mesmo nome. Nesta edição você descobrirá todos os meandros da reformulação que Hynde promoveu nos Pretenders.

Foi um verdadeiro garimpo jornalístico o superentrevistão que **Sonia Maia** fez com **Raul Seixas**, às vésperas do *comeback* do veterano cantor/compositor. Aqui ele discorre sobre seu passado com detalhes inéditos, fala de sua expulsão do Brasil e desvenda planos futuros. Enquanto isso, **Bia Abramo** travava longas conversas com o polêmico e romântico **Guilherme Isnard**, fundador e vocalista do Zero. Não ficou pedra sobre pedra.

Thomas Pappon, por sua vez, tomou um avião para o Rio de Janeiro e investigou a atual febre carioca de **Pagode**. Foram três dias recheados de visitas a figuras como **Bezerra da Silva**, **Grupo Fundo de Quintal**, **Beth Carvalho** e **Marçal**, o pai. Pena que não deu praia.

Miles Davis despejou toda sua virulenta verve por cima de um repórter da revista inglesa **The Face**. O resultado: uma das mais ricas e iluminadoras matérias já escritas sobre aquele que é considerado um dos maiores artistas de jazz de todos os tempos. Ainda da Inglaterra, **Eva Joory** mandou uma entrevista exclusiva com o ex-santo **Bob Geldof**. Nela Bob traça os caminhos artísticos que percorrerá após o lançamento de seu primeiro álbum solo.

Vocês votaram e eles estão aqui: os **Melhores de 86**, de acordo com a escolha dos leitores de **BIZZ**. Será que o seu favorito está entre os ganhadores? Corra à página 58 e descubra!

A sessão Estilo... voltaem grande estilo! Biti Averbach fez um levantamento sobre os selvagens das motocicletas. E as séries sobre **Spielberg** e **Os Mutantes** terminam aqui. Ufa! Até que enfim. Até abril.

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

26 PRETENDERS
O retorno da incansável Chrissie Hynde > *José Emilio Rondeau*
30 GUILHERME ISNARD
Uma conversa franca com o polêmico vocalista do Zero > *Bia Abramo*
36 BOB GELDOF
O candidato a prêmio Nobel de volta à música > *Eva Joory*
40 PAUL SIMON
Ele embrenhou-se na África e voltou com um disco
42 PAGODE
Afinal de contas, que onda é essa? > *Thomas Pappon*
46 MILES DAVIS
Rouco, mas falante, numa entrevista exclusiva > *Nick Kent*
52 CLASH/BAD
De 77 a 87, o longo e tortuoso caminho das bandas > *Tom Leão*
58 OS MELHORES DE 86
O resultado dos leitores
78 ALCEU VALENÇA
Ele veio danado e continua à solta > *César Garcia Lima*
82 CABINE C
Aportando em novas praias > *Sonia Maia*
84 MUTANTES
Continua a saga do grupo que agitou os anos 70
94 ESTILO
Os selvagens e suas motocicletas > *Biti Averbach*

TODO MÊS

6 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boatos
12 PARADA
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
24 VÍDEO
Uma garimpada no acervo das locadoras
67 ENTREVISTA
As metamorfoses ambulantes de *Raul Seixas*
102 AO VIVO
A Certain Ratio, Camisa de Vênus, Human League, Paralamas do Sucesso, Ramones, Richard Lloyd, Timbuk 3
110 CINEMA
Última parte da entrevista com *Steven Spielberg*, *A Missão* e *Perigosamente Juntos*
120 CLIP
"War", *Bruce Springsteen*
124 PORÃO
That Petrol Emotion, Kães Vadius e Urge
128 LETRAS
"Don't Get Me Wrong", *Pretenders*
130 MEU INSTRUMENTO
Steve Hackett
132 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. Nesta edição, *Berlin*, de Lou Reed
134 CARTAS E SERVIÇOS
138 FLASHBIZZ

Fotos do poster R. Tucci - Frank Grillin/ LFI - Foto de Flashbizz Agência JB

CB2

CBS

SMOOTH CRIMINAL

ESTÁ CHEGANDO O NOVO LP DE MICHAEL JACKSON.

NOVIDADES NO VINIL

O **XTC**, ainda inédito no Brasil, é um dos grupos mais importantes e criativos surgidos na new wave inglesa, lançou o LP *Skylarking*, produzido por **Todd Rundgren** (lembram da banda Utopia, liderada por Rundgren?).

Mick Karn, ex-baixista do finado grupo **Japan** e ex-companheiro de Pete Murphy no **Dalis Car**, está lançando o seu segundo LP solo, *Dreams of Reason Produce Monsters*, que tem a participação de seus ex-companheiros no Japan **David Sylvian** e **Steve Jansen**.

Colin Hay, aquela voz inconfundível do **Men At Work** (lembram desses australianos que estouraram em 83?) está lançando seu primeiro LP solo, intitulado *Looking For Jack*. Participam do disco o baterista **Chad Wackerman** (ex-Zappa), **Herbie Hancock** e **Robbie McIntosh** (guitarrista dos Pretenders). A produção é de **Robin Millar** (Sade, Fine Young Canibals).

Foto Preston Lyl

Mr. Gabriel: unanimamente, melhor cantor

OS MELHORES DA ROLLING STONE

Saiu a tradicional lista dos melhores e piores do ano, segundo os leitores e críticos da revista americana Rolling Stone (evidentemente se refere à produção musical de 86). Vale destacar os principais resultados: Melhor LP — ***Bruce Springsteen** and the E Street Band Live*, 1975/1985 (segundo os leitores)/*Graceland* de **Paul Simon** (segundo a crítica). Melhor banda: **Genesis** (leitores)/**Talking Heads** (crítica). Melhor cantor: **Peter Gabriel** (leitores e crítica). Melhor cantora: **Madonna** (!)/**Anita Baker** (c). Melhor música: "Sledgehammer" de **Peter Gabriel** (!)/"Kiss" de **Prince** (c). Pior LP: *Eat'Em and Smile* de **David Lee Roth** (!)/*Third Stage* do **Boston** (c). Pior banda: **Run D.M.C.** (!)/**Mr.Mister** (c). Pior cantor: **Don Johnson** (!)/**Peter Cetera** (c). Pior cantora: **Cindy Lauper** (!)/**Samantha Fox** (c). Pior música: "Heartbeat" de **Don Johnson** (!)/"Stuck With You" de **Huey Lewis and the News**.

AMERICAN MUSIC AWARDS

Foto In Fune, Divia Press

Mrs. Houston: campeã da música americana

A Cantora Whitney Houston abiscoitou cinco prêmios e se consagrou como a grande vitoriosa do American Music Awards, que anualmente elege os melhores da música americana em várias categorias. Whitney faturou os prêmios de melhor cantora de pop e soul, melhor vídeo de soul, melhor disco de pop e soul. O veterano Lionel Richie foi eleito melhor cantor de pop e soul. Huey Lewis and the News foram eleitos melhor grupo de pop, enquanto que o New Edition ganhou como melhor grupo de soul.

O FIM DOS DEAD KENNEDYS

Uma das mais importantes e politizadas bandas nascidas do movimento punk californiano já não existe mais. Os **Dead Kennedys** anunciaram o seu fim, depois que o guitarrista **East Bay Ray** decidiu abandonar o grupo e formar sua própria banda (The Kage). Ray declarou que está decepcionado com o movimento punk, por achá-lo cada vez mais "conservador e intolerante".

Mas o pior é que o fim do grupo se deu num momento em que eles enfrentam graves problemas com a justiça americana. **Jello Biafra** está respondendo dois processos, ambos por causa da capa do penúltimo LP da banda, o **Frankenchrist**, de 85. No primeiro processo, a acusação é "divulgação de material impróprio para menores", por causa do encarte do disco, um poster desenhado pelo artista plástico **H.R.Giger**, intitulado *Penis Landscape* (Giger também é responsável pela capa do LP *Brain Salad Surgery*, do Emerson, Lake & Palmer, e pelos apavorantes cenários do filme *Alien, o 8.º Passageiro*), considerado ofensivo por algumas mães americanas.

O outro processo está sendo movido por uma seita conhecida como "The Shriners". Eles não gostaram de uma foto deles, em passeata, publicada na capa do disco em questão. Acontece que a foto foi comprada pelo selo dos Kennedys, Alternative Tentacles, da revista americana Newsweek, o que, teoricamente, legaliza o uso da foto na capa do disco.

E, atenção, foi aberta uma conta bancária que visa levantar fundos e ajuda para cobrir os gastos da campanha que Biafra está movendo contra a censura americana, e pela sua absolvição nestes processos. Maiores informações podem ser obtidas no seguinte endereço: No More Censorship Defense Fund, P.O.Box 11458, San Francisco, CA 94101, EUA.

Jello Biafra: raça e vigor na solitária luta pela liberdade irrestrita de expressão

Foto Steve Rapport - LFI

VEM AÍ O LIVE AID II

Uma segunda edição de um concerto gigantesco nos moldes do Live Aid, com shows simultâneos em vários países como a China, Sri Lanka, Nicarágua e Líbano, deverá ocorrer no meio deste ano (e provavelmente com vasta cobertura pela TV). O nome do evento será *One World Festival*, e está sendo organizado pelo empresário libanês Michael Aminian em conjunto com a companhia de espetáculos The Big Strawberry. Eles esperam, dessa vez, conseguir envolver a União Soviética no projeto.

Vários artistas estão confirmando suas presenças (nenhum ainda foi anunciado). Os lucros serão distribuídos internacionalmente entre organizações beneficentes, e serão privilegiadas aquelas que prestem assistência a crianças carentes.

VEM AÍ O ROCK IN RIO II

Foto Phil Loftus, LFI

Tears For Fears no Brasil? Só vendo...

A Artplan já está a todo vapor na organização de um superfestival de rock que deverá rolar em janeiro próximo no mesmo lugar em que foi feito o Rock in Rio (só que com as devidas precauções, como a instalação de um sistema de drenagem para evitar a lama que se formou no primeiro festival).

Entre os artistas cogitados para o evento estão **Tina Turner, Dire Straits, Bruce Springsteen, The Cure, U2, Madonna, Paul McCartney, David Bowie, Bob Dylan, Duran Duran, Tears For Fears, Lionel Richie, Eric Clapton, Sting** e (oh não, de novo!) **Queen.** A data prevista para o início do festival é 15 de janeiro de 1988.

OUÇA ESSA

"Não existe um drink que eu não tenha bebido. Tomei todas as pílulas que se pode imaginar. Fumei maconha e engoli sedativos o suficiente para anestesiar a cidade de Memphis. O gozado é que eu nunca curti cocaína".

Jerry Lee Lewis

SMITHS PERDEM UM GUITARRISTA

Foto WEA

Uma das poucas fotos dos Smiths com cinco integrantes. Craig Gannon é o do meio

Os Smiths voltaram à sua formação original, com a recente saída de **Craig Gannon**, que estava no grupo há uns oito meses tocando guitarra base. Craig praticamente só tocava ao vivo com os Smiths, e tinha entrado no grupo para ocupar o baixo, durante a saída provisória de Andy Rourke. Aparentemente, Craig estava cheio de tocar guitarra base, ao mesmo tempo em que o grupo estava cheio de suas faltas em compromissos importantes. Agora, o demissionário vai formar sua própria banda.

SIOUXSIE DE VOLTA À INGLATERRA

Foto LFI

Siouxsie na Itália. "O Brasil é assim"

Assim que **Siouxsie & the Banshees** voltaram de sua excursão pelo Brasil e Argentina, foram entrevistados pelo semanário musical londrino Melody Maker, para uma matéria de capa da edição de 10 de janeiro.

Na entrevista, Siouxsie declara, entre outras coisas, que eles "foram tratados como reis" no Brasil, e que "nos chamavam de 'os darks'". Siouxsie falou sobre São Paulo: "Nunca vi tamanha pobreza em minha vida, como a que vi em São Paulo (...). Vimos crianças nas ruas segurando placas onde estava escrito 'me alimente' em português (?!?!). Tem muito desenvolvimento e riqueza por lá, só que a distribuição disso é injusta; é um extremo ou outro".

E, na seqüência, Siouxsie mandou um elogio: "Nosso país favorito é a Itália, que é um país passional e caloroso. O Brasil é comparável a isso".

NOVIDADES NO VINIL II

Foto Gamma Sygla

Lembram dos Osmonds? Este é o velho Donny

Saiu lá fora o novo LP dos **Smiths**. Talvez seja o último álbum deles a ser lançado pela gravadora Rough Trade, pois correm fofocas de que eles estariam assinando com a EMI. O nome do disco é *The World Won't Listen*, e trata-se de uma coletânea com músicas escolhidas pelo próprio **Morrisey**. O LP inclui uma música inédita ("You Just Haven't Earned it Yet, Baby").

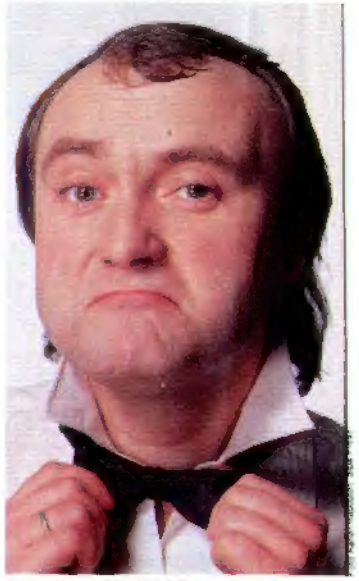
Está saindo também o novo LP do **Fleetwood Mac**, com a importante participação da cantora/compositora **Stevie Nicks** (que já saiu da Clínica Betty Ford — vide Showbiz da edição passada). O nome do disco é *God Save Us From Chapter 11 Bankruptcy*.

Essa é boa. **Peter Gabriel**, quem diria, está produzindo o novo LP de **Donnie Osmond** (lembram daquela banda formada por mórmons, todos irmãos, chamada The Osmonds?). As gravações estão rolando no estúdio de Gabriel em Bath, Inglaterra.

NASCEM DUAS ESTRELAS

E os astros da música pop continuam de namoro firme com o cinema. **Cyndi Lauper** foi escalada para formar uma dupla do barulho com o comediante americano **Dan Akroyd** (lembram dos Blues Brothers?) no filme *Vibes*, que já está sendo rodado.

E não é que o baixinho, calvo e gordinho (e milionário) **Phil Collins** também vai ter sua chance?! Tá certo que ele já fez umas pontas no seriado *Miami Vice*, mas ainda não tinha participado de projetos mais ambiciosos, como este: ele vai interpretar o papel principal no filme *Buster*, uma comédia romântica que conta a história de um dos assaltantes fugitivos do "Grande Assalto do Trem", cometido nos anos sessenta na Inglaterra. O assaltante em questão *não* é o **Ronald Biggs**, mas sim um tal de **Buster Edwards**.



Marlon Brando? Stallone? Renato Aragão?

OUÇA ESSA II

"Crioulo esclarecido não compra carro para não criar problemas"

Bezerra da Silva

ROCK ESPANTALHO

Há muito tempo que os elefantes são um problema grave para os fazendeiros na ilha de Sumatra, uma das que fazem parte da Indonésia. Acontece que os produtos mais plantados lá são banana e arroz, e os elefantes selvagens são chegados nestas guloseimas, e constantemente devastam plantações inteiras. E não é que os fazendeiros encontraram a solução para manter afastados os gigantescos mamíferos de suas terras?! Eles montaram caixas de som em volta das áreas plantadas que tocam rock num volume insuportável para os animais, causando a debandada geral destes. Que tal um show do Venom para fazê-los atravessarem a nado o mar de Java?

COPELAND NA ÓPERA

Foto Sunshine Stock Press

Rossini? Verdi? Wagner? Gomes? Mozart?

Vem aí a primeira ópera de **Stewart Copeland**. O baterista do Police já terminou a peça (*não* é uma ópera-rock) que se chama *Holy Blood and Crescent Moon*. A companhia Cleveland Opera já se comprometeu a encená-la na temporada de 1988. Agora, é favor não confundir *este* Copeland com o famoso compositor erudito americano **Aaron Copeland**.

IV CONCURSO INTERNACIONAL DE VIOLÃO

Como parte das comemorações do centenário do nascimento de Villa-Lobos, o Museu Villa-Lobos está promovendo o IV Concurso Internacional de Violão, evento internacional que tem revelado grandes talentos no instrumento.

Os candidatos terão que enfrentar duas fases classificatórias para chegar à final, da qual participarão apenas os três melhores (que terão já garantidos prêmios em dinheiro). A primeira triagem selecionará oito de todos os candidatos que tiverem enviado suas interpretações (de peças determinadas pelo regulamento) em fita cassete. As fichas de inscrição e maiores informações podem ser obtidas no Museu Villa-Lobos, na Rua Sorocaba, 200, Botafogo, CEP 22271, Rio de Janeiro, RJ.

NICK CAVE NO CINEMA

Nick Cave escreveu um roteiro para um filme. A história se passa numa prisão de segurança máxima nos EUA. As filmagens já começaram, depois de uma longa pesquisa de campo. A direção é de Evan English, e o curioso de tudo isso é que Cave delarou que sua inspiração definitiva para a redação do script foi o filme brasileiro *Pixote*, de Hector Babenco.

DYLAN NO CINEMA

Foi há 14 anos atrás que **Bob Dylan** fez sua última participação como ator, no filme *Pat Garret and Billy the Kid* de Sam Pechinpah. Finalmente ele topou participar de outro filme. Trata-se de *Hearts of Fire*, do diretor **Richard Marquand** *(O Buraco da Agulha)* que achou que Mr. Zimmerman seria perfeito para o papel de Billy Parker, um cantor durão de música country. As filmagens (feitas no Canadá) já terminaram. Contracenam com Dylan a cantora **Fiona** e o ator **Rupert Everrett**. Como coadjuvantes especiais, participam também **Ron Wood** e **Ian Dury**. Aguardem maiores informações...

RINGO EM COMERCIAIS

Foto Gamma Sygla

Ringo Starr: vendendo Wine Cooler nos EUA

Ringo Starr é o primeiro ex-beatle a faturar como garoto propaganda. Foi contratado pela fábrica de bebidas Canandaigua Wine Co., americana, para aparecer em comerciais de TV e anúncios, divulgando uma nova bebida chamada Sun Country Classic Wine Cooler (um ponche metido a besta). Dizem que Ringo faturou cerca de um milhão e meio de dólares nesta jogada.

Foto O Dia Edit LPI

Prince: tocando tudo no grupo Mad House

NOVAS DE PRINCE

O selo Paisley Park do **Prince** (distribuído aqui pela WEA) acaba de lançar o LP de estréia de um grupo de jazz fusion chamado **Mad House**. Na realidade, trata-se de um pseudônimo usado pelo próprio Prince, um grande curtidor de jazz rock e afins. Prince toca todos os instrumentos neste disco, que, aliás, tem o título de *Eight* (e as faixas têm nomes de números, como "One", "Two", "Three" etc).

Outra sobre "sua majestade púrpura": ele está lançando uma cantora que, segundo seus assessores, é uma mistura de "Sade, Madonna e Rickie Lee Jones". O nome da garota, que está finalizando o seu LP de estréia, é **Taj Seville**! Aguardem surpresas...

NOVA VOZ NOS RONALDOS

O grupo carioca **Os Ronaldos**, que acompanhava Lobão na época do LP *Ronaldo Foi Pra Guerra*, passa por um período de mudanças: saiu da gravadora RCA, e no momento estuda propostas de outras gravadoras. Além disso, está com repertório todo novo e mais um quarto integrante, o vocalista **Herbert Richers Jr.** Herbert é velho conhecido do guitarrista **Guto** — que vinha acumulando a função de vocalista do grupo — e ficou muito contente por ter sido convocado para ser um Ronaldo, pois já tinha um trabalho solo e gosta muito do palco.

Os Ronaldos continuam tocando pelo Brasil afora, embora estejam afastados da mídia, e só esperam a gravação do novo disco para voltarem às rádios.

Foto Claudia Dantas

Os Ronaldos com novo cantor (primeiro da esq.)

PERKINS COLA

A Coca-Cola americana lançou uma garrafa especial do seu mais conhecido refrigerante, que homenageia o lendário guitarrista/compositor **Carl Perkins**, autor de um dos maiores clássicos do rock'n'roll: "Blue Suede Shoes", gravada por **Elvis, Hendrix, Jerry Lee Lewis** e mais uns cinquenta artistas conhecidos.

A edição comemorativa do refrigerante tem assinatura de Perkins (que ainda está vivo, aos 54 anos de idade) e está sendo vendida ao preço de dez dólares (aproximadamente 280 cruzados), cada unidade. Os lucros serão enviados ao **Carl Perkins Chicago Abuse Center**, entidade que dá apoio e abrigo a crianças vítimas da violência dos pais.

Foto Camera Press

Carl Perkins, homenageado pela Coca-Cola

PARALAMAS NA PENÍNSULA IBÉRICA

Foi um sucesso a passagem dos **Paralamas** por Portugal. Pouco antes da chegada deles, eles já estavam tendo boa execução nas rádios lusas. Chegando em Lisboa, acabaram participando do programa do mais importante apresentador português, Carlos Cruz (que, com seu novo talk-show, *Quinta a Dois*, conquistou recordes de audiência no canal 2 da Televisão Portuguesa). A crítica lisboeta elogiou muito o LP *Selvagem?*, o que aumentou as frustrações dos portugueses, que acabaram não tendo oportunidade de ver os Paralamas ao vivo. Eles só tocaram mesmo no Encontro Ibero-Americano de Rock, em Madrid, e fizeram um estrondoso sucesso, conquistando tremendo destaque nos jornais espanhóis.

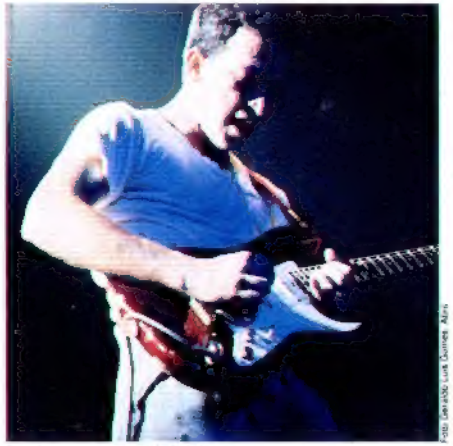


Foto Geraldo Luis Gomes Alho

Paralamas na península ibérica: sucesso

COMPACTO BELGA DO COLERA

Foto R. Yuzo Arai

Cólera: nas paradas da crítica americana

Se depender das vendas do compacto lançado na Bélgica pela gravadora Hageland Records, o grupo paulista **Cólera** vai mesmo para a Europa ainda neste ano. O nome do compacto é *Dé o Fora*. Foi lançado há uns quatro meses e já consta em duas paradas de críticos da revista alternativa americana *Maximum-Rocknroll*, a bíblia punk da Califórnia. O compacto tem quatro músicas ("Dé o Fora", "Vida Desgraçada", "Sr. Dirigente" e "HC, Oi, Punk"), todas inéditas no Brasil. Mas o disco, enviado pelo pessoal da Hageland Records, pode ser encontrado na loja Wop Bop (r. Barão de Itapetininga, 255/25, São Paulo — SP).

GRANDE DESCOBERTA

Em meio a uma mudança de residência, Ray Manzarek estava vasculhando o porão quando descobriu um lote de fitas inéditas, todas gravadas ao vivo, do grupo em que tocava teclados até quinze anos atrás, os lendários Doors. As fitas já foram ouvidas pelos outros integrantes — exceção feita, claro, ao falecido cantor Jim Morrison —, mas eles ainda não decidiram se irão ou não lançar o material.

HOJERIZAH JÁ

Se não houver problemas com a falta de matéria-prima, estará nas lojas este mês o primeiro LP do grupo carioca **Hojerizah**, que até então havia lançado apenas um compacto pelo selo independente BB Records, em 85.

Das doze músicas gravadas, dez foram selecionadas para o disco, que tem a produção conjunta de Marcelo Sussekind e do jornalista Jamari França. O LP, que leva apenas o nome do grupo, é um dos primeiros lançamentos do novo selo Plug, uma divisão da RCA apenas para o rock.

Entre as músicas — que variam do suave ao pesado, sempre com climas densos —, um dos destaques vai para "Tempo que Passa" (ou "Pesadelo de Strauss", ainda não definiram), uma valsinha que conta com a participação especial de **Dominguinhos** e sua sanfona (o único músico convidado do disco). A capa é do fotógrafo branco de alma negra, Maurício Valadares.

Foto Claudia Duncan

Hojerizah e Dominguinhos: rock e baião

O Hojerizah é composto por Flavio Murrah na guitarra (é também o letrista principal), Marcelo no baixo, Álvaro na bateria e Tony Platão, com seus vocais e tons operísticos.

OUÇA ESSA III

"Músicos eruditos são artesãos, músicos de jazz são artistas"
Wynton Marsalis, justificando sua desistência de tocar música erudita

A VOLTA DE PATTI SMITH

Patti Smith: neste ano, de volta ao vinil

Quem é vivo sempre aparece. Ainda bem que Patti Smith resolveu voltar. A musa dos junkies americanos anunciou que 87 marcará sua volta com o lançamento de um novo LP seu. As gravações estão apenas começando, mas a coisa toda promete. Participam do projeto o produtor Jimmy Iovine (Pretenders) e os guitarristas Lenny Kaye e Fred "Sonic" Smith (este último foi integrante do MC-5 e é marido de Patti). Aguardem...

PELOS DIREITOS DOS BICHOS

Foto Punk Sigla Press

Red Hot Chili Peppers: fundos para a PETA

Os **Smiths, Nina Hagen, Howard Jones, Shriekback, Residents** e os **Red Hot Chili Peppers** estão entre os artistas presentes no disco *Animal Liberation*, um LP beneficente que visa levantar fundos para a **PETA** (People for the Ethical Tretment of Animals), organização engajada na defesa dos direitos dos animais, principalmente daqueles usados como cobaias em experiências científicas. O disco está sendo distribuído pela gravadora Wax Trucks Records, de Chicago.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Os estúdios voltam a se agitar depois das férias de início de ano. Pelo lado independente, a loja paulista Wop Bop lançará o grupo Harry, um mini LP de May East, outro de Laura Finokiaro e se prepara para colocar o Vzyadoq Moe (*Porão* BIZZ 16) em estúdio. A Continental está com 365, a recém-contratada Gang 90, Macalé (com produção de Egberto Gismonti, para um disco que se chamará *Noel Rosa na Constituinte*), além da cantora Guadalupe e do grupo Pau-Brasil. A WEA entra com Guelo e Inocentes. A Polygram está com Rão Kyao, Verônica Sabino, Belchior, Elba Ramalho, Ritchie, Celso Blues Boy, Os Eles e Biquini Cavadão. Já a Odeon ataca de Nei Lisboa, Nana Caymmi, Reginaldo Rossi e Evaldo Freire.

Pela RCA Luciano Bahia, Bezerra da Silva, Chico Buarque, Roupa Nova, Lobão e Sá & Guarabira.

MICHAEL TENTA COMPRAR A MOTOWN

Rumores de que **Michael Jackson** estaria empenhado na compra da Motown Records estão ficando cada vez mais quentes. Como todos sabem, a Motown é o selo responsável pela explosão da música negra nos EUA e pelo lançamento dos maiores artistas negros americanos, como **Marvin Gaye, Supremes, Temptations, Commodores, Stevie Wonder, Jackson Five,** e por aí afora. O selo vem sendo distribuído há três anos pela MCA Records, e, segundo os boatos, seu fundador-presidente, Barry Gordy Jr., esteve disposto a vender a Motown para a MCA pela quantia de 75 milhões de dólares. A MCA não conseguiu levantar a grana, e adivinhem quem se apresentou para cobrir a quantia? Ele mesmo, Mr. Jackson em pessoa (ainda não se sabe em que pé estão as negociações). Agora, imaginem só: Michael já detém os direitos sobre os catálogos dos Beatles e está lançando mais um LP este ano. Isso significa que em breve ele figurará, sem dúvida, no posto de músico mais rico do mundo.

Foto Sigla Press

Michael Jackson: novo dono da Motown?

DAVE STEWART, O CAMALEÃO

Foto Gerlinde Ufi

Dave Stewart: investindo em outras áreas

Dave Stewart (o multiinstrumentista dos **Eurythmics**) está investindo em outras áreas. Recentemente ele compôs, em parceria com a cantora **Alison Moyet,** a música "Is This Love?". A canção, na voz de Moyet, alcançou os primeiros postos da parada inglesa de singles, o que deve ter preocupado muito a parceira de Stewart nos Eurythmics, **Annie Lennox.** Mas para não comprometer esta parceria Stewart resolveu usar o pseudônimo de J. Guiot na autoria de "Is This Love?". Ainda bem...

ESPECIAL DOS BEACH BOYS

Foto Regam Ufi

Beach Boys: relembrando os bons tempos

Atenção, locadoras de vídeo e tevês brasileiras: olho vivo! Os legendários **Beach Boys** recentemente filmaram um especial para a tevê americana, intitulado *25 Years Together* (25 Anos Juntos). Trata-se, evidentemente, de uma gigantesca retrospectiva, e as filmagens não poderiam ter sido feitas num local mais adequado para o "surf rock" dos Beach Boys: Havaí. Participaram do especial alguns convidados, como Ray Charles e Patrick Duffy (o querido Bobby Ewing, do seriado *Dallas*).

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior

(N) indica novidade na parada

(R) retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(2)	*Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
2	(1)	*1975-1985* — **Bruce Springsteen & E-Street Band** (Col.)
3	(3)	*Third Stage* — **Boston** (MCA)
4	(4)	*The Way It Is* — **Bruce Hornsby & the Range** (Polygram)
5	(N)	*Different Light* — **Bangles** (Columbia)
6	(5)	*Fore!* — **Huey Lewis & the News** (Chrysalis)
7	(N)	*Night Songs* — **Cinderella** (Mercury)
8	(N)	*True Blue* — **Madonna** (Sire)
9	(8)	*Every Breath You Take — The Singles* — **Police** (RCA)
10	(6)	*Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)

Compactos (EUA)

1	(N)	"C'est la Vie" — **Robbie Nevil** (EMI)
2	(8)	"Shake You Down" — **Gregory Abbott** (Columbia)
3	(N)	"At This Moment" — **Billy Vera & the Beates** (Rhino)
4	(N)	"Control" — **Janet Jackson** (A&M)
5	(2)	"Walk Like an Egyptian" — **Bangles** (Columbia)
6	(N)	"Open Your Heart" — **Madonna** (Warner Bros)
7	(5)	"Notorious" — **Duran Duran** (Capitol)
8	(N)	"Land of Confusion" — **Genesis** (Atlantic)
9	(3)	"Everybody Have Fun Tonight" — **Wang Chung** (Geffen)
10	(N)	"Change of Heart" — **Cyndi Lauper** (Portrait)

LPs (GB)

1	(2)	*The Whole Story* — **Kate Bush** (EMI)
2	(5)	*Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
3	(N)	*Now That's What I Call Music 8* — **Vários** (EMI/Virgin)
4	(9)	*True Blue* — **Madonna** (Sire)
5	(N)	*Live Magic* — **Queen** (EMI)
6	(1)	*Every Breath You Take — The Singles* — **Police** (A&M)
7	(3)	*Hits 5* — **Vários** (CBS)
8	(8)	*Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Vertigo)
9	(N)	*Silk and Steel* — **Five Star** (Tent)
10	(N)	*Sweet Freedom* — **Michael MacDonald** (Warner Bros)

Compactos (GB)

1	(N)	"Reet Petite" — **Jackie Wilson** (SMP)
2	(8)	"Caravan of Love" — **Housemartins** (Go! Discs)
3	(N)	"It Is Love?" — **Alison Moyet** (CBS)
4	(N)	"Open Your Heart" — **Madonna** (Sire)
5	(N)	"Big Fun" — **Gap Band** (Total Expience)
6	(N)	"Cry Wolf" — **A-ha** (Warner Bros)
7	(N)	"Jack Your Body" — **Steve "Silk" Hurley** (London)
8	(2)	"Final Countdown" — **Europe** (CBS)
9	(3)	"Sometimes" — **Erasure** (Mute)
10	(N)	"C'Est la Vie" — **Robbie Nevil** (Manhattan)

LPs Independentes (GB)

1	(4)	*Bed Time for Democracy* — **Dead Kennedys** (Alt. Tentacles)
2	(N)	*Pictures of Starving Children* — **Chumbawumba** (Agit Prop)
3	(7)	*Quirk Out* — **Stump** (Stuff)
4	(6)	*Hit By Hit* — **Godfathers** (Corporate Image)
5	(1)	*Your Funeral... My Trial* — **Nick Cave & Bad Seeds** (Mute)
6	(2)	*The Moon and the Melodies* — **Cocteau Twins** (4AD)
7	(N)	*NME 86* — **Vários** (Rough Trade)
8	(10)	*The Queen is Dead* — **Smiths** (Rough Trade)
9	(N)	*In the Pines* — **Triffids** (Hot)
10	(N)	*Wonderland* — **Erasure** (Mute)

Compactos Independentes (GB)

1	(2)	"Kiss" — **Age of Chance** (Fon)
2	(8)	"Into the Groovy" — **Ciccone Youth** (Blast First)
3	(1)	"Sometimes" — **Erasure** (Mute)
4	(N)	"Peel Sessions" — **Joy Division** (Strange Fruit)
5	(N)	"Stumbo" — **Wise Blood** (Some Bizzare)
6	(7)	"Steaming Train" — **Tallulah Gosh** (53rd & 3rd)
7	(N)	"Going to Heaven to see if It Rains" — **Close Lobsters** (Fire)
8	(5)	"Poppiecock" — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
9	(N)	"Throw Away" — **Mighty Mighty** (Chapter)
10	(N)	"Snakedrill" — **Wire** (Mute)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA, de 12 a 31/01/86), New Musical Express e Melody Maker (GB, de 03 a 24/01/86)

A EMI-ODEON APOSTOU NO SUCESSO DE UMA LEGIÃO.

1º MELHOR GRUPO NACIONAL - LEGIÃO URBANA

1º MELHOR LP NACIONAL - LEGIÃO URBANA II

1º MELHOR VOCALISTA NACIONAL - RENATO RUSSO (LEGIÃO)

1º MELHOR CLIP NACIONAL - TEMPO PERDIDO (LEGIÃO)

3º MELHOR INSTRUMENTISTA NACIONAL - JOÃO BARONE (PARALAMAS)

3º MELHOR CLIP NACIONAL - ALAGADOS (PARALAMAS)

1º MELHOR REVELAÇÃO INTERNACIONAL - BIGUE SIGUE SPUTNIK

3º MELHOR CLIP INTERNACIONAL - LOVE MISSILE F1-11 (S.S. SPUTNIK)

3º MELHOR MÚSICA NACIONAL - ATÉ QUANDO ESPERAR (PLEBE RUDE)

2º MELHOR REVELAÇÃO NACIONAL - RINS AFRICAE

3º MELHOR GRUPO INTERNACIONAL - TALKING HEADS

E ESTA LEGIÃO ESTÁ CADA VEZ MAIS URBANA.

EMI

Nesta eleição nós votamos em você!

RICARDO LEITE e SERGIO VALENTE

BIZZ 13

Promoção válida até 31/03/87

GUARANTIA GARANTIDA PELO FABRICANTE DOS RELÓGIOS ENVOLVIDOS

ENGRAÇADO, É ANTIQUÁRIO OU FUTURISTA? PÓS-MODERNO OU PRÉ-ANTIGO? É UMA QUESTÃO DE TEMPO. E VOCÊ TEM TODO O TEMPO DO MUNDO. ALTERNATIVA QUARTZ. MASCULINO OU FEMININO. PENSE NISSO.

TEMPOS MODERNOS

1.700,

EXCLUSIVIDADE
MESBLA

LANÇAMENTOS

FRESH FRUIT FOR ROTTING VEGETABLES — Dead Kennedys (Continental)

Seria cômico se não fosse trágico. No exato momento em que é lançado no Brasil — com seis anos de atraso — o disco de estréia da banda, o Dead Kennedys, formado por East Bay Bay (guitarra), Klaus Flouride (baixo, vocais), Ted (bateria) e Jello Biafra (líder, vocalista e compositor), anuncia sua dissolução. Tudo leva a crer que o grupo sucumbiu ao peso dos dois processos que tem nas costas, provocados pela capa polêmica de seu penúltimo LP, *FrankenChrist*. Amargo final de uma luta desigual. Como seu nome indica, o Dead Kennedys mergulhou fundo seu dedo de metal na ferida da má consciência do seu país, atacando o sistema em todas as frentes. Visualmente, *Fresh Fruit* é um modelo de marketing, com uma apresentação muito cuidada (e fielmente restituída nesse lançamento nacional). Culturalmente, as denúncias ensandecidas de Jello Biafra atacam o terror armamentista ("Kill The Poor", "When Ya Get Drafted"), apontam para o suicídio ("Forward To Death"), encenam os comportamentos patológicos extremos ("I Kill Children") como conseqüências lógicas da decadência da civilização.

Musicalmente, o som oscila entre o rock de garagem e a energia pura do hard-core — composições curtas e diretas, de intensidade máxima, concebidas como explosões. Nesse contexto, cada instrumento é uma arma e se beneficia de uma produção limpa, sem enfeites, com uma excelente definição de seu som, em oposição ao punk saturado dos Sex Pistols. Dois grandes momentos: em "Chemical Warfare", uma mortífera nuvem de gás amarela cai sobre um seleto clube de golf. Na hora do desastre, uma valsinha de realejo. "Holiday in Cambodia" é um clássico do punk-rock de todos os tempos. Loucura e morte. O DK continua assim a tradição dos "death discs", fortemente enraizada na música country. Imperdível. *J.Y.N.*

ARETHA — Aretha Franklin (RCA)

Que a Lady Soul tem um vozeirão, isso é inegável. Mas que esse disco fica abaixo de suas potencialidades, isso fica. É um trabalho completamente voltado para o superpop, recheado de teclados, arranjos bantas e músicas que miram direto o alvo das paradas de sucesso. Até aí nada de mais. Mas Aretha não precisa disso. Ela não está na lama como Tina Turner antes do estouro de 84. Ela não precisa de duetos com George Michael nem de visual modernho. Até sua regravação de "Jumpin' Jack Flash" dos Stones, com produção de Keith Richards, é dispensável. Ainda bem que ela tem um vozeirão, senão... *T.L.*

NU BRASIL — Vinicius Cantuária (EMI-Odeon)

Um LP equilibrado, com bons arranjos e canções razoáveis, nem sempre funciona. É o caso do quinto disco de Cantuária. A dezena de canções que ele cimentou no vinil mostra faces do amor. Elas se parecem demais, cheias de clichês musicais e poéticos. Apesar de integrado, o disco não evolui. Repete-se. A melhor canção, "Clichê do Clichê", pinta um quadro colorido sobre a monotonia do acasalamento e parece ela própria aconselhar Cantuária quanto à melhor forma de fazer o próximo LP: "Chega de drama banal". *L.A.G.*

INSIDE STORY — Grace Jones (EMI-Odeon)

Oh, Grace! Dez anos já se passaram. Você surgiu do nada para conquistar as passarelas da moda parisiense, lembra? Foi então que o artista/playboy Jean-Paul Goude descobriu que você também cantava. Aí, você viu *la vie en rose* e se tornou rainha do disco, mito. Com sua beleza fria você foi o símbolo da era do computador e do vídeo. Depois, você voltou para a sua Jamaica natal onde gravou três discos que ficam para a eternidade: *Warm Leatherette* (80), *Nightclubbing* (81) e *Living My Life* (82), com Sly Dumbar e Robbie Shakespeare, os músicos de Bob Marley. Em 85, de volta à Europa, você ficou escrava do ritmo tecno-funk. Mas agora, Grace? Entregou tudo nas mãos do produtor-vampiro Nile Rodgers (Chic, Bowie, Duran Duran) que faz o diabo e até canta! Suas composições perderam muito — volta para a sua terra, Grace! *J.Y.N.*

FORE! — Huey Lewis and the News (CBS)

Este é um grupo que conseguiu a alquimia quase perfeita de ser bastante pop e ao mesmo tempo muito rock, daqueles que tocam bem em rádios-listões e em alternativas, sem que uma coisa afete a outra. Escuta-se o disco sem maiores surpresas. O som é feijão-com-arroz, sabemos quando vai entrar o refrão, mas tudo bem. A voz de Lewis é agradável, os músicos seguram bem e não se pode exigir mais que isso do grupo. Há um outro, Bruce Hornsby and the Range, que lembra ligeiramente este. Pudera. O disco de estréia dele foi produzido por Huey Lewis, que em troca gravou aqui "Jacob's Ladder", de Hornsby. *T.L.*

EVERY BREATH YOU TAKE — Police (Polygram)

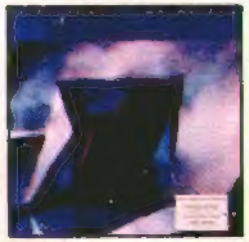
De 78 a 83, o grupo de Stewart Copeland, Sting e Andy Summers esteve sempre no veio certo da renovação pós-punk do rock. E, como no caso de outras bandas inovadoras, sua fórmula simples e exata foi copiada e copiada, a ponto de perdermos o apreço pelo original... Esta coletânea, soberba, põe as coisas no lugar. Fora uma ou outra bobagem, o Police era perfeito; a formação compacta, a boa referência étnica (reggae) retrabalhada até a perfeição plástica, a tremenda economia nos arranjos, a inspiração e o bom gosto que "limpam" e justificam a inocuidade do pop. A nostálgica regravação de "Don't Stand So Lose to Me" dá a medida exata do que nós — público e músicos — perdemos. Chó, Sting solo! *A.A.*

AI AI AI DE MIM — João Bosco (CBS)

MPB tornou-se uma sigla tão oca quanto Sunab. A exceção é João Bosco, que possui antenas de precursor. Em *Cabeça de Nego*, ele fez esculturas silábicas num disco irrepetível e anunciador da atual moda afro. Agora, Bosco recua para a canção romântica e a mescla das batidas brasileiras e caribenhas. Um recuo tático, pois avançar na ousadia significaria perder público. A solução foi dosar arranjos e romantismo acessíveis com certo atrevimento rítmico. Das dez faixas, duas saltam aos ouvidos. "Si Si No No" carrega nas tintas pop, com fusões rítmicas e balanço. Mais ousada, "Bolerando com Ravel" converte o famoso "Bolero" em quase-conga pontilhada de interjeições. O recuo de Bosco resultou numa estimulante fórmula para quem fizer a futura música pop colonial-praieira.

Luís Antônio Giron

THE BRIDGE — Billy Joel (CBS)



O nova-iorquino Billy Joel vem de um passado como cantor de cabaré que por pouco não ceifou-lhe a credibilidade crítica quando ele abandonou o piano-bar para desfilar em estádios um repertório de canções românticas urbanas. Esta luta acabou rendendo a Joel elogios que nos momentos mais efusivos o comparavam a Lennon & McCartney. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Como comprova *The Bridge*, Joel é um compositor de mão-cheia, com grande competência para canções pop de amor (é ótima "A Matter of Trust"), mas quando tenta ser grandiloquente ("Baby Grand", dueto com Ray Charles) Joel escorrega. *J.E.R.*

CONCERTOS PARA PIANO N.°s 13 e 15 de MOZART — Malcolm Bilson ao piano e English Baroque Soloists (Polygram)

O tecladista inglês Bilson e os solistas barrocos conduzidos por John Eliot Gardiner fazem o que há de melhor na restauração de leituras pré-românticas com instrumentos de época. Da integral dos 23 concertos para piano e orquestra de Mozart, este é o segundo LP lançado no Brasil. Bilson e orquestra elaboram hipoteticamente versões. Fugindo do museu habitual, constroem momentos inéditos com obras puídas pelo uso de gerações de intérpretes. Com isso, os concertos ganham vida e conseguem levar o ouvinte a vivê-los com prazer. *L.A.G*

GET CLOSE — Pretenders (WEA)

É ótimo ter filhos, mando e uma vida caseira pacífica e harmoniosa. Há pessoas que dão um braço e uma perna para atingir esse ideal. É gostoso ser feliz. Mas que mal a felicidade traz ao rock'n'roll...

Desde que casou com Jim Kerr e coassinou com ele um bebê, Chrissie Hynde perdeu o gume afiado que caracterizara seus primeiros anos nos Pretenders e passou a regurgitar as delícias domésticas em canções dóceis. *Get Close* tem suas odes ao lar e à família — "My Baby" e "The Chill Factor" são alguns exemplos. Mas aliada aos novos "pretendentes" T. M. Stevens (baixo) e Blair Cunningham (bateria) e ao fiel Robbie McIntosh (guitarras e vocais) Chrissie criou uma coleção de faixas argutas e incisivas. Em "How Much Did You Get For Your Soul" ela metralha o cinismo de artistas que vendem sua credibilidade ao marketing. *J.E.R.*

THIRD STAGE — Boston (MCA/WEA)

Tom Scholz fez de tudo nos dois últimos anos para lançar esse terceiro LP do seu Boston. Produziu, mixou, tocou muitos instrumentos e trouxe de volta para gravar o vocalista Brad Delp e o guitarrista Gary Pihl (esse para pelo menos uma faixa). Apesar dos seus esforços o resultado é um disco para caras menos exigentes. Até contém umas faixas bonitinhas, como as melosas "Amanda" e "My Destination", que vão fazer a festa de alguns programadores de FMs. E pouco mais. *L.R.*

MUSIC FROM THE EDGE OF HEAVEN — Wham! (CBS)

Como fazer sucesso? Ninguém respondeu melhor a esta questão que a dupla inglesa. George Michael — autor da maioria das músicas dos três LPs do Wham! — e Andrew Ridgeley desfizeram a sociedade no ano passado e lançaram este derradeiro LP. Ele enfeixa oito faixas onde tolices gostosas como "Last Christmas", de 1984, convivem sem monotonia com estímulos dançantes, como a negra "Wham! Rap'86". Um canto de cisne, enfim, didático. *L.A.G.*

THE RODGERS AND HART SONGBOOK — Sarah Vaughan/THE JOHNNY MERCER SONGBOOK — Ella Fitzgerald (Polygram)

Eu não consigo, e nem gostaria, de parar de ouvir estas coisas, desde que, na tenra infância, acompanhava os ensaios de uma grande orquestra de baile da qual minha tia era a crooner. Cresci com estas magníficas e sensíveis melodias, com todos estes naipes de metais, com todo este romantismo. Esta é uma crítica apaixonada. Leitores, eu vos peço: ouçam, até furar. Rodgers, o compositor, e Hart, o letrista, trabalharam juntos 25 anos, principalmente para Hollywood e os musicais da Brodway. E produziram alguns dos melhores momentos da música no século, como a bela canção "My Funny Valentine" e "Bewitched", de letra brilhante, ou ainda "My Heart Stood Still", regravado quatro décadas depois pelos Mamas and the Papas. Tudo na voz da deusa Vaughan. Um arrepio geral. E Johnny Mercer foi um exímio letrista, que trabalhou com compositores como Woody Herman, Carmichael, Jerome Kern e Mancini. Também muito para cinema e musicais. A mais conhecida é a difícil e intrincada "Laura", para o cult movie do mesmo nome. Ella está com a corda toda, escorada em arranjos competentíssimos de Nelson Riddle. Quem não se emocionar com faixas como "Skylark" pode tratar de tirar o coração do armário. *J.E.M.*

LANÇAMENTOS

MESTIÇO É ISSO — Moraes Moreira (CBS)/**AÍ EU LIGUEI O RÁDIO — Trio Elétrico Dodô e Osmar** (RCA)/**NEON DOS GUETOS — Missinho** (Epic)/**GRITOS DE GUERRA — Chiclete com Banana** (Continental)

Moraes dá uma geral no mix racial de sua terra, com muito som afro-caribenho, além dos frevos e músicas de Carnaval de sempre. Há participações do cantor falado Caetano Veloso em "Bloco do Povo" e do secretário Gil em "Salvador É um Porto Seguro", mas o forte é o delicioso e sensual samba "Morena". Mais uma vez, Moraes se dá mal nas faixas de andamento lento, que pedem voz mais firme, como em "Sintonia", uma espécie de balada robertocarlina lusa, e no reggae "Salvador". Belas idéias atrás de "Outros Meninos", em defesa dos menores abandonados. No Trio Elétrico, a moçada continua estraçalhando, com Armandinho à frente. Mais sensualidade em "Depois que o Ilê Passar" ("Vamos pra cama, meu bem"). "Além-Mar", com uma linda abertura e um solo arrasa-quarteirão de Armandinho, já pode entrar de cara no ranking das melhores de 87. Este é presença obrigatória na estante, principalmente para quem acha, como em "Brilho de Cor", que "quem anda na linha é o trem". E caiamos na gandaia, que ninguém é de ferro. *Já Neon dos Guetos* nos mostra, em carreira solo, Missinho, ex-Chiclete com Banana, e uma espécie de Pepeu Gomes dos anos 80, com cabeleira e olhar hippão. Ainda falta cintura para este novo ovo do Recôncavo, mas a animação e o potencial do garoto salvam este caldeirão onde entram merengue, deboche, jongo, reggae, ijexá e samba. "Merengue Tropical" dá um bailaço. E dá-lhe mais sensualidade em "Guajira": "Ardente tesão/latejando em tua mão orgasmo quente e feliz". Já Chiclete com Banana é muita paz e amor, cara. Infantil, às vezes, como uma Turma do Balão Mágico baiana. E olha que já é o quinto LP. *José Eduardo Mendonça.*

LEATHER JACKETS — Elton John (Polygram)

O grão-duque do pop viveu o ápex de sua carreira nos anos 70, quando uma enxurrada de hits — "Goodbye Yellow Brick Road", "Philadelphia Freedom" e "Crocodile Rock" são alguns — pavimentou sua estrada para o superestrelato. Desde então Elton vem cavalgando altos e baixos com faixas lineares demais para ressuscitarem a genialidade trivial de seu dourado — senão vulgarete — passado.

A um passo da meia-idade, Elton ainda merece, porém, o título de bom ourives pop — conforme atestado pelas ótimas "Heartache All Over the World" e "Angeline" (esta última gravada com o baixista John Deacon e o baterista Roger Taylor, ambos do Queen), duas centelhas de perspicácia e *élan* pop. No restante do álbum, Elton divaga, divaga, divaga... até que naufraga na incapacidade de ser ele mesmo, 10 anos atrás. *J.E.R.*

STILL STANDING — Jason and the Scorchers (EMI-Odeon)

Foto D. Gualtieri

As boas bandas de rock americano deixaram as "complicações" e redescobriram o puro rock'n'roll. Quem não faz hardcore ou psychobilly mexe no baú de rock, blues, country, mistura tudo com linguagem atual e cria um estilo próprio, como é o caso dos ótimos Tumbuk 3 e Fetchin' Bones. Jason & the Scorchers também fazem isso muito bem e cunharam até um novo rótulo: o cow-punk.

Com este segundo a banda mantém a ótima batida do disco de estréia, *Lost and Found*, e ainda traz uma gostosa regravação de "19th Nervous Breakdown" dos Stones. Se você não vai embarcar no funk e cansou de tecno-pop, aqui está uma boa opção. *T.L.*

BAND OF GYPSYS 2 — Jimi Hendrix (EMI-Odeon)

Foto D. Gualtieri

Hendrix é o mais sensacional, completo e inovador guitarrista que este planeta já conheceu. E ponto final. Isso dito, é evidente que qualquer material inédito de Jimi seja de grande interesse. No caso deste álbum o interesse é duplo, pois trata-se de uma compilação *live* que contém três faixas dos legendários shows de fim de ano que Hendrix fez no Fillmore East, em 1969. Esqueça o lado B — *takes* inócuos e seqüenciados no vinil, ao contrário do que anuncia a capa. Fique no Fillmore. Apesar da péssima qualidade de som ("Foxy Lady" parece pirataria de cassete), as faíscas da genialidade de Hendrix não deixam de deliciar.

Em todo caso, não deixe de conhecer o primeiro álbum *Band of Gypsys*. Esse, sim, é *o* Hendrix. *J.E.R.*

L IS FOR LOVER — Al Jarreau (WEA)

Às vezes soa arrumadinho como um Marvin Gaye banhado de musak. Ou como uma espécie de êmulo do Manhattan Transfer, com alguns vocais elaborados e mesmo de bom resultado. Às vezes lembra som para yuppie levar a gatinha para dançar nos embalos de um dos Gallerys da vida. E, no geral, como em "Pleasure", parece um cantor que tem à sua disposição um enorme arquivo computadorizado de canções fáceis e ligeiramente diversas — um sambinha safado, um funkinho mais pro mogadon, um sonzinho mais "artístico" — a partir do qual compor o mix sonoro de seu próximo LP, insosso e exasperantemente igual ao anterior. Não que Jarreau não tenha razoáveis dotes vocais. Até tem. O problema, repito, é o repertório. De qualquer maneira, os costumeiros compradores de seus discos não parecem ter ou dar ouvidos para mais que isso.

J.E.M.

CHICAGO 18 — (WEA)

Esse realmente é para quem vai apenas completar sua coleção de Chicago (atualmente qualquer trocadilho com o nome é permitido). E, depois de ouvi-lo, vai guardá-lo devidamente em sua estante e voltar a ouvir cada vez mais os mais antigos, quando (menos descaracterizado) eram o Chicago Transit Authority. Ou até os tempos de Terry Kath (já falecido) ou do brasileiro Laudir de Oliveira. O que se ouve nesse *18*, com toda a tecnologia atual possível, não impressiona. E é uma afunkalhação demais para branco americano. A coisa fica sem tempero e só a metaleira é quem se vira. *L.R.*

NOTORIOUS — Duran Duran (EMI-Odeon)

Reduzido basicamente a um trio, Duran Duran está de volta por pura obrigação, com um disco feito apenas para saciar os fãs e engordar um pouco mais as contas bancárias de Nick, John e Simon. Não seria exagero dizer que talvez seja o último disco do grupo. Soa como se fosse.

No vinil, nada demais. A ressaltar a boa produção de Nile Rodgers, que raramente decepciona. Apelam duplamente para Hitchcock — com o dançante e hit-síngle que dá nome ao disco, e com "Vertigo (Do the Demolition)". Nada que seus concorrentes A-ha, Wham! e outros não tenham feito melhor ou igual. No final, ficam saudades dos tempos neo-românticos do LP de estréia e a vontade de gritar: No-No-No-Duran Duran! *T.L.*

INTEGRAL DOS TRIOS PARA PIANO DE SCHUBERT — Trio Beaux Arts (Polygram)

Eis um disco essencial. Formado há 32 anos nos Estados Unidos, o Beaux Arts é o grande trio da atualidade. A unidade em três se perfaz na sonoridade do piano de Menahem Pressler, do violino de Isidore Cohen e do violoncelo de Bernard Greenhouse. Já tendo gravado os trios completos de Beethoven e Haydn, o Beaux Arts encontrou em Franz Schubert (1797-1828) um desafio diferente. Os quatro trios do compositor exigem a contenção lírica do executante, que deve extrair minúcia de cada modulação e o lirismo de cada tema melódico para criar uma obra romântica, mas exata. O Beaux Arts conseguiu recobrar o sentimentalismo do compositor austríaco e criar a melhor versão existente dos trios. *L.A.G.*

AO VIVO — Kid Abelha e os Abóboras Selvagens (WEA)

Venhamos e convenhamos. Apesar do fel ferrenho e venenoso da crítica, Paula Toller, com sua voz tão "normal" e seu grupo de nome tão estúpido, conseguiu conquistar uma legião (urbana) nos recantos mais distantes deste país afora. Nesse disco, justamente e exclusivamente para os fãs, os Abóboras aproveitam para fazer um balanço geral de sua carreira, alinhando seus principais sucessos ("Fixação", "Nada Tanto Assim", "Como Eu Quero") diante de 20 mil pessoas (diz a capa) prontas para entoar aqueles refrões fáceis que tantos procuram desesperadamente tirar da cabeça. O ambiente geral do show oscila entre o baile de praça do interior e um especial da Globo (será por causa da farta presença dos sopros?). Moral da história: os cães latem, as abóboras passam. E ocupam o terreno. *J.Y.N.*

RAPTURE — Anita Baker (WEA)

O que é excessivo e calculado no novo disco de Aretha Franklin, neste de Anita Baker é na medida. Outra cantora de voz arrasadora, Anita se concentra apenas em baladas, todas bem arranjadas, e nunca é engolida pela produção, mesmo sendo a produtora executiva do disco. Com isso, ela colocou *Rapture* entre os melhores de 86 na pesquisa dos críticos do semanário inglês *New Musical Express*. Merecido.

Assim, Anita está para o suave como Aretha está para o agitado, e pode-se até arriscar comparações com os trabalhos de Sade Adu — ambas são bastante jazzy. *T.L.*

SCOUNDREL DAYS — A-ha (WEA)

O A-ha é mais interessante por seus belíssimos videoclips, como os de "Take on Me" e "Hunting High and Low", do disco de estréia, que por suas qualidades musicais. Como nórdicos, acrescentam pitadas de música clássica sutilmente disfarçadas entre as frases dos teclados eletrônicos, e com isso conseguem uma distinção — não se tornam tão repetitivos como seus concorrentes.

O disco é visivelmente dividido em lado romântico e lado dançante, e a alta produção funciona bem, não atrapalhando os intentos do grupo, o de agradar seus fãs e cavar boas posições nas paradas internacionais. Se você cansou de Simon Le Bon, varie com Morten Harket... *T.L.*

CLUB PARADISE — Jimmy Cliff (CBS)

Um disco de Jimmy Cliff fantasiado de trilha sonora de um filme do tipo "Os Trapalhões no Clube Mediterranée" é para deixar qualquer reggaemaníaco meio desconfiado. Basta ouvir uma vez, as canções combinam perfeitamente com a foto da capa. Não passa sequer uma nuvem no céu e nada vem escurecer o reggae sem compromissos, transparente como as águas do Caribe, que flui nas dez faixas desse disco.

Ah! Eu ia esquecendo: Elvis Costello, baleia velha encalhada por acaso naquelas praias, veio dar uma canja, lembrando os bons tempos da new wave, com produção de Nick Lowe e tudo. No conjunto, nada que faça você levantar da sua cadeira de praia. Tudo flui na santa paz e no bom humor. "O leão desperta", canta Cliff. Boceja e volta a dormir. *J.Y.N.*

MADE IN U.S.A. — Beach Boys (EMI-Odeon)

Foto D. Gualtieri

Os atrativos deste pacote musical comemorativo dos 25 anos dos Beach Boys são muitos. Quem nunca conheceu a música do grupo mais importante e influente dos anos 60 nos Estados Unidos pode saborear agora pérolas como "Surfin' Safari" (de 1962), "California Girls" (ressuscitada recentemente por *Lu* Roth), "Fun, Fun, Fun" e "I Get Around". Mas o supergancho são as quatro faixas do antológico álbum *Pet Sounds*, inédito no Brasil e o correspondente americano a *Sgt. Pepper's*, dos Beatles — pop misturado a diversas e inusitadas culturas musicais, canções tratadas como peças interligadas. E tem "Heroes and Villains", tirada do álbum *Smile*, jamais lançado pelo grupo, e até agora mantido em segredo pelos irmãos Wilson. *J.E.R.*

SANDRA SÁ — Sandra Sá (RCA)

É curioso que o maior sucesso da diva do soul carioca tenha sido, até este quinto LP, um samba: "Enredo do Meu Samba", de 1984. Intérprete e tanto, ela poderia cantar mais sambas e ganhar fácil popularidade. Mas orientou-se pelo balanço de Tim Maia. Neste LP, ela prova que a escolha rendeu sucesso. As doze faixas exibem uma coleção de funks de subúrbio (como "Usa e Abusa", de Mendes e Sandra) e irresistíveis canções de paixão ("Entre Nós", de Sullivan & Massadas). Lincoln Olivetti — o Pasteur dos trópicos — fez os arranjos, surpreendentemente bem armados, com eficiente cozinha rítmica. Um disco de fazer inveja a Tim Maia. *L.A.G.*

RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO

[illegible] entra ano, sai ano, cada um deles comparece às prateleiras [illegible] que celebram a coerência — repetitividade? — de suas carreiras. E o caso de **Maria Bethania**. O "mano" Caetano e Guto Graça Mello deram uma senhora mão na produção, transportando Bethânia para os tempos modernos com uma sonoridade quase gilbertiana, de tão delicada. Uma vez digerido **DEZEMBROS** (RCA), no entanto, tem-se a impressão de que este é o mesmo disco que Bethania vem fazendo desde a década passada. O Rei **Roberto Carlos**, por outro lado, se deu bem no truque de revigorar sua cara musical. No 1 456.º disco anual que leva seu nome, o Braxa deu uma geral nos arranjos, no repertório e [illegible] saiu-se com o melhor disco de sua carreira em muito tempo. Reparem: ele não lembra Jorge Ben em "Nega"? ⊗ A visão de **Don Johnson** na TV já deve ter encharcado muita calcinha. Mas será que a voz de **HEART BEAT** (CBS) fará o mesmo truque? Como ator, Johnson é passável. Como cantor (e compositor, em duas faixas), ele é... passável, também! Dickey Betts (ex-Allman Bros.), Ron Wood, Willie Nelson, Stevie Ray Vaughn e Dweezil Zappa (filho de Frank) dão aquele alô! ⊗ E por falar em "a little help", Philips Bailey reuniu Phil Collins, Jeff Beck [illegible] quem conseguir identificá-lo no disco ganha uma permanente para o [illegible], Tina Hazim e to[illegible] CBS) já chega defasado até nós, pois Bailey está de volta ao estúdio com seus velhos companheiros do Earth, Wind & Fire. ⊗ Em **NÓS, ANDRÓIDES** (Boas, independente), Ricardo Villas tira da cartola uma reunião de excelentes gargantas canoras do Momentoquatro, grupo que ele formara nos anos 60 com Maurício Maestro, David Tygel e Zé Rodrix. É um álbum que passeia entre o tristonho e o otimista, com um pendor acentuado para a economia nos arranjos. ⊗ A única coisa que vale a pena no álbum solo de **EL DEBARGE** (RCA) é a produção de Peter Wolf em duas faixas: "Who's Johnny" e "Don't Say It's Over". O resto é Menudo funkeado. E de Menudo, rapeize, já estamos fartos, certo?

J E R

BOLSA DE DISCOS

	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Sublime
Carlos Arruda	☺	☹	☺	☺	☹	●
Thomas Pappon	☺	☹	●	☺	●	☺
Alex Antunes	☺	☹	☹	☺	☹	☺
Luis Antonio Giron	☺	☹	☺	☺	☺	☺
Jose Eduardo Mendonça	☺	☹	☺	☺	●	☺
Leopoldo Rey	●	☹	☹	☺	☹	☹
Jean-Yves de Neufville	☺	☹	☺	☺	☺	☹

Bom · Interessante · Razoável · Lixo

PHILADELPHIA

LIBERDADE EM PRIMEIRO PLANO

[illegible]

O 1º GRANDE LANÇAMENTO DO ANO.

ANA

JÁ NAS LOJAS.

EM DISCOS E FITAS

PolyGram

LANÇAMENTO

DE VOLTA PARA O FUTURO (Backing to the Future, 1985)

Direção Robert Zemeckis. Com Michael Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson. CIC Vídeo

Aproveitando a velha história da máquina do tempo, esta superprodução esbanja efeitos especiais da Industrial Light & Magic. As surpresas ficam por conta dos apuros que Marty (Fox) tem quando volta a 1955 conhecendo a própria mãe adolescente, que acaba apaixonada por ele. Se não há novidade no tema, a "embalagem" é bem curiosa. Christopher Lloyd é o cientista louco inventor da máquina, com expressões engraçadas. O escorregão final é que o garoto consegue "mudar" a realidade, numa daquelas típicas soluções americanas. Pode conferir.

C.G.L.

DRAMA

JOVENS SEM RUMO (Reckless, 1984)

Direção James Foley. Com Aidan Quinn, Daryl Hannah

Um garotão com casaco de couro dá cavalos-de-pau com sua moto na beira de um abismo. Lembra *Juventude Transviada*, mas é menos trágico. O rapaz em questão (Aidan, de *Procura-se Susan Desesperadamente*) se apaixona por uma das certinhas da escola. Eles são escolhidos para participar juntos de uma festa e acabam unidos pela carência dele e a frustração dela. Numa sequência inteligente, eles invadem a escola à noite, queimam as fichas de comportamento, soltam os bichos do laboratório e transam na sala de máquinas da piscina. Recomendado para indisciplinados em geral. (O diretor Foley é o mesmo de *At Close Range*.)

C.G.L.

HOTEL MUITO LOUCO (The Hotel New Hampshire, 1984)

Direção Tony Richardson. Com Beau Bridges, Jodie Foster, Rob Lowe, Nastassja Kinski.

O infeliz título em português lembra aquelas comédias amalucadas, que no fim, nem são tão engraçadas. Uma família, saída de um romance de John Irving, envolve-se no negócio de hotéis e, de quebra, com estupro, suicídio, terrorismo, assassinato e desgraças em geral. Bridges é o fracassado pai de um trio, uma anã, um homossexual, uma tarada e um saudável incestuoso. Mas nada se compara ao complexo de Nastassja, num papel menor: vestida de urso, com tendências homossexuais e se achando horrorosa. Uma gracinha. Mesmo que os risos saiam truncados.

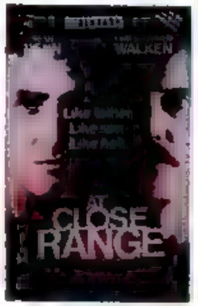
M.P.

DIVA (1981)

Direção: Jean-Jacques Beineix. Com Wilhelmenia Fernandez, Frederic Andrei

Este é um filme cheio de altos e baixos, com um grande vazio no roteiro que é compensado com ação, excentricidade e luxo na direção. Uma estréia muito pessoal de Beineix, que chega até nós com *Betty Blue* (*Luz na Sarjeta*), sua divagação *noir* com Nastassja Kinski, é o exemplo mais perfeito de sua sofisticação. *Diva* é a história de um carteiro (Andrei) com um conhecimento incomum de ópera. Obcecado por uma cantora purista (Wilhelmenia) que se recusa a gravar discos, ele se mete numa confusão ao mesmo tempo perigosa e ridícula. Empresários procuram uma fita pirata que ele fez de um recital da cantora e bandidos querem outra fita, em que ele guarda por acaso a prova contra uma quadrilha. Se fosse mais enxuto seria melhor. C.G.L.

AT CLOSE RANGE (1986)



Direção James Foley. Com Sean Penn, Christopher Walken

Drama policial, veículo para Sean, o marido de Madonna (que dá seu aval na trilha sonora, com o tema "Live to Tell"). Tem espaço até para uma carona de Christopher Penn, irmão de Sean na vida real e na trama. Mas, armação ou não, Sean é um ator de recursos e introduz interesse em uma história inócua, baseada em fatos reais. O filho de um criminoso ingressa na quadrilha do pai, mas se dá mal com a tal violência. Quer sair e casar mas já sabe demais.

A.A.

POLICIAL

DEATHTRAP (1982)

Direção: Sidney Lumet. Com Michael Caine, Christopher Reeve

Ira Levin escreveu, para a direção do eclético Lumet (*Rede de Intrigas*, *O Mágico Inesquecível*), um roteiro sobre sua própria peça policial homônima. Dizem que nos palcos o resultado desse texto repleto de humor macabro, bem, à inglesa, era melhor — mas ainda assim o filme é bem interessante. É um longo duelo verbal, emocional e armado entre Caine, que representa um autor decadente de peças policiais (!) e seu mais promissor discípulo (Reeve).

A.A.

FICÇÃO

MAX HEADROOM (1985)

Direção Annabel Jankel e Rocky Morton. Com Matt Frewer

Imaginem quem é o personagem principal da série de maior sucesso na Inglaterra? A imagem de uma cabeça falante gerada por um computador. Sim, este é Max Headroom, que, no ano passado, foi assunto de várias revistas. E o melhor: ele (Max) assinou um artigo na New Musical Express. Bem, como não temos acesso à série, este piloto, que conta a origem de Max, serve de introdução. Edison Carter é um famoso repórter de TV, que está se tornando inconveniente para a direção da rede. Ele é "sumado" e para substituí-lo, um precoce geniozinho do computador tem uma idéia brilhante. O ritmo vertiginoso e os diálogos bem-humorados completam o tempero.

B.A.

NO LIMITE DA REALIDADE (Twilight Zone, 1983)

Direção: John Landis, Steven Spielberg, Joe Dante, George Miller

Um filme em episódios (baseado na série de TV *Além da Imaginação*) muito esperado, de resultado meio frustrante. Landis não conseguiu montar muito bem seu episódio — que tinha um excelente roteiro — pelo trágico falecimento do protagonista Vic Morrow em um acidente nas filmagens. Spielberg e Dante se fixam no universo infantil: o primeiro do ponto de vista de velhinhos num asilo (com o ótimo Scatman Crothers), o segundo mostrando um garoto paranormal horrendo (!). Este último é bem curioso. Mas o melhor episódio, de longe, é o último, o do diretor australiano Miller (*Mad Max*), que conta a aterrorizante história de um vôo com um incômodo caronista... na asa! (veja a foto)

A.A.

GUERREIRO IMORTAL (Highlander, 1986)

Direção Russell Mulcahy. Com Christophe Lambert, Sean Connery, Clancy Brown.

O segundo longa do diretor Russell — egresso dos videoclips — não é tão sensacional quanto se poderia esperar, depois de seu genial filme de estréia, *Razorback*. Ainda assim, essa curiosa lenda de imortais se defrontando através dos séculos, com algumas pitadas de humor e os ótimos Connery e Lambert (além do troglodita Brown) é razoavelmente interessante. A música do Queen é que é meio pentelha, com o incômodo a vocal de Freddie Mercury entrando nas horas erradas.

A.A.

MUSICAL

POLICE — EVERY BREATH YOU TAKE (1986)

Uma melancólica coleção de clips, não pela performance do trio — por sinal, muito animadinho nos vídeos — mas pela tristeza de sua dissolução e a certeza de que nenhum dos três membros fará nada tão bom em suas carreiras solo. As imagens são tão econômicas quanto o som: Sting representando algum tipo, Summers *in love* com a guitarra e Copeland batucando em latas de lixo, turbinas ou o que estiver ao alcance de suas baquetas. Mais pesado é o clima de "Don't Stand So Close to Me" versão 86, uma espécie de balanço final do grupo. O vídeo é ainda melhor que o excelente LP homônimo, incluindo "Synchronicity II".

A.A.

CURE — STARING AT THE SEA (1986)

Brilhante compilação dos desses clips do grupo, entre os quais o diretor Tim Pope insere trechos de filmes super 8 e vídeos amadores documentando apresentações ou sessões de estúdio. Um humor bizarro, meio morbido, amarra tudo, dos despojados vídeos para as excelentes canções do início da carreira ("10:15 Saturday Night", "A Forrest") até os geniais clips dirigidos pelo próprio Pope, o diretor que melhor se entende com Fat Bob e seus rapazes. "The Walk", "Love Cats", "Caterpillar Girl", "Close to Me" e "Inbetween Days" são as obras primas desta fase. "Boys Don't Cry" e "Jumping Someone Elses Train" são os melhores entre os antigos, este último com toda uma viagem de trem até Brighton — em câmera rápida!

A.A.

COMÉDIA

SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA (Splash, 1984)

Direção: Ron Howard. Com Tom Hanks, Daryl Hannah, Eugene Levy

Uma produção que retoma a lenda da sereia apaixonada por um humano. Eles se conhecem ainda crianças, quando o garoto, fascinado pela pequena sereia, se atira nas águas do mar. Aliás Daryl tem uma estranha atração por filmes em que os personagens aparecem crianças (veja também *O Clã do Urso da Caverna* e *Perigosamente Juntos*). Nesta *Splash*, as piadas casam bem com a ingenuidade. Quando pisa as ruas de Nova Iorque, a sereia ganha duas pernas. Em uma tarde ela aprende inglês e os traquejos da vida urbana pela televisão. O mais engraçado é a perseguição do cientista que tenta molhá-la para que ela volte a ter rabo de peixe. A estratégia dele é correr atrás da moça com um balde de água na mão... e os desastres são de muito bom humor.

C.G.L.

Vídeos cedidos pelas locadoras 2001 Vídeo (284-8019/8788, SP) e Remacon (826-4399, SP) e pela distribuidora CIC Vídeo

DARYL HANNAH

Bonita e enigmática, Daryl Hannah, a mais nova sensação de Hollywood, consegue transmitir suavidade e encanto sem estratégias artificiais. Nascida em Chicago em 1961, Hannah experimentou desde a infância um sentimento mágico de aversão e estranheza que a distanciava muito do mundo e das pessoas. Aos 7 anos, seus pais se divorciaram, e Hannah não lembra exatamente como foram os anos que se seguiram... até o segundo casamento de sua mãe com um empresário bastante rico. A partir de então, Hannah teve todas as mordomias e privilégios da classe alta americana, de escolas especializadas, a passeios pela Europa e Caribe.

Na escola, Hannah não era exatamente uma menina popular e sua magreza aumentava ainda mais sua timidez e inabilidade. "Eu comecei a dançar muito cedo em função de problemas de flexibilidade. Minha mãe achou que a dança poderia me ajudar..." Hannah foi aluna da estrela Maria Tallchief, primeira bailarina do Balé de Nova York, e todos acreditavam que ela ia seguir uma carreira clássica até o momento em que decidiu tornar-se uma atriz. Passou então a freqüentar os famosos curso do Goodman Theater e a se dedicar a áreas mais "profanas" da arte, como dança moderna, jazz e sapateado.

Quando terminou a escola, ela já optara pelo cinema, e o próximo passo era conseguir mudar-se para Hollywood. No início, as coisas foram difíceis, como sempre... "Eu era muito ingênua, e me sentia chocada o tempo todo." Depois de alguns equívocos e experiências desagradáveis, retorna a Chicago para ganhar forças. "Eu tinha, e continuo a ter de vez em quando, uma timidez inacreditável, às vezes eu mal consigo falar." Depois de muito trabalho e análise Daryl estava pronta para todos os desafios e as chances começaram a surgir.

Sua primeira aparição de destaque foi o papel da andróide Pris em *Blade Runner*, onde contracenava com Harrison Ford. Depois de tomar parte no triângulo amoroso de *Amantes de Verão*, ela se tornou realmente conhecida como a sereia de *Splash*. Sua sintonia com o personagem foi imediata e ela fez questão de gravar pessoalmente as difíceis cenas submarinas.

Em sua participação em *Perigosamente Juntos*, ela desenvolve de uma maneira madura e mais segura toda a sua capacidade de expressar sentimentos e sensações através do movimento, dos olhos, da sensualidade, do silêncio...

Maria Luiza Fontenelle

FILMOGRAFIA COMPLETA *(todos os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo). Blade Runner* (Blade Runner, O caçador de Andróides, 82); Summer Lovers* (Amantes de Verão, 82);* *Final Terror* (84); *Splash* (Splash, Uma Sereia em Minha Vida, 84); The Pope of Greenwich Village* (Nos Calcanhares da Máfia, 84); Clan of the Cave Bear* (O Clã do Urso da Caverna, 86); Legal Eagles (Perigosamente Juntos, 86)*

Foto Dennis et Mari Sola

O ETERNO RETORNO

Drama após drama, porrada após porrada, a banda de Chrissie Hynde sempre soube revidar. E aí está, de novo e com tudo, no LP *Get Close*. *José Emílio Rondeau* é quem desfia o calvário e a ressurreição...

A professora americana pediu à classe dois trabalhos. Numa página de papel as crianças deveriam escrever sua palavra favorita. Do outro lado da folha precisavam elaborar um poema a partir da palavra favorita. Chrissie, de 12 anos, trabalhou rapido: escreveu "Inglaterra", virou a página e traçou praticamente *todo* o planejamento de vida para seus próximos 20 anos.

O que Chrissie realmente delineou naquela página escolar é um segredo para o mundo. Sabe-se, apenas, que em 1973 ela saiu de Akron, Ohio, voou para a Inglaterra e lá fundou, três anos mais tarde, uma das mais importantes bandas da safra anglo-americana pós-punk: Os Pretenders. A banda sobreviveu a uma década tempestuosa, na qual dois integrantes originais sucumbiram ao canto de sereia das drogas — o guitarrista Jimmy Honeyman — Scott, primeiro e o baixista Peter Farndon, no ano seguinte —, Chrissie gerou duas filhas — uma, com o *Kink* Ray Davies, outra, com o *simple mind* Jim

Foto Frank Browning

Kerr —, demitiu seu antigo baterista — o tonitruante Martin Chambers — e, agora, reformulou radicalmente o grupo. Da década de 70, Chrissie Hynde é a única sobrevivente nos Pretenders.

O baixista T.M. Stevens (ex-Mahavishnu), o baterista Blair Cunningham (ex-Haircut 100) e o tecladista Bernie Worrell (ex-P-Funk, ex-Talking Heads) emprestam aos

Honeyman-Scott, Hynde, Farndon e Chambers: os Pretenders originais

Pretenders 86 uma versatilidade inédita à banda. Adicionados ao purismo blue do guitarrista Robbie McIntosh e ao ferino ataque que Chrissie empresta, os três novos músicos transportaram o nome Pretenders para um novo patamar artístico, mais sofisticado, distante do equivalente sonoro a uma gangue de motociclistas — o plano inicial de Hynde, quando elaborou a banda — mas sem perder sua assinatura.

Get Closer — o primeiro álbum da nova formação — reabilitou os Pretenders até mesmo comercialmente. "Don't Get Me Wrong", o *single*, tem o mesmo apelo popular da primeira gravação do grupo, "Stop Your Sobbing". Uma volta às raízes, talvez. Mais do que isso, contudo, uma reinvenção. Ou uma ressurreição, já que Hynde foi literalmente içada de uma letargia criativa pelo produtor Jimmy Iovine num momento particularmente crítico. Crente na máxima de que o lugar da mãe é perto de seus filhos, Chrissie não mais acreditava no rock'n'roll. Achava irrelevante trabalhar com algo com o qual não se identificava, àquela altura. A faísca inicial — aquela que catapultou Chrissie de Ohio para a Inglaterra — desaparecera. Hynde não conseguia mais achar prazer nas poucas vezes que tocava com seus músicos. Compor era impossível.

A saída natural para o impasse foi resgatar o passado. Com o produtor Steve Lilywhite pilotando os 48 canais do estúdio, Chrissie e os Pretenders gravaram um clássico de Jimi Hendrix, "Room Full of Mirrors". Satisfeitos com o resultado, passaram para "When I Change My Life". Foi um desastre — a banda não clicava mais. Chrissie voltou para casa e recolocou as filhas no colo. Kerr, o marido, telefonou, então, para o produtor Jimmy Iovine — que já trabalhara com o Simple Minds — e contou-lhe sobre os problemas de Hynde. A partir daí, diariamente Iovine telefonava para Chrissie perguntando sobre possíveis novas composições. A resposta era sempre negativa. Até que Iovine fez um lembrete: "Chrissie, sabe quando você preenche no passaporte a linha referente à profissão? No seu passaporte está escrito compositora. É isso que você é! Sua profissão é essa. Então, trabalhe".

Iovine, enfim, conseguiu levar os Pretenders para o estúdio. "No primeiro dia", relembrou Chrissie numa entrevista à *Musician*, "gravamos uma *demo* com todas as músicas e fomos ouvi-las. E eu pensando 'meu Deus, que pesadelo'. Os caras da banda não tinham [illegible] alguma [illegible] ouviam! No final, Jimmy me levou para o canto e disse: 'Estamos em apuros. Com esse material aqui conseguiremos fazer um bom álbum. Agora, não será um álbum excelente'. Respondi: 'Tudo bem. Trate de fazer valer o dinheiro que você está ganhando. Nos vemos amanhã'. E saí. Atirei a toalha no chão e entreguei o problema a Jimmy. No dia seguinte ele se reuniu com a banda e disse que ia experimentar trabalhar com outros músicos. Pegou o [illegible], chamou algumas pessoas e começamos de novo."

O recomeço custou aos Pretenders a cabeça do baterista Martin Chambers. No entanto, os reveses não são novidade para Hynde, acostumada a superar todo tipo de problema artístico ou pessoal desde que foi para a Inglaterra.

Para uma garota de Akron — algo semelhante a uma cidadezinha do interior de Goiás —, a Inglaterra era a coisa mais próxima do paraíso e, portanto, quase tão inatingível. O pior: tudo que a interessava — descontadas as paixões por James Brown, Dylan, MC5, Velvet Underground e, sobretudo, Iggy Pop — estava lá. Chrissie queria ser (ao contrário de [illegible]) Brian Jones, ter as mãos de Jeff Beck e as franjinhas de Jane Asher, então *paramour* de Paul McCartney. Conforme ela mesma disse à *Musician*, Chrissie é "um produto dos anos 60".

Na parede de seu quarto, Hynde pendurara uma capa do *New Musical Express* — já desde aquela época, o mais radical semanário da imprensa musical [illegible] com o Sr. Iggy [illegible] esbofeteando o mundo com seu olhar desafiador de cão raivoso. E, quanto mais olhava para a foto de Iggy, mais pensava na Inglaterra. Tanto pensou que foi para lá, munida de 500 dólares e três LPs — *Raw Power* (Iggy Pop), *Fun House* (Stooges) e *White Light White Heat* (Velvet Underground).

Num desses acasos históricos, pouco tempo depois de ter chegado a Londres, Chrissie foi a uma festa e lá conheceu justamente o repórter que havia escrito a matéria de capa com Iggy Pop, que tanto a inspirara. Impressionado com Hynde, o repórter quis iniciar um romance. Mas Chrissie só queria um emprego no *NME*. E conseguiu. Sem ter que pagar qualquer "ágio" romântico. Logo Hynde se tornou uma das darlings do *NME*. Ficou célebre a longa entrevista que fez com Brian Eno — a maior parte do longuíssimo papo girou em torno de pornografia.

Fora do trabalho como jornalista, Chrissie perambulava entre Londres e Paris à procura de músicos com quem tocar. A busca, entretanto, foi inútil e em 1975 ela retornou aos Estados Unidos, frustrada e magoada. Instalou-se em Tucson — detestável por seu calor e (como Chrissie explicou à *Spin*) pelo fato de ninguém saber na cidade quem era Bobby Womack. Tudo ia pessimamente até que um amigo francês telefonou — ele precisava de uma vocalista para a banda que estava formando em Paris. No dia seguinte Hynde estava de volta à França, cantando com os Frenchies.

Em 1976 ela retornou a Londres e iniciou uma série de curtas ligações com a comunidade musical da cidade. Com Mick Jones — mais tarde fundador do Clash —, Hynde compôs. Algumas dessas músicas, inclusive, apareceram no primeiro álbum do Clash. Malcolm McLaren, o astuto Golbery do punk, também se associou a Chrissie, que ele já conhecia dos tempos em que ela era balconista da butique World's End, criada por McLaren. Malcolm queria agora que Chrissie liderasse uma banda — The Love Boys. Só que ela precisaria aparecer travestida, fingindo que era homem. Chrissie não topou. Ele sugeriu então uma segunda opção: com Rat Scabbies (mais tarde baterista do Damned) ela formaria uma outra banda, Masters of the Backside. Teria dado certo, provavelmente, não fosse o desinteresse de todos — exceto Hynde —, que partiram para outras alternativas de trabalho.

Lemmy, baixista do Motorhead, era muito amigo de Chrissie, e sugeriu a ela que procurasse Gas, também baixista, que morava em Hereford. Hynde conheceu Gas

Fim de romance, álcool, drogas: o começo do desentendimento e o fim de dois anos maravilhosos

mas não gostou de um músico que despencava no chão a cada 15 minutos, doidão demais para tocar. Através de Gas, no entanto, Chrissie conheceu outro baixista (!), Peter Farndon. Como ela já tocasse guitarra — ainda que de maneira sofrível —, faltava apenas um baterista para começarem a trabalhar. Ela queria contratar Phil Taylor, do Motorhead, mas decidiu não dinamitar a banda de um amigo tão caro quanto Lemmy. Peter, no meio tempo, apresentou Chrissie a outro guitarrista, amigo seu de Hereford — Jim Honeyman Scott. De cara, Jimmy não simpatizou com Chrissie — para ele, lá de caderninho do pop, Hynde era apenas mais uma punk no pedaço. Chrissie, então, armou um estratagema para seduzir Scott. Ela já havia contatado o compositor/cantor Nick Lowe a respeito da banda que estava nascendo, e disse a ele que gostaria de tê-lo como produtor. Lowe sugeriu que gravassem uma de suas músicas, "Stop Your Sobbing". Chrissie concordou e ligou para Scott, sabendo de antemão que Jimmy simplesmente adorava o trabalho de Lowe. Antes que Chrissie pudesse usar sua isca, Scott se convidou para participar da banda. Mas ainda faltava o maldito baterista!

Martin Chambers — também relutante e também de Hereford — foi a escolha. Mas e o nome da banda? Por causa de uma história que ouvira sobre um Hell's Angel que era fã de Sam Cooke, Chrissie lembrou do título de uma das músicas do falecido mestre do soul — "The Great Pretender". Quando o empresário Dave Hill telefonou perguntando sobre o nome da banda — a em vias de ser contratada por uma gravadora —, Hynde sacou The Pretenders.

Os primeiros dois anos dos Pretenders foram quase paradisíacos. Aquele som furioso e novo, que misturava o power punk às delicadas texturas pop tecidas pela guitarra de Scott, caiu confortavelmente nas graças da crítica e do público. Música após música — "Precious" (com o célebre "fuck off!" cuspido por Hynde), "Private Life", "Brass in Pocket" — o grupo ia se afirmando como uma das mais originais e férteis mesclas de punk e pop. Chrissie e Farndon viraram namorados enquanto isso. Quando o amor acabou, o relacionamento entre os dois se deteriorou e, consequentemente, a banda despencou num abismo de tensão. Hynde começou a beber muito. Pete passou a se picar com heroína. Os outros dois integrantes passaram a pressionar Hynde no sentido de substituir Farndon. Após uma turnê australiana, Pete foi demitido.

Dois dias depois, Dave Hill ligou para Hynde: Jimmy havia morrido, vítima de uma dose excessiva de cocaína! Scott, pouco antes de morrer, havia convidado seu colega Robbie McIntosh para ser o segundo guitarrista líder dos Pretenders. Morto Scott, McIntosh acabou tomando seu lugar. Quando tudo parecia calmo, Robbie chamara Malcolm Forster para ser o novo baixista. Peter Farndon morreu (!!) exatamente um ano após o funeral de Scott. Chrissie estava grávida de três meses. O pai era Ray Davies, líder dos Kinks.

Recém-saídos do duplo trauma — amplificado pelo problemático casamento de Hynde, que durou menos de um ano —, os Pretenders gravaram um álbum que seria seu reingresso na vida normal. Corretamente batizado *Learning to Crawl* (Aprendendo a Engatinhar), o disco reapresentava ao mundo uma banda pungente que, aos poucos, fora sendo domada pela vida. O lado doloroso da coisa, principalmente. A situação mudou quando Jim Kerr e Chrissie se conheceram e se tornaram um casal feliz.

Mas só em *Get Close* os Pretenders — ainda que transmutados — recuperaram a forma antiga. Chrissie voltou a empregar seu tão saudável sarcasmo, em "How Much Did You Get for Your Soul". Nesta faixa — uma diatribe bem estruturada contra as hordas de artistas pop que andam emprestando seus nomes e seu prestígio a campanhas de publicidade — ela mais uma vez levanta a bandeira dos anos 60. São seus anos formativos e a época que ela mais preza na cronologia do rock.

"Os anos 60 podem ter sido tolinhos", diz Hynde, "embora na época eu achasse tudo sensacional. Mas pelo menos as pessoas estavam dizendo coisas sobre os lances mais subversivos. Country Joe & the Fish, por exemplo, cantavam 'quando seu filho voltar para casa num caixão'. Isso não existe mais hoje em dia."

[illegible] Crawl

A quem pode revidar as afirmações cáusticas de Hynde jogando-lhe na cara os conselhos que anda dando às mulheres ("as mulheres não deveriam ficar trepando o tempo todo sem engravidar. Não é natural. Quando a mulher tem filhos, as coisas tomam uma perspectiva melhor"). Mas, pelo menos, Chrissie está sendo honesta.

GUILHERME ISNARD

O ÚLTIMO ROMÂNTICO

Foi quase um ano todo de escaramuças: a uma opinião desfavorável publicada na BIZZ, o vocalista do Zero respondeu com um telefonema e uma visita ameaçadores. Truca, retruca, e a temperatura foi subindo, subindo... Três ou quatro cotocões mais tarde — e uma quase-sessão de pugilato com dois de nossos editores em uma pacífica festinha —, finalmente a paz (esperamos!)... *Bia Abramo* ("em você eu confio") foi ao encontro da fera. Então fala, Guilherme!

GUILHERME ISWALD

BIZZ — *Você sempre teve uma história de atritos com a imprensa*

Guilherme — A imprensa sempre teve uma história de atritos comigo. Eu sou uma pessoa que fala o que pensa, sou uma pessoa sincera, não faço média com ninguém, não tenho nenhum amigo jornalista, não sou de nenhuma panela, não tieto ninguém e eu acho que as pessoas não gostam disso. Eu sou muito na minha. Eu não sou amigo de ninguém daquela turminha, então acho que eles falam: "Ah, ele não é amigo de ninguém, então ele é do lado de lá". Eu acho chato, mas eu já passei da fase de ficar nervoso. Na verdade, não tem nada específico, não tenho queixas do José Augusto Lemos, nem do Alex Antunes, nem da Sonia Maia. Só acho que se eles não estão a fim de me levar a sério, podiam, pelo menos me deixar quieto.

BIZZ — *Você disse que passou da fase de ficar nervoso*

Guilherme — Porque, no começo incomodava o escárnio de um certo tipo de imprensa que pode ser chamada de poderosa, porque tem uma distribuição no Brasil, faz parte de uma empresa que é considerada no ramo editorial, que tem um bom acabamento final, boa impressão, boas fotos, enfim, é um produto legal, você ter este tipo de veículo lhe atacando ou tendo uma postura irônica em relação ao seu trabalho é chato, porque você fica inseguro. Mas, depois que você resolveu seu problema de insegurança, pode falar o que quiser. Mas os caras vivem me sacaneando, ou — o que é pior — ignorando o meu trabalho, ignorando as minhas 130 mil cópias reais — não as cópias do Capital Inicial, 250 mil cópias de mentira, eles ainda nem receberam disco de ouro —, a vendagem, a execução em rádio... Eles ignoram, não dão valor. Eu acho o meu disco ótimo, as composições são de dois anos atrás e agora está tocando a segunda música e está estourando. Pode não ser engajado, pode não ser vibrante, enérgico, rebelde, mas eu tenho 30 anos, não tenho mais 22, eu não vivo mais isso. Eu era rebelde quando eu tinha 15 anos.

BIZZ — *Você trabalhou muito tempo com moda, não é?*

Guilherme — Onze anos. Quando eu larguei esses anos de especialização profissional para me dedicar a fazer só o que eu queria fazer, é porque eu achei que poderia fazer isso a sério e fazer muito bem. Resolvi parar. Meu trabalho era a maior moleza, eu não tinha horário, tinha só que desenhar blusinhas e calcinhas para a próxima estação, viajar duas ou três vezes por ano para ver tudo. Quando eu cheguei para o meu patrão e falei "...não, ele chegou e me falou: "Vamos para Tóquio" — era uma viagem que eu estava batalhando há um tempão —, eu falei para ele: "Eu não vou para Tóquio porque vou gravar um disco em agosto e vou botar fé nisso". Meu patrão me disse: "Você está maluco, meu, você vai jogar 10 anos de vida profissional para o espaço para fazer uma coisa que pode durar seis meses". Como m* um ano inteiro até gravar, lançar, começar a tocar no rádio, começar a fazer show; eu fiquei malzerrimo de grana quase dois anos, agora que está começando a ficar legal. E eu falei para o meu patrão: "Não, não, eu faço isso a sério". É a minha maior mágoa é que a BIZZ não me leva a sério. Não é bem mágoa, é uma coisa que você pensa assim: "Pô, os caras tem um veículo importante, que tem uma puta importância — na medida da ignorância do resto do povo. Em vez de fazer uma coisa séria, que ensine, toma uns partidos engraçados..." Eu não entendo.

BIZZ — *Você está falando isso em relação a quê?*

Guilherme — Em relação, especificamente, à postura que a BIZZ tem frente ao trabalho do Zero. É sempre uma coisa meio sarcástica, meio irônica. Eu acho que a crítica, no Brasil, não cumpre a função, não tem mais aquela coisa de romantismo no jornalismo, a missão da reportagem.

BIZZ — *Qual é essa missão?*

Guilherme — Não sei, uma coisa de recolher informação, de distribuir, de ser didático com a informação, ser idôneo *as possible*, ser parcial *as possible*. Aqui, não, crítico neste país... eu não vou nem falar que são artistas frustrados porque é redundante, mas, em vez de usar o objeto da crítica para desenvolver um texto informativo, didático, que tenha rigor jornalístico, o cara usa o objeto da crítica para mostrar o quanto ele é maiandrinho, o quanto ele é realçado, como ele está na frente. Eu não acho isso sério. Entende, eu acho isso mesquinho pra cacete. Não consigo entender algumas coisas. Eu sou ingênuo, babaca pra cacete em certas coisas. Por mais que eu tenha uma imagem de poderoso, de determinado, de matingível, por um lado eu sou romântico, idiota a respeito da maldade das pessoas. Por mais que eu pareça ser um filho da p*, eu sou um babaca.

BIZZ — *Como você se relaciona com o sucesso?*

Guilherme — Eu não trabalhei a minha vida inteira para ter este tipo de sucesso que eu estou tendo. Eu nunca almejei o pop-estrelato, nunca almejei dar autógrafo na rua, eu acho isso uma penteliação de verdade. Minha postura em relação ao sucesso deve ser contrária à do Paulo Ricardo. O Paulo Ricardo, a vida inteira, trabalhou para conseguir o estrelato que ele conquistou. Eu acho que ele deve estar feliz. Eu ainda estou vestindo um sapato menor do que o meu pé. Minha vida particular ficou totalmente tumultuada, mas é agradável, na medida em que você sente que o seu trabalho está tendo reconhecimento. Isso é

"... é melhor eu ficar o ruim. Preciso ter alguém para falarem mal, senão fica muito sem graça."

do cacete. A gente nunca sonhou em ganhar disco de ouro, a gente nunca achou que ia dar certo: mini-LP, *Passos no Escuro*, Zero, só letra depre..., eu não achei que fosse dar certo. Deu, fiquei superfeliz. Outro dia, eu estava falando para uma menina que eu não tenho expectativa porque eu nunca premeditei, não está arquitetado: agora o Zero vai fazer um disco de ouro, depois vai fazer um disco de platina e depois vou começar a minha carreira internacional solo. Não é nada disso! É só uma coisa que atualmente está pagando meu aluguel, alimentando a mim e a meu filho e me dando grana para fazer o que eu gosto, que é viajar.

BIZZ — *Qual foi o caráter da participação do Paulo Ricardo em "Agora Eu Sei"?*

Guilherme — Armação seria a última coisa. Se você levar em consideração, a gente gravou este disco em agosto de 85. O RPM estava começando a tocar "Louras Geladas". Paulo Ricardo, ninguém podia imaginar.

BIZZ — *Agosto de 85, foi quando eles já estavam armando o show com o Rei Matogrosso?*

Guilherme — Mas foi antes do show do Matogrosso. Eu tinha ido vê-los no Madame Satã e em outro lugar que eu não me lembro qual, e não tinha achado o RPM uma boa banda. A voz dele eu tinha achado linda e a gente tinha estado na mesma gravadora, a CBS. Na época ele me falou que o cara da Odeon era a fim do Zero. Eu quase assinei com a Odeon por causa disso, mas quando eu cheguei em São Paulo, o cara da CBS falou que cobria tudo, então a gente resolveu gravar aquela coletânea. O Paulo Ricardo já tinha aparecido nela..., mas ainda estava longe do LP, acho que 20 dias depois foi o show do Matogrosso. Quando a gente estava compondo, ele chegou no estúdio, adorou a música e falou que queria cantá-la. A gente achou legal. Entre a gente gravar o disco e lançar — quatro meses —, o RPM foi crescendo. Na hora da gente escolher a música de trabalho, o Zero não queria "Agora Eu Sei" de jeito nenhum, porque achamos que o RPM tinha ficado de tal tamanho que a gente achou que a música ia se dar bem, mas o crédito já ficar para o RPM e Paulo Ricardo. E realmente rolou isso pra cacete, virou participação minha na música dele. A gente falou: "Não vamos trabalhar essa, vamos trabalhar 'Formosa', que é a música que tem mais a cara do grupo". O diretor artístico queria trabalhar "Os Olhos Falam" e o resto da gravadora queria trabalhar "Cada Um um Sonho". E as rádios começaram a trabalhar "Agora Eu Sei", porque era a mais fácil. E aí ajudou pra cacete..., porque o Zero ficou logo simpático para as fãs do RPM. Foi ótimo, mas também foi um problema, porque até seis meses atrás a gente estava nesse duema de meu Deus, será que o Zero vai sobreviver a "Agora Eu Sei", será que a outra música vai entrar, será que ficou tocando só por causa do Paulo Ricardo? Graças a Deus, rolou tudo legal. Mas foi um fantasma um tempão.

BIZZ — *Resumindo, foi mais uma maldição do que uma benção?*

Guilherme — Não, foi uma benção, nunca foi uma maldição, só que foi uma benção com várias contra-indicações. Atrapalhou a gravação do primeiro clip do Fantástico..., atrapalhou na divulgação.

BIZZ — *O clip*

Guilherme — O clip desta música parece o anúncio da Wella Koleston. A pessoa que fez este clip foi da maior incompetência, eu estou pessimo, tinha tantas pessoas bonitas neste clip. Tinha o Paulo Ricardo, que é lindo, tinha a Kenny Karen que é uma mulher lindíssima, tinha tudo para ser um clip do cacete, mas o diretor foi uma m* e o clip é urgh.

BIZZ — *Você pensa em ser um sex-symbol?*

Guilherme — Não! *(enfático)*

BIZZ — *Você é um sex-symbol?*

Guilherme — Não!! *(mais enfático)*

BIZZ — *Você gostaria de ser um sex-symbol?*

Guilherme — Não!!! *(muito enfático)* Não, por favor não! Tudo, menos isso. Eu faço um monte de coisa e sério para fazer sucesso só por que eu sou um garoto bonitinho. Primeiro, porque eu não sou nenhum menino de vinte e poucos anos, eu sou um homem de trinta segundo, eu não me considero dentro do padrão sex-symbol. Me falta um pouco de... ombros... *(risos)*

BIZZ — *Você acha que o Zero deixou as outras bandas mais relaxadas em relação ao romantismo?*

Guilherme — Eu acho, mais relaxadas em geral, tipo pode ser romântico... pode usar foto, pode fazer press-release, nada disso machuca. Não vamos ser menos íntegros por causa disso... Você quer contar uma história nesta matéria?

BIZZ — *Se você quiser*

Guilherme — Será que devo? *(pausa)* É a respeito da relatividade da integridade. Foi o seguinte — eu fui gravar o Chacrinha de Natal, cheguei lá e me falaram: "Põe uma touquinha de Papai Noel. Todo mundo hoje vai gravar o programa de touquinha". Eu falei assim: "Mas escuta aqui: touquinha de Papai Noel? Meio ridículo, né?". Não, é Natal, oba-oba". Enquanto isso, estava cantando o Biafra, manja o Biafra? O Biafra, para mim, mandava no Chacrinha porque ele é um ídolo brega — ou melhor, ele é um ídolo pop, tem uma puta penetração popular —, então eu achava que o Chacrinha tinha o maior interesse em ter ele no programa. O Biafra estava cantado e, no meio da gravação, trou a touquinha para fazer um tipão e o Chacrinha falou *(imitando a voz do Chacrinha)*: "Para tudo! Sem bone ninguém grava!". O Biafra ficou branco, e começou a gravar de novo. Mas eu botei. Não por causa disso, eu botei porque era Natal, o argumento me bastou. Então o Renato Russo, que é meu amigo, grande amigo — a gente está fazendo a versão para o inglês de "Agora Eu Sei", que a EMI internacional pediu —, o Renato entrou na sala e falou: "Como assim, a gente é um grupo sério. Nem o Legião Urbana, nem o Capital Inicial, nem o Ira! vão cantar de touquinha". Eu falei: "Olha é Natal mas admiro a tomada de posição". Aí, eles ficaram nesse bate-boca, o Ira! — que era a primeira banda a tocar — chamou a menina da gravadora e falou: "Vai lá e diz que a gente não está a fim de botar touquinha porque a gente tem uma postura muito séria e vai ficar ridículo tocar no Chacrinha de touquinha". A menina foi e o Leleco *(Barbosa, da produção do programa)* veio e falou: "Não vai usar touca? Então, tchau, Ira!". O que você acha que seria a atitude lógica dos dois outros grupos? Ir embora, não é? Não sei, eu agiria assim, no que eu acredito eu vou até o fim, cheguei e andei para quem eu estou incomodando. O Capital Inicial e o Legião Urbana gravaram encantados o programa do Chacrinha *de touquinha de Papai Noel*! Eu achei que foi uma atitude que prejudicou o Ira! pra cacete e que teria outro ca

rater se o Capital e o Legião tivessem assumido a posição, mas eles estão flertando . O Legião Urbana é hoje uma banda pop, o Capital Inicial é *uma pretends to be* então eu acho que eles pensaram duas vezes. Daí eu falei que isso era relatividade da integridade, porque, na verdade, essas pessoas são íntegras até certo ponto

BIZZ — *Eu vou trancrever ipsis litteris o que você está me contando*

Guilherme — Ah, palavras são palavras, se rearranjam, se realinham. Meu problema é esse — eu falo as coisas com um sentido e a pessoa com quem você está falando vê outro sentido. As pessoas não estão acostumadas com comunicação direta, estão mais acostumadas com um certo tipo de meandro, certas convenções, eu passo meio por cima delas, *straight to the point*

BIZZ — *Você acha que a imprensa sempre te interpreta mal? Como você explica isso?*

Guilherme — Eu acho que eu falo as coisas sem muitos rodeios e isso bate errado nas pessoas, bate de uma maneira meio pernóstica, e não é isso, é tudo fundamentado. Só que eu não vou ficar me justificando, eu tenho 30 anos de idade e fazia isso quando eu tinha 25. Mas de repente não sei, vai que é só uma paranóia minha . vai que eu tenho mania de perseguição . na verdade, todos eles me adoram e *eu acho que eles me odeiam (sorriso irônico)*. Não, na verdade Guilherme Isnard ser um fenômeno de antipatia social tem seus prós, porque muita gente deixa de me incomodar

BIZZ — *É uma escolha sua ser um fenômeno de antipatia social*

Guilherme — É, porque quando eu vi que começou a andar por esse lado .. eu não tenho que conquistar a simpatia de ninguém, as pessoas é que tem que conquistar a minha simpatia. Acho que fica assim. Não sou bonzinho mesmo, não sou bajulador, então é melhor eu ficar o ruim. Precisa ter alguém para ser filho da p*, para falarem mal, se não fica muito sem graça, muito entorpecido

BIZZ — *Você assume isso numa boa*

Guilherme — Eu assumo porque hoje eu tenho consciência do meu valor, eu tenho respaldo do público, eu tenho vendagem. Não é nada, não é nada. Marina tem seis LPs e só ganhou o disco de ouro dela agora. O Lulu Santos também. Eu tenho meu primeiro mini-LP e já é disco de ouro, então pode falar o que quiser, as opiniões que valorizo são muito poucas

BIZZ — *Na verdade isso não importa muito, porque na faixa de público que o Zero está fazendo sucesso — que é um público mais popular*

Guilherme — É, tá aí. O Zero nunca foi uma banda para estourar. Cinco caras começaram a tocar sem pretensão alguma, de repente uma gravadora chegou e falou: "Vamos gravar". Eu não achava que ia ser um sucesso pop, porque a gente não praticou a linguagem. A gente acha legal um sucesso pop porque isso significa uma evolução da audiência. O popular que gosta da minha música é uma pessoa que já passou da fase "vem-cá-benzinho-me-dá-um-beijinho-me-diz-que-eu-sou-seu-neguinho". Eu acho que consegui atrair esta pessoa para um outro patamar, para uma outra sensibilidade. É uma maneira de você educar

BIZZ — *O que você está achando do rock nacional?*

Guilherme — Eu não aguento mais vertentes do rock. Não considero o Zero um grupo de rock, não quero que cataloguem a gente assim. Eu acho que, hoje em dia, está havendo uma renovação da MPB. Eu acredito que quem antigamente curtia Caetano, Gil, Gal e Bethânia hoje curte Legião, RPM e Zero. Se bem que eu acho Legião e RPM mais rock do que o Zero. A gente optou, no *Passos no Escuro*, por não fazer nenhuma música para dançar. Fizemos um disco para audição, para tocar no rádio. Eu acho o Zero MPB, uma nova MPB

CABEÇAS

"Avalon", Roxy Music
"Avalon", Bryan Ferry. Não, Roxy Music. O Bryan é uma pessoa por quem eu tenho a maior admiração. Não existe ligação entre Bryan Ferry e Guilherme Isnard. Ele faz um trabalho íntegro. Foi ele que, nos anos 70, abriu quase todos os caminhos do rock dos anos 80. Acho ele chiquérrimo. Eu adoro Bryan Ferry!

"Andréa Doria", Legião Urbana
Ah, isso é Legião Urbana. Parece folk inglês. Antes do Renato começar a cantar, parecia tanto folk inglês quanto música caipira. O Renato é a única voz inconfundível, só é confundível com Jerry Adriani... Gosto muito do Renato.

"Sex Machine", Fat Boys
James Brown...é? "Sex Machine" Não, não está parecendo que seja. . é alguma dessas bandas novas americanas, tipo Run DMC. Imagine, eles estão tentando, mas está longe de parecer James Brown. É Run DMC. O que é isso? Eu acredito na *new era* disco. Mas funk só eu acho chato.

"A Face do Destruidor", Titãs
Não faço a menor idéia. É o tipo de música que eu ouvia quando eu tinha quinze anos, hardcore .. muito frenético, não ouço mais esse tipo de música.

"Just Like Honey", Jesus & Mary Chain
É tão familiar... conheço a melodia, mas não consigo lembrar. Claro que eu sei quem é Psychedelic Furs. É isso mesmo. Me lembrou Pink Floyd e Moody Blues, no começo. Eu gosto pra cacete do Psychedelic Furs.

"Tetê Tentel", Itamar Assumpção
Que barato! Não reconheço a voz, mas é um tipo de composição que eu gosto. Parece o João Bosco, que usa a percussão da palavra, fica junto com o violão. Mas não reconheço. Bem legal. É o Assumpção. . Como é o nome dele? Será que é o Itamar? Pode ser..

"True Colors", Cyndi Lauper
Cyndi Lauper, "True Colors" Eu acho ela demais e achei uma puta sacanagem a Madonna ter feito mais sucesso do que ela só porque é mais gostosinha. Eu gosto da Cyndi Lauper. Eu acho ela uma puta cantora.

"Amor", Léo Jaime
Parece bem brasileiro, harmonia brasileira .. Léo Jaime .. Irch! Escreve aí: h-i-e-r-k-e (?!)

"Le Premier Bonheur du Jour", Mutantes
Que máximo! É o máximo! A introdução parecia Swingle Singers. Será que é? Mas cantando em francês... deve ser Swingle Singers pelos ba-ba-ba... eu nunca tinha visto eles cantando em francês. Nossa, bem engraçado!

"Tiny Girls", Iggy Pop
É *revival* de alguma coisa. Tem uma estética bem *revival*. Pode ser Iggy Pop, mas não tenho certeza. Não, não é. Não sei mesmo.

Voto com V de Verdade só existe um: o direto.
Por isso, a Polygram sentiu a necessidade
de cumprimentar os leitores/eleitores de BIZZ
pela escolha de seus artistas como os melhores de 86.
Escolha livre, soberana, via voto direto.
Em nome de The Cure (Melhor Grupo Internacional),
Sting (Melhor Vocalista Internacional)
e melhor álbum — Bring On The Night),
Omar Hakim (baterista da banda de Sting e 2º Melhor Instrumentista),
Siouxsie And The Banshees (Melhor Show Internacional)
e Robert Smith (The Cure — 2º Melhor Vocalista Internacional)
parabéns pelo bom gosto e muito obrigado.
PolyGram

Siouxsie And The Banshees

Omar Hakim

Sting

The Cure
Robert Smith

Venceu o Talento!

BOB GELDOF

DE VOLTA PARA A MÚSICA

Ex-muitas coisas — ele já trabalhara como estivador, fotógrafo, maquinista de obras e correspondente do *Melody Maker* antes de fundar o Boomtown Rats, em meados dos anos 70 —, o irlandês Bob Geldof atraiu para si atenções mundiais quando, no final de 1984, iniciou todo um projeto de ajuda à população faminta da África, desdobrado em disco e shows megamilionários. Por causa do *Band Aid* e do *Live Aid* Geldof chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel da Paz. Algumas facções mais afoitas da imprensa apelidaram-no Santo Bob.

Em contrapartida a toda esta atividade política, Bob foi se afastando da música, em geral, e dos Rats, em particular. Mas em outubro passado Geldof convocou uma coletiva para apresentar seu primeiro álbum solo, *Deep in the Heart of Nowhere*. O que teria sido feito dos Rats, então? E quanto havia de verdade nos boatos de que Geldof abraçaria, a sério, a política? Eva Joory, nossa correspondente em Londres, foi tomar as devidas satisfações.

Fred Mack Edgar - LGI Stills

BOB GELDOF

BIZZ — *Como foi sua volta à música, essa dedicação a uma única coisa após toda a trajetória iniciada com o Band Aid?*

Bob — Foi (uma sensação) de alívio, de volta à normalidade. Não tinha certeza de que pudesse compor novamente, depois de tudo que aconteceu. Comecei a voltar gradualmente, fazendo *backing vocals*, e fui para Los Angeles com Dave Stewart (do Eurythmics) para trabalharmos juntos algumas músicas.

Ainda tenho medo de que as pessoas não me vejam mais como um cantor pop, de que me achem um idiota por voltar a fazer música pop depois do Band Aid. Mas não posso querer posar de popstar novamente. Agora as pessoas já me conhecem demais e isso me deixa nervoso para esta estréia solo. Para mim é muito importante que este trabalho seja um sucesso, tanto pessoal quanto financeiramente.

BIZZ — *O que o fez optar por uma carreira solo em vez de retornar com o Boomtown Rats?*

Bob — Nosso contrato com a gravadora terminava em junho de 1985. Tivemos dificuldades para arranjar um novo contrato — as pessoas falavam que os Rats estavam acabados, que não vendiam discos há dois anos, que haviam saído de moda. Veio, depois, a sugestão de que eu assinasse um contrato individual — para a gravadora era eu quem compunha as músicas do grupo. Não aceitei contrato algum que excluísse o grupo. A Phonogram chegou a oferecer 30 mil libras esterlinas (menos que um milhão de cruzados), o que é uma miséria. No final, entretanto, propuseram dois contratos: um para mim, solo, e outro, separadamente, para o grupo. Concordamos e estávamos prestes a começar o trabalho, mas acontece que ficamos dois anos sem tocar (desde o Band Aid) e Simon e Johnny (respectivamente, bateria e teclados do Rats) começaram a compor suas próprias músicas. Confesso que fiquei meio irritado com essa separação — achava que tínhamos que continuar juntos. Quando eles decidiram romper e seguir seus próprios caminhos fiquei muito ferido, pois queria, mais do que tudo, a banda junta, novamente.

BIZZ — *E você ficou chateado por não ter ganho o Nobel da Pa[z]?*

Bob — Ter sido cogitado para o Nobel não é como ser indicado para o Oscar. Fiquei lisonjeado, pois pessoas como Desmond Tutu fazem parte dos premiados. Mas realmente não é o meu contexto. Não ligo para isso.

"Tenho medo de que as pessoas não me vejam mais como um cantor pop, de que me achem um idiota"

BIZZ — *Você fará uma turnê para promover seu novo disco?*

Bob — Se o disco for um hit, eu faço. Mas não vou perder tempo nem dinheiro que não tenho em turnês feitas para persuadir as pessoas a acharem fantástico meu LP. O disco tem seus méritos e quero que as pessoas descubram isso.

BIZZ — *Que banda o acompanhará numa eventual turnê?*

Bob — Ainda não tenho banda fixa. O grupo que toca no compacto "*This is the World Calling*" é Omar Hakim (bateria), Dave Stewart (guitarras), Tom Steve (baixo), Pat (teclados), mais Annie Lennox, Alfie Moyet e Maria McKee (do Lone Justice) fazendo *backing vocals*.

O ecetuo Geldof, Boomtown Rats, Live Aid, indicação ao Nobel da Paz, carreira solo e livro

Foto: © Robert Zuckerman

BIZZ — *Já foram vendidas 300 mil cópias de seu livro* Is That It? *O que você acha das pessoas que compraram seu livro unicamente por interesse em você, como pessoa?*

Bob — Fiquei espantado com o resultado. No começo escrevi o livro para pagar as dívidas. Estava completamente duro e — o que era pior — endividado. A editora (Penguin) me fez uma proposta irrecusável e aceitei. Pensei que fosse ser arrasado pela crítica, mas aconteceu o contrário e isso ajudou muito as vendas. Outro dia peguei um avião e vi seis pessoas lendo o livro.

BIZZ — *Você tentou achar novas soluções políticas para a África. Como foi este proce[sso]?*

Bob — Não tentei coisa alguma. Não sou político nem economista. Estava apontando para aspectos pragmáticos de nossa política, não só em relação à África mas também para com todas as comunidades mais fracas. O problema não é ficar discutindo sobre democracia ou ditadura; os problemas reais são a fome e a miséria. Você acha que no meio do deserto as pessoas se preocupam com eleições, ou com ter um regime democrático ou não?

BIZZ — *O que acontecerá com os projetos Band Aid e Live Aid?*

Bob — Ainda não acabaram. Não haverá mais doações ou novos projetos, mas o planejado foi cumprido.

BIZZ — *Você consideraria uma carreira política?*

Bob — Não tenho interesse algum. Acho perda de tempo discutir ou fazer política. Não me interessa. Acho que nem chegaria a ser eleito.

BIZZ — *Como você se sente voltando à indústria pop, depois de ter lidado com assuntos tão graves e importantes?*

Bob — Boa pergunta. Acho a indústria da música completamente sã e bastante madura. Ha menos cinismo, os músicos pop não estão querendo ganhar votos de ninguém, então tendem a dizer as coisas em que realmente acreditam, são mais honestos. Minha maior satisfação é compor músicas, no final sinto que cumpri algo muito importante. Nunca nesses últimos dois anos senti satisfação tão grande quanto a que sinto agora, fazendo música de novo. Aí está a diferença. O Band Aid está aí com toda a força e não precisa mais de mim em tempo integral. Posso me dedicar a meu trabalho e é isso que curto.

JT Racing Brazil

Industrializado, usando padrão e técnica internacional
Confeccionado em lona com detalhes em camurça, monobloco de borracha e solado vulcanizado garantindo resistência e durabilidade
Desenvolvido especialmente para seus movimentos radicais e criativos, o tênis que lhe dá proteção contra choques, graças ao sistema exclusivo de contraforte de borracha

Escritório e fábrica - SP
(011) 65-0549 - 872-8543

Representantes: RS/SC Henrique Tel. (0512) 95-4362 — RJ Rubens Tel. (021) 329-6997

Produtos abençoados com a qualidade
QUIMISINOS Indústrias Químicas

À venda nas lojas: São Paulo: OALAS Shopping Matarazzo, ZERONINE Galeria Pagé • Rio de Janeiro: MARIO'S SPORT Centro, Tijuca, Meier, Madureira e Campo Grande • Minas Gerais: CINDERELA Juiz de Fora

Paul Simon

SAI A DOR, ENTRA A ÁFRICA

Depois de décadas destilando a dor-de-cotovelo urbana, Paul Simon descobriu nos sons africanos a arte da alegria. *José Emílio Rondeau* explica

A fita chegou em 1984, emprestada por um amigo. Não tinha créditos ou notas explicativas. Apenas sons primitivos cuja construção não deixava de ser sofisticada; sons de sedução e celebração desengavetados de intrincados ritmos hipnóticos que pareciam muito com o rock dos anos 50. Mas eram sons fresquinhos. E africanos.

Paul Simon precisava descobrir mais sobre a origem dos sons cuspidos pela fita emprestada. E resolveu desembarcar na mãe África para no colo dela saborear aquela música que tanto o motivara. Chegou lá em fevereiro de 1985 e quando retornou a Nova Iorque trouxe consigo material e músicos suficientes para preencher o álbum mais inteligente e generoso de toda sua carreira: *Graceland*.

Mesclar pop e África não é novidade. De ambos os lados do Atlântico saem atalhos musicais que vêm reunindo os dois elementos através dos anos. A mbaqanga, por exemplo, surgiu após a Segunda Guerra, do cruzamento de pop e jazz com as música industrial dos Zulus e dos Sothos. O highlife tem ecos de James Brown. Por sua vez, o blues nasceu dos lamentos dos negros africanos trazidos para trabalhar nas plantações do sul rural norte-americano. Mas, para Paul Simon — um *urbanite* afeito a destilar o desafeto e a frustração dos românticos citadinos —, buscar inspiração na alegria e no gozo do canto africano era uma espécie de primeira comunhão: um combustível novo, um recomeço artístico.

Graceland reflete esta revelação cultural vivida por Simon com texturas de epifania. Ao misturar as cacofonias apopléticas do guitarrista Adrian Belew à delicadeza da *steel-guitar* de Demola Depoju, músico da banda de King Sunny Adé; a funkaria de metais nova-iorquinos ao acordeão de Forere Motoheloa; sua própria voz agridoce ao potente coro do grupo Ladysmith Black Mambazo, Paul Simon estava reinventando sua própria carreira. E estava abrindo uma bem-vinda clareira no pop de meia-idade.

Foto: Francis Brunnow

Ao mesmo tempo, o álbum que deu novo ímpeto ao veterano Simon tornou-se sua tacada mais polêmica. Se Paul pretendia estender uma ponte musical para interligar culturas igualmente íntimas e distantes, tecnicamente ele estava rompendo o boicote cultural submetido pela comunidade artística à África do Sul. Afinal, Paul *foi* ao sul do continente, gravou em estúdios locais com músicos locais e trouxe alguns deles para complementos e filmagens em Nova Iorque. Os mais ranhetas, inclusive, podem acusá-lo de ter escolhido algumas das formas musicais e alguns dos artistas menos importunados pelo governo segregacionista da África do Sul.

"As únicas reservas que tive a esse trabalho", explicou Simon à revista *Spin*, "surgiram da possibilidade de ser visto como apoiador da política do governo sul-africano. Não ia me apresentar lá, portanto estava dentro dos limites que delineiam o boicote cultural, tecnicamente, porém, eu não estava."

Não acho que o boicote tenha sido criado para bloquear o acesso de artistas negros sul-africanos à comunidade musical internacional. Penso que foi feito para que a comunidade branca do país seja privada de visitas (artísticas) externas. Mas, por outro lado, o sindicato de músicos negros de lá está muito frustrado por não ter sua música ouvida pelo mundo. Sentem-se vítimas de um *apartheid* duplo — são reprimidos em casa, e quando tentam levar sua música para fora sentem muita resistência por parte das pessoas, por serem sul-africanos."

Para os músicos que Simon levou a Nova Iorque a transição da repressão total à liberdade absoluta foi difícil e intrigante. Quando chegaram a seu hotel, em Manhattan, os músicos perguntaram a Paul onde era a chefatura de polícia mais próxima. Simon pensou que eles estivessem temerosos da legendária (mas ínfima, se comparada a Rio e São Paulo) violência da selva nova-iorquina. Não era isso: eles queriam se *registrar* na polícia, como estão acostumados a fazer em sua terra.

O fato é que, por causa de *Graceland*, Paul Simon chamou a atenção da indústria fonográfica e do público para artistas ainda não abençoados pelo crescente interesse por música africana. Ladysmith Black Mambazo foi para a capa da revista *Billboard* quando seu primeiro álbum norte-americano foi lançado. O percussionista senegalês Youssou N'Dour — que já vinha ganhando exposição por suas colaborações em palco e estúdio com Peter Gabriel — hoje freqüenta o circuito de casas noturnas nova-iorquinas. Ou seja, boicote rompido ou não, Simon deu sua recompensa à contribuição dos sul-africanos a seu disco. Anos-luz diferentes do que o espertalhão Malcolm McLaren fez em "Soweto", comportando-se o tempo todo como um *bwana* predatório, ridicularizando a cultura e o povo de que se apropriava tão desavergonhadamente. Lembro que na época ninguém chiou de mais este cambalacho do ex-Golbery do punk.

Dignidade foi o que Simon emprestou aos músicos africanos com quem trabalhou, dando-lhes os devidos créditos e empurrando o foco da atenção para cima deles. Mas aí um sacaninha poderia dizer que Simon guardava uma certa dose de sentimento de culpa quando resolveu pagar aos músicos o triplo do valor normal. Quem vai saber o motivo real?

Política à parte, *Graceland* é o melhor disco de Paul Simon, indiscutivelmente. E ele não aponta somente em direção ao leste: o cajun, o gospel, o rockabilly e o doo-wop são recuperados por Simon sob uma ótica pancultural, como se ele estivesse remexendo em sua própria herança.

É, enfim, "apenas música", conforme garante Simon. "Ele (o disco) não se posiciona em relação (à rivalidade) a Buthelezi e Mandela. Ele não trata destes assuntos porque não estou na posição de comentá-los. Não conheço suficientemente o assunto. Toda minha viagem (à África do Sul) durou cerca de duas semanas e foi totalmente gasta dentro de um estúdio de gravação."

SAMBA TAMBEM É CULTURA

A VERDADE SOBRE O PAGODE

Aos poucos, o pagode vai conquistando rádios que outrora só tocavam música estrangeira ou compositores nacionais consagrados. As pesquisas de audiência só dão respaldo para a ascensão do pagode nas FMs, e cada vez mais o samba vem conquistando espaços que nunca teve. Mas afinal, qual a razão desta ascensão? Qual a diferença entre *pagode* e *samba?* De onde vem estes astros da MPB? *Thomas Pappon* foi ao Rio buscar as respostas...

"A gente negro toca tudo. Mas no campo musical ninguém me engana. Seu zambeta, esse negócio de *pagodeira* não existe. O pagode nunca foi e nunca será um gênero musical. Essa onda é uma transa de marketing de gravadora. Não gosto disso, o nome pagode virou pejorativo, é pra escalachar." O desabafo é de Bezerra da Silva, uma das expressões máximas do samba de partido alto e detentor de respeitáveis cifras de vendagem de discos. Seu último LP, o 13.º de sua carreira, *Alô Malandragem, Malandro é Flagrante* (RCA), já vendeu mais de 500 mil cópias. Bezerra é pernambucano e veio para o Rio com quinze anos de idade. Começou trabalhando como pintor de obra. "Morei sete anos *andando*, e depois um tempo no lado esquerdo da Vieira Souto, ou seja, na *malandra*" diz Bezerra, relatando

os morros e as favelas por onde passou, mesmo no tempo em que foi ser percussionista na orquestra da TV Globo. Bezerra, aos 56 anos de idade, é bem-humorado e não dispensa ironias. "Crioulo esclarecido não compra carro para não criar problemas", ele diz, lembrando a história em que Ataulfo Alves resolveu brigar no meio da rua, quando passeava em seu Cadillac, porque um sujeito lhe perguntara "se tava dando uma voltinha no carro de madame".

Bezerra certamente vai ser um dos últimos a acreditar que não existe preconceito racial no Brasil. Foi pre-

Bezerra da Silva, aos 56 anos, aulas de piano

so 21 vezes — para "averiguações", mesmo estando sempre com os documentos em ordem — e sua ficha é limpa.

Ele é intérprete, compositor, estuda violão e piano. É conhecido nos morros como "o homem do gravador", porque tinha mania de gravar todos os sambas que ouvia nos botecos, fundos de quintal e barracos de amigos. Hoje, ele detém um invejável arquivo musical. A maioria dos compositores que grava em seus LPs é favelada. As letras tocam em assuntos do dia-a-dia numa linguagem típica. São comuns expressões que citam códigos, leis, gírias de malandro e as mais genuínas novidades em expressões populares. Daí talvez se explique o seu sucesso.

Bezerra é apenas um dos que fazem parte da história do ressurgimento ou reaparecimento do samba nos meios de comunicação, um fenômeno surgido no início desta década e que vem crescendo. A rádio Tropical FM, que só toca samba, está em primeiro lugar nas paradas de audiência do Rio de Janeiro. A rádio Manchete FM de São Paulo apostou no samba e vem chegando junto nas primeiras colocações, postos tradicionalmente revezados por outras rádios. E, ao que parece, algumas gravadoras também andaram aplicando no samba, tanto que criaram o termo "pagode", para dar um ar de novidade pra coisa toda.

"Pagode e samba são a mesma coisa", explica Beth Carvalho, outra sambista detentora de grandes índices de vendagem de discos e "descobridora" de grupos como o Fundo de Quintal. "O que se conhece hoje como pagode", continua Beth, "é o samba num formato mais intimista, mais relaxado."

O que se conhece como pagode (e fatalmente teremos que aceitar o termo porque, afinal, ele existe e já foi amplamente assimilado) tem até sua origem localizada justamente na descoberta do grupo Fundo de Quintal. Foi quando Beth Carvalho, numa quarta-feira de 78, foi levada pelo amigo Alcyr, ex-jogador do Vasco, para conhecer o som de uma rapaziada lá no Cacique de Ramos, um dos blocos mais conhecidos do Carnaval carioca. Chegando lá, ela ficou impressionada com o samba desenvolvido pelos seis integrantes do grupo amador Fundo de Quintal, e pelas novidades que eles introduziram na instrumentação, como a utilização do repique de mão (por Ubirany), do tantã (uma espécie de tumbadora, substituindo o surdo, por Sereno) e do banjo (com afinação de cavaquinho, por Almir Guineto). "Eles eram ótimos músicos", conta Beth, "tinham harmonias elaboradas e o suingue deles era diferente." E ela gostou tanto deles que acabou convidando o grupo para participar das gravações do seu LP *Pé no Chão* (RCA), lançado em 78.

Em 80, o Fundo de Quintal viria a lançar seu primeiro LP e, a partir daí, viriam a iniciar uma carreira crescente de vendagens de discos (o último LP, *O Mapa da Mina*, lançado pela RGE, já está na casa das 250 mil cópias vendidas).

"Todas as quartas", conta o pandeirista Bira, presidente do bloco Cacique de Ramos, "nós jogávamos uma pelada e depois fazíamos um som." Era assim que eles se reuniam no começo; hoje, devido ao excesso de shows e outros compromissos artísticos, eles ensaiam pouco. Recentemente o Fundo de Quintal se apresentou num festival de música de Angola, onde tiveram contato com o "semba", um ritmo local muito semelhante ao samba.

Certamente, um dos fatores responsáveis pelo sucesso do grupo é a versatilidade de todos os seus integrantes. Todos compõem e todos cantam. Alguns integrantes, como Almir Guineto e Jorge Aragão, acabaram saindo para seguir carreira solo, e hoje restam apenas três integrantes (Bira, Ubirany e Sereno) da formação original, mas isso não importa muito. "Eles amadureceram", diz Beth Carvalho, e os

"Não perco o meu tempo ouvindo rock, é muito pobre", diz Sombrinha, do grupo Fundo de Quintal

novos integrantes, Arlindo Cruz, Cleber Augusto e Sombrinha, já deram mostras de que são substitutos à altura. Têm gostos musicais diferentes, mas tudo dentro do samba. "Não perco o meu tempo ouvindo rock, é muito pobre", diz Sombrinha. Os ídolos comuns são Paulinho da Viola, Candeia, Monarco, e eles garantem que sempre estiveram ligados aos "antigos".

A "intimidade" dos sambas do grupo Fundo de Quintal já não é mais característica exclusiva deles. Almir Guineto (um dos preferidos das rádios em termos de execução e influenciador de todos os novos grupos de samba), Zeca Pagodinho (outro recordista de vendagens e, segundo Beth Carvalho, "um grande poeta popular"), Jorge Aragão, Jovelina Pérola Negra, Marquinhos Satã, Pedrinho da Flor, Elaine Machado e Mauro Diniz são apenas alguns dos sambistas que foram aparecendo nestes últimos anos.

Martinho da Vila, Beth Carvalho, Alcione, João Nogueira, Nei Lopes, Marçal e Bezerra da Silva têm espaço garantido nas rádios e estão sendo executados, hoje, talvez até mais do que na década passada. Martinho da Vila engrossa o coro dos que acham que não há novidade no pagode. "Pagode é samba, e o que acontece hoje é uma questão de evolução, de aceitação do samba por parte do público e dos meios." "O nome pagode é mal utilizado", diz o ritmista, intérprete e ex-diretor de bateria da Portela, Marçal, filho do Marçal compositor que fazia dupla com Bide e pai de Marçalzinho, que embarcou para os EUA para tocar com Pat Metheny. "Porque na verdade", Marçal continua, "esse era o nome dado para festas de escravos nas senzalas, onde surgiu o samba de terreiro e de partido alto. Pagode é uma festa e não um gênero musical." Por outro lado, o próprio Marçal admite que teve que "se adequar mais à onda do pagode", e escolheu o repertório do seu último LP, *Sem Firmeza* (Polygram), em função disso. O LP anterior, *Recompensa* (Polygram), com participação de Caetano Veloso numa música, não vendeu muito porque "era muito sofisticado". Neste seu último LP, entretanto, a tônica são as composições de Arlindo Cruz, com letras mais intimistas, bem no embalo do Fundo de Quintal, e isso provavelmente vai garantir bons números de vendagem para o disco.

Há quem relacione o sucesso do pagode com a abertura política e com a euforia pelas "Diretas Já". Marçal e Beth Carvalho acham que "houve uma conscientização, um maior interesse pelos valores nacionais". A Censura está mais tolerante — só em alguns temas, é claro —, permitindo que pintassem os inevitáveis versos com rimas sacanas. Todos estes fatores foram determinantes para que o samba, sob nova embalagem, começasse a agradar jovens de todas as classes sociais. "O samba é irreverente", diz Beth Carvalho, "tem um comportamento rock."

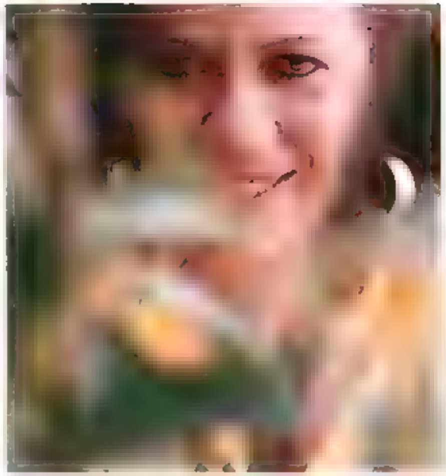
O "expert" Sargentelli declarou recentemente num programa de TV que o fenômeno é passageiro. Beth, ao contrário, acha que a tendência é o samba se consolidar de vez como valor nacional, por meio da conquista (mesmo que lenta e gradual) das rádios. Cléber e Ubirany, do Fundo de Quintal, sugeriram que talvez a explicação do sucesso do pagode estivesse na relação da música com o público: "No pagode você não é só espectador, mas também participa".

Bezerra da Silva é mais cético. Acha que vários problemas têm que ser resolvidos antes de fazer qualquer previsão. Ele sabe que o samba nunca deixará de existir porque "no morro tem música toda hora. O pessoal lá não tem nada e a única válvula de escape deles é a música". Bezerra afirma que 99,9% dos compositores de samba são analfabetos que acabam não sabendo como receber seus direitos autorais, porque "ninguém sabe como isso funciona, e a arrecadação é muito complicada e burocratizada. Os direitos deles acabam nas mãos de outros". E ele sabe o que diz. Todas as músicas de seus últimos LPs são de compositores semidesconhecidos, favelados, gente como Adesonilton, Moacyr Bombeiro, Zé Dedão, Beto Sem Braço, 1000tinho, Alicate, Claudio Inspiração, Pinga, Bicalho, Tião Miranda, Popular P., Pedro Butina e por aí afora. Todas as terças tem mocotó em seu apartamento em Botafogo, onde aparece toda essa rapaziada para um animado pagode.

Bezerra não nega autorias de nenhuma das músicas que grava. "Eu canto pra pobre", ele diz, "mas sei o meu valor. E há quem confunda valorização com banca." Bezerra se apresentou de graça algumas vezes em penitenciárias. Gosta de tocar em São Paulo. "Em Sampa o pessoal aplaude e paga. Aqui (no Rio) o pessoal não aplaude e ainda acha ruim quando eu vou receber." (Nisso, aliás, todos os entrevistados foram unânimes: São Paulo tem o maior e mais rentável mercado para shows de samba.)

Bezerra da Silva está entrando em estúdio para gravar seu novo LP. Ainda não tem título, mas o repertório já está escolhido. Ele revelou com exclusividade para a BIZZ trechos do samba "São Murungá", música que deverá ser o carro-chefe do disco (finalmente a música foi liberada, depois de um longo pingue-pongue com a Censura). A autoria é de Jaiminho, um cobrador de ônibus que vive no Morro do Cajueiro.

"Tem uma pá de otário/ que não presta atenção/ cheira maisena adoidado/ depois diz que tá doidão/ eu prefiro andar sozinho/ do que com má companhia/ meu nariz pode ser grande/ mas não é forno de padaria (refrão) me diz, vovó, me diz, vovó/ quem foi que botou maisena no meu pó".



Beth Carvalho, descobridora do Fundo de Quintal

Marçal, depois de expulso da Portela, novo LP

Zeca Pagodinho, poeta popular, vendendo pacas

MILES DAVIS

O PRÍNCIPE PRATEADO

Ele foi chamado de "Picasso da arte invisível" por Duke Ellington. Depois de inventar o cool e lançar as bases do jazz rock, se retirou por cinco anos. Agora, ele está fascinado por baterias eletrônicas e sintetizadores, fala do passado sem nostalgia alguma e do novo disco para Nick Kent, da revista *The Face*, em uma entrevista que BIZZ publica com exclusividade.

Foto: Gonzalo Rojas Pinto

MILES DAVIS

"Diabo... sabe, eu acho que a música — praticamente tudo — *sou* melhor nos dias de hoje. Até uma batida de carros soa melhor"

Tudo, exceto a voz de Miles Davis, um som rascante, rouco e canceroso. Ele está argumentando a respeito das vantagens e desvantagens das técnicas computadorizadas de gravação, sob o ponto de vista de um veterano de 40 anos de palcos e estúdios

"Nunca foi melhor! Pode crer pô! Desvantagens? Nenhuma! Diabo, algum crítico pode discordar, mas ele está por fora. Toda essa babaquice de que eu era melhor antigamente é um raciocínio reacionário de uns f d p lamentáveis que nem viveram aquela época. Os velhos tempos... Nos velhos tempos, quando estava vivo e acontecendo, o jazz era criado por uma determinada estirpe de músicos, estou falando aqui de caras muito criativos, mas também esquisitões, idiossincráticos. Caras estritamente noturnos sacou? A noite acaba levando você a tocar blues, entendeu? Tipo Blues After Midnight

"Agora, esses caras", prossegue a lixa rouca, "eles sempre tiveram seus problemas. Quer dizer, eu marcava uma gravação e dava a eles o endereço e o horário. Diabo, metade dos caras nem aparecia! Eu não preciso desse tipo de problema. Percorrendo aqueles antros à procura do baterista, por exemplo, porque ele estaria lá procurando drogas! O baixista, um tremendo esponja, estava sempre se excedendo no bar, e eu lá, tentando botar o cara de pé! Enquanto isso, o saxofonista resolve empenhar o maldito instrumento! Do que eu me lembro, isso eram os 'velhos tempos'. Ninguém precisa desse tipo de m". É desmoralizante E os críticos dizem, 'Ah, Miles e Bird (apelido do saxofonista Charlie Parker), os tempos dourados'. O que há de dourado num cara totalmente viciado em drogas tocando num instrumento todo arrebentado? Me diz, porque eu não sei!

"Mas hoje em dia você entra no estúdio, existem aquelas máquinas que fazem tudo por você. Baterias eletrônicas — pô, você só precisa programar. Aperta um botão e se você quiser ela fica fazendo 'bum, bam, bum' 24 horas por dia. Se quiser parar, é só apertar outro botão. Os sintetizadores também, adoro! Digamos que você queira um timbre que tenha um som brasileiro, um padrão rítmico tipo samba, então junte com uma característica inglesa, mais um pouco daquele som parisiense — você é capaz de misturar tudo, de criar um híbrido totalmente novo! E quebrar as barreiras! Adoro as texturas que você consegue extrair daquelas coisas. E você não precisa ficar policiando uma bateria eletrônica, não precisa ficar esperando por ela até a meia-noite. É *assim* que eu gosto de trabalhar. É assim que deveria ser"

As declarações acima são feitas à queima-roupa, sem espaço algum para rebatê-las. Não que alguém quisesse contra-argumentar, porque esse aí é Miles Davis, o legendário Miles Davis, o infatigável Miles Davis, o músico mais esquisito, profundo, reluzente e sacana que este século já conheceu. Três meses antes de se tornar um sexagenário e com 47 anos de carreira como músico profissional, Miles está falando. E eu ouço com atenção

Talvez seja aquela voz, emanando de uma laringe que é um verdadeiro cemitério — uma voz que já

Em *Decoy*, ouve-se o murmúrio da laringe destroçada: "Para que diabos alguém desejaria ouvir isso?"

foi descrita como sendo "demoníaca e arrepiante" —, que esteja me silenciando. E essas descrições foram feitas há 17 anos, antes de 30 nódulos terem sido removidos cirurgicamente da laringe de Davis. Agora os sons que saem dela parecem vindos de outro planeta, nos momentos mais sarcásticos parece que uma cobra enroscada está cuspindo fonemas

Nos "velhos tempos" a que se refere, Davis era um homem de poucas palavras. Nos anos 50, depois de ter deixado de lado a camisa-de-força acadêmica imposta pela Julliard School of Music para se tornar aprendiz do mago Charlie Parker — e de sua criação caleidoscópica de bebop —, Miles finalmente usurpou o trono de seu mestre no reinado da atitude jazz (com quatro anos de dependência da heroína o ajudando a se afastar de suas origens burguesas) e inventou todo um novo conceito de "cool"

O livro *Bird Lives*, de Ross Russel, capta a persona de Miles naquela época melhor do que qualquer outro relato. "Aéreo e desligado, Miles virou as costas para a platéia, saiu do palco para sentar-se sozinho, indolentemente fumando um cigarro e olhando o público com dureza. Por fora, ele parecia não ter emoções, despreocupado e indiferente. Por dentro ele fervia de hostilidade. Um de seus truques favoritos era apertar a mão de um velho colega, aplicar-lhe um golpe doloroso de jiu-jitsu e, enquanto o outro tentava se safar, sibilar 'eu nunca gostei de você'. Ou comentar numa voz maliciosa, 'você está ficando velho, cara'

Os fãs que simplesmente pretendiam expressar seu amor pela música eram recebidos por Miles com um duro "e daí?". Naquele tempo ele tinha cacife para se comportar com tamanho desdém. O enigma Miles Davis havia sido formado em torno do equilíbrio que existe entre saber quando falar e quando permanecer em silêncio. No limiar dos anos 60, Davis, famoso por sua aversão a entrevistas, de repente, tornou-se bastante acessível a periódicos destinados ao público jovem, passando a gastar um sem-fim de tempo discutindo suas novas atitudes e suas justificativas, e permitindo que os jovens escribas penetrassem em todo o pensamento da figura mais controvertida do jazz

Então, quando começou a década de 70, mais uma vez ele ergueu a guarda. Saudado como "o Picasso da arte invisível" (termo cunhado por Duke Ellington), Miles também foi apelidado "o Howard Hughes do jazz". Em meados da década, o enigma de Davis era insuperável. E isto era mais conseqüência de jornadas noturnas um tanto bizarras do que pela qualidade de sua música, que a essa altura soava morosa, sem direção, perplexamente impotente. Entre 1975 e 1980 ele se recusou a entrar num estúdio, cultivando um silêncio ameaçador enquanto rumores de doença e dependência de drogas persistiam

Por outro lado, direção não era coisa que faltasse a Miles. Traçando o progresso de Davis - início de carreira como *protegé* e garoto de recados de Parker, ainda que muitas vezes humilhado; a gravação de *Birth of the Cool*, em 1949; os quatro anos como viciado em heroína e gigolô, o formidável retorno à ativa, do final de 1954 até 1957, e as férteis excursões modais com John Coltrane (melhor exemplificadas por *Kind of Blue*), e, mais, as colaborações igualmente históricas com Gil Evans (*Sketches of Spain* e *Porgy and Bess*), no começo dos anos sessenta. Em 1968, Davis optou por trabalhar com um acompanhamento elétrico, criando mais música seminal. *In a Silent Way* testemunhou a transformação tonal da elegante melancolia *blue* de antes para as extrapolações incandescentes que refletiam o clima de militância negra que se apoderava da América, naquela época

A começar pelas elétricas tonalidades de música religiosa e pelos melancólicos interlúdios que fizeram de *In a Silent Way* um dos últimos álbuns em que Miles desbravava novo território — e a ele garantia total reverência da crítica —, Davis mergulhou em si mesmo cada vez mais rejeitando os conceitos ocidentais de estrutura, harmonia e textura em favor de linguagens não-ocidentais. O zumbido hipnótico, imperativo na música indiana, foi fundido com a crescente fascinação pelo interplay em torno da repetição que sempre foi o coração da música americana

No começo, Miles trabalhava num ritmo furioso, claramente motivado pelo sentimento de "domínio" e "possessão" que a música inspirava. *Bitches Brew*, a gravação seguinte, tornou-se o trabalho seminal sobre o qual se estabeleceu essa dúbia entidade conhecida por jazz rock, para não mencionar as boas vendas que ultrapassaram todas as

Foto Daniela Sola

Miles em ação — curvado sob o seu trompete vermelho, anos sessenta: a lenda cada vez mais viva

quantidades vendidas por outros discos de jazz. Os shows eram obsessivamente gravados. Miles geralmente se apresentava para auditórios predominantemente brancos, abrindo para artistas de rock como Steve Miller, Neil Young e Grateful Dead. Apesar de muitos formidáveis momentos de suprema selvageria e excitação (o melhor exemplo é a trilha do filme *Jack Johnson*), a odisséia de 1970 a 1975 mostrava claros sinais de decadência, estética e comercial. *African Bag* — com faixas batizadas com nomes de movimentos guerrilheiros africanos — começara a excluir qualquer outra textura ou justaposição existente. E, de repente, o público era agraciado com álbuns despretensiosos, como *On the Corner*, feito para um público mais elitizado mas repleto de falsa "malandragem". Dois álbuns ao vivo, gravados na turnê japonesa que Davis fez quatro meses antes de seu retiro, demonstram o quanto lamentável havia se tornado, de fato, o enfoque de Miles em sua música

O retiro de Davis a partir daí tem sido explicado por diversos fatores. Ele sofria de bursite nos pulsos e nos ombros, uma junta do quadril parecia estar desintegrando, a insônia o devastava tanto quanto uma dose excessiva de analgésicos — uma medicação baseada em codeína e morfina — que ajudavam a inflamar diversas úlceras estomacais. O pior de tudo, provavelmente, sua inspiração não estava funcionando (seus grandes períodos de criatividade sempre tenderam a corresponder às vezes em que sua condição física era excelente) e o som que emanava de seu instrumento, ao contrário do fogo do passado, parecia incrivelmente cansado e lamentoso, quase a evocação mística de um câncer da alma

Para Miles Davis, os anos entre 1975 e 1980 foram cobertos de mistério e intensas ondas de rumores e especulação. Os numerosos males de Davis — artrite, bursite, úlcera estomacal, pneumonia, infecções, mais as repetidas operações no quadril desintegrado — em nada eram ajudados pelas tentativas da própria vítima de desviar a dor e o tédio ingerindo formidáveis quantidades de álcool, barbitúricos e cocaína. Após ter injetado várias substâncias químicas em sua perna com uma agulha suja, de repente

MILES DAVIS

ele se viu incapaz de andar. E foi confrontado com a possibilidade de ter sua perna amputada. Graças a uma operação a perna foi salva. E Davis continuou a arreganhar os dentes para o destino.

Estava apenas me divertindo, recordaria Miles mais tarde.

Miles saudou os anos 80 com um sonoro "eu simplesmente não gosto de gravar, seja ao vivo ou no estudo. So faço isso por dinheiro". Tanto que em *Decoy*, de 1984, um claustrofóbico exercício de pirotecnia conjunta, o ouvinte consegue entender algumas palavras murmuradas por aquela laringe destroçada, ao final de uma performance sem graça. "Para que diabos alguem desejaria ouvir isso?"

Ironicamente, foi *You're Under Arrest*, de 1985, que mudou as coisas. La estava Miles tocando faixas próprias para a programação das rádios FM: canções pop que ele havia ouvido no rádio de seu Maserati, gravadas e arranjadas com o trompete em posição de destaque. Incentivado pela boa receptividade da versão que apresentava ao vivo de "Time After Time", de Cyndi Lauper, Miles se pôs a gravar, junto com o guitarrista John Scofield, umas 40 canções, entre elas várias do Toto, mais "What's Love Got to Do With It", de Tina Turner, "Deja Vu", de Dionne Warwick, e até algumas de Lionel Richie. No fim das contas, Miles incluiu no album apenas a faixa de Lauper, "Human Nature", de Michael Jackson, e "Something on My Mind", do grupo D-Train, optando por usar material seu e de integrantes de sua banda. O produto final recebeu o perfil esquizofrênico de Miles. Mas ele pouco se importou. Para Miles "este é o melhor disco que já fiz".

Até que em 1986, após três décadas gravando para a Columbia, Miles mudou-se para a Warner Brothers. Inicialmente batizado *The Perfect Way* por causa de uma faixa do Scritti Politti no lado B, o disco ganhou o nome de uma das cinco músicas compostas por Marcus Miller, *Tutu*. Entre os colaboradores previstos para *Tutu* estavam Thomas Dolby, Lyle Mays e até mesmo Prince.

Prince me mandou uma carta, explica Miles, naquele sussurro parecido com o som de cascalho, e na carta ele incluía uma fita com algumas faixas instrumentais que eu havia gravado. Isso foi antes de *Around the World in a Day*. E na carta ele dizia: Miles, embora jamais nos tenhamos encontrado, só de ouvir sua música posso dizer que somos exatamente parecidos, que tudo que você faz e toca é exatamente o que eu faria. Portanto, se essa fita for de alguma valia para você, vá em frente e toque sobre ela qualquer coisa que quiser. Porque eu confio no que você ouve e toca". Tá vendo que cara? Ele está com tudo — um multimúsico com uma malditа vingança! Sabe quem ele me lembra, principalmente tocando piano? Duke Ellington! Para mim ele é o Duke Ellington dos anos 80.

Miles, que foi o protagonista de momentos decisivos da música moderna, continua atento e fala do pop contemporâneo. Sting: Gosto de algumas de suas músicas e de sua voz. Ele não é como Mick Jagger, que macaqueia Wynonie Harris, fica sacudindo aquela bundinha branca e magra e achando que está cantando blues. Sade é assim: bem. Acho que ela é interessante no rádio, penso que é Lena Horne. Mas aquela atitude de "meu homem me abandonou". Por as mulheres não são mais assim. Elas não precisam de um [illegible] em dia.

Sessentão, Miles ainda é um cara engraçado, e dado a bravatas.

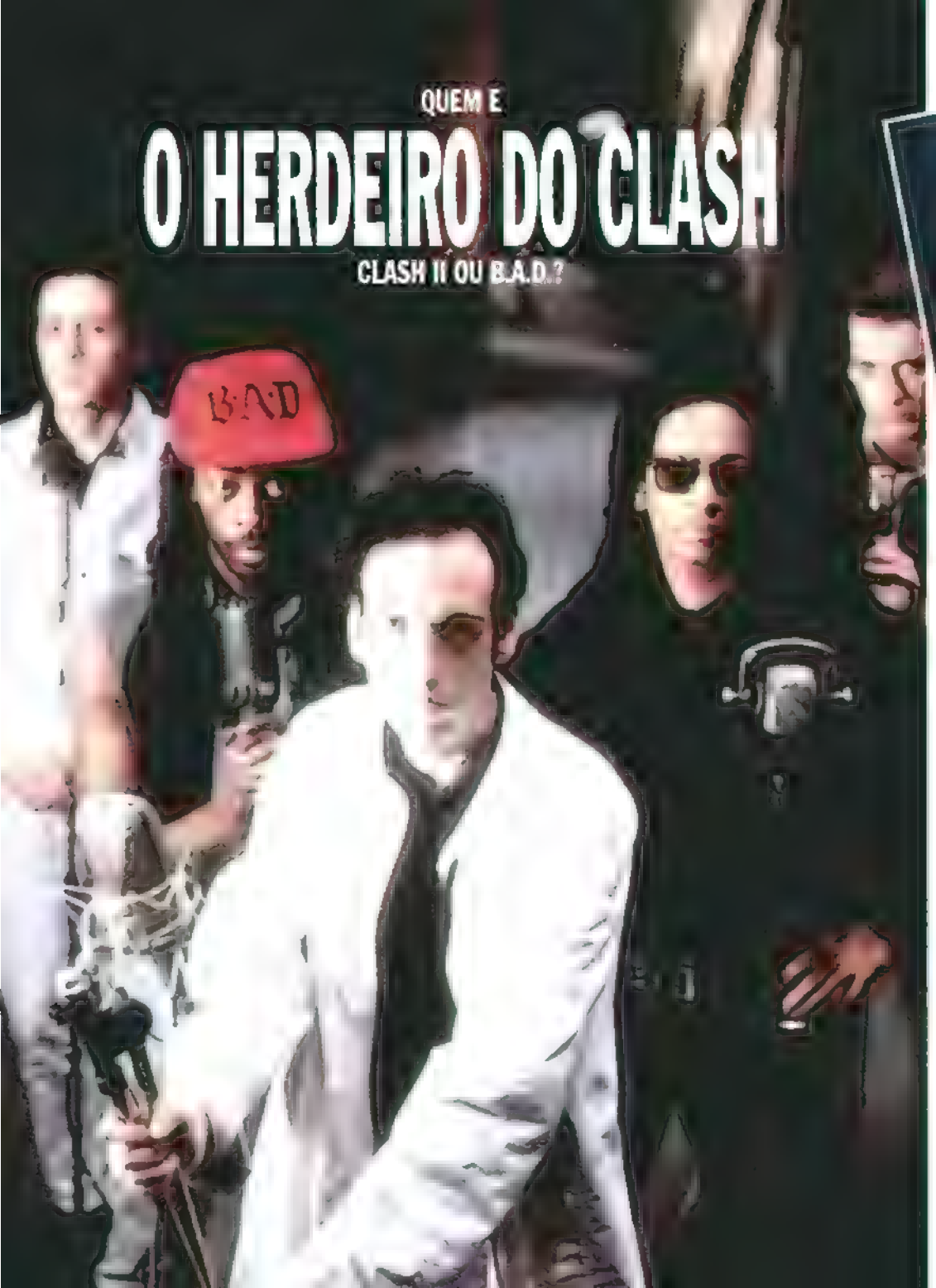
E, após o lançamento de *Tutu* e um tratamento de saúde, Miles está exuberante. Já preparou, inclusive, o sucessor de *Tutu*, algumas faixas gravadas ao vivo com o saxofonista David Sanborn e George Duke. Para variar, "é melhor do que qualquer coisa que já gravei". Não que eu *ache*. Eu *sei* que é.

Como disse em 1981 o grande baterista de jazz Max Roach: "Miles é um campeão, e campeões sempre retornam". Ver Miles em forma e trabalhando bem, aos 60 anos, é mais do que bom. "Nunca me deixe de fora!", ele sussurrou para mim quando eu já ia embora. Não que eu quisesse. Ninguem deveria deixá-lo de fora. Afinal, ele é Miles Davis. Os outros, não.

QUEM É

O HERDEIRO DO CLASH

CLASH II OU B.A.D.?



Como tudo que é bom demais, o Clash acabou. O que fica no lugar? Mr. Strummer, aí em cima, ganhou a parada do nome... e perdeu a do som. Resultado: recompôs-se com Mr. Jones e sua banda, o B.A.D., aí à esquerda...

Depois de assentada a poeira da explosão punk houve uma banda que ficou e ultrapassou seus próprios limites: o Clash. Era tão boa que seus fãs torciam para que ela não acabasse nunca. Mas ela cresceu, e acabou por se ver em posição idêntica às de superbandas que criticava. Para piorar a situação, a mola mestra da banda — a dupla Strummer-Jones — não se entendia mais, nem musicalmente nem ideologicamente. O que fazer? Acabar. Mas nas voltas do mundo muitas coisas acontecem. Até mesmo a reconciliação entre os brigões e o aceno distante de uma reencarnação do Clash em outro plano, com outro nome. Seria ela a banda Big Audio Dynamite? Vamos tentar desvendar este mistério.

Agora se passaram 10 anos de punk-rock (sem contar a gestação que antecedeu a grande explosão inglesa no verão de 76). E assim podemos dar uma boa olhada no geral e ver quais bandas realmente foram importantes, trouxeram idéias e sangue novo ao quase quarentão Sr. Rock n Roll. No início dos 70, Iggy Pop & The Stooges, mais o MC5, moldaram o que viria a ser a parte musical da coisa. Poucos anos depois vieram os Ramones, fazendo a transição visual entre os cabeludos e os rasgados e recuperando a pura energia do rock. Por esses motivos os americanos querem para si a paternidade do punk-rock. Mas foram os ingleses que aglutinaram todas as informações e criaram o corpo definitivo deste Frankenstein do rock, o Movimento Punk. O clima político do Reino Unido contribuiu para o surgimento do rastilho de pólvora chamado Sex Pistols — que deixou um rombo considerável na parede das instituições burguesas — e para o nascimento da banda que conseguiu o perfeito equilíbrio musical entre a política e a dança, e, sem abandonar os ideais punks, tornou-se uma das mais importantes que já passaram por este planeta. The Clash.

Exagero? Não é exagero algum fazer esta declaração, embora vá logo afirmando ser um ardoroso admirador dessa banda que fez a adrenalina circular mais veloz em meu corpo quando tinha 15 anos e era aspirante a rebelde sem causa. Mas não é esse o motivo que justifica tal declaração. Alguém já disse certa vez que o Clash era a única banda que valia a pena ser escutada naqueles medíocres tempos de marasmo musical. Era verdade. Mas não vamos tentar provar coisa alguma. Vamos aos fatos. Um breve histórico do Clash e daquela que veio a ser sua continuação natural, a Big Audio Dynamite, e mais um pouco sobre a dupla mais perfeita desde Lennon & McCartney: Jones & Strummer.

O Clash foi uma das poucas bandas sobreviventes daquele verão, das poucas que conseguiram enxergar adiante das pulseiras de pino e da pose punk. Ele jamais foi uma caricatura de si mesmo (falamos aqui do Clash original, não da tentativa frustrada de Joe Strummer de reviver os bons tempos com o trabalho medíocre apresentado em 85). Sempre tocou a bola pra frente, indiferente às críticas de seus detratores ou à insatisfação de fãs radicais, que o consideraram "traidor" do movimento. Pura besteira. O Clash sempre foi mutante e desbravador, experimentalista até, preservando, assim, a verdadeira identidade e ideologia pregada pelo punk — a de nunca se acomodar, virar situação ou perder a honestidade que o punk trouxe de volta para o rock n roll.

Por isso, o Clash mexeu e brincou com todos os ritmos que quis, não se limitando apenas ao rock agressivo. Afinal, a mensagem estava nas letras, independente do ritmo da música. Logo no disco de estréia havia a regravação de um clássico do reggae — "Police and Thieves", de Junior Murvin e Lee Perry —, mostrando assim, as possibilidades antropofágicas que o punk-rock se permitia. Logo outras bandas seguiriam essa linha e novas correntes surgiriam no rastro do punk, provocando verdadeiro movimento renascentista no rock, que, por tabela, acabou atingindo o Brasil, dando no que deu: a volta e consolidação com força total do rock brasileiro, embora muitos que só tiveram a chance de aparecer devido a isso hoje reneguem e falem asneiras a respeito. O namoro com o reggae foi forte, e cada novo disco trazia pelo menos um. Pra saciar a fissura, a banda lançou um mini-LP de edição limitada, *Black Market* com vários reggaes e *dubs* além de algumas músicas só editadas em compactos.

Toda a discografia do Clash é importante. Com destaque, além do disco de estréia, para o duplo *London Calling* e o triplo *Sandinista*, verdadeiros caleidoscópios de idéias. A dupla Joe Strummer-Mick Jones era imbatível em letras e em cena: arrasava Strummer, com sua voz enfezada, e Jones com sua guitarra fascinante. Strummer, superpolitizado, interessado na Brigada Vermelha, cheio de ideologias, era um complemento perfeito para o desligado Jones, mais interessado em fazer os fãs pularem com seus riffs e em cultivar uma pose bem rock, um verdadeiro *cool cat*. Mas um dia Strummer não aguentou mais essa atitude do parceiro e o mandou passear. Aí veio o indesejável, mas inevitável, fim da

O Clash — [illegible] — Paul Simonon, Joe Strummer e Topper Headon

CLASH II OU B.A.D.?

banda, a essas alturas uma superbanda, com a grana rolando farta e a distância entre seus integrantes aumentando. No racha, o baixista Paul Simonon preferiu seguir Strummer e o baterista Nick "Topper" Headon foi cavar carreira solo. Nenhum deles se entendia mais de modo algum. Quem era o líder, afinal?

A banda acabou bem, no auge, sem nada de decadência. Tudo isso rolou após o lançamento do disco *Combat Rock* — o que mais vendeu na carreira do Clash — e de uma imensa e vitoriosa turnê americana no início de 1983. Vale registrar que durante essa tour o Clash abriu o show de despedida do Who em Nova York, no Shea Stadium. *Goodbye* Who. *Goodbye* Clash.

O ano de 1984 foi de retiro, mas não de calma. Rolou a briga entre Strummer e Jones, para ver quem ficaria com o nome Clash. Muita batalha houve, inclusive com Strummer difamando Jones na imprensa, ao que este, fleugmático, não deu bola. Sua vingança seria doce. Ele iria por último. Juntou-se a um amigo de longa data, o DJ e dublê de cineasta Don Letts — que documentara momentos históricos com *The Punk Rock Movie* e que acompanhava o Clash há tempos —, e formou o que pode ser considerada a continuação natural das idéias do Clash: a banda Big Audio Dynamite. A B A D. Strummer acabou ficando com o nome Clash, mas teve indigestão. Em fins de 1985 veio o primeiro disco da B A D. *This Is Big Audio Dynamite*, que trazia uma banda com identidade própria, muito *beat* e alto nível político (Mick acabou aderindo).

O trabalho da B A D é como o de um liquidificador. Na parte musical, algo de funk, com muito uso de beat-box e citações de vários pedaços de músicas que já ouvimos em algum lugar, tanto na trilha de um western spaghetti como num elevador. Na parte de letras, uma imensa colagem de mil idéias, pensamentos

Strummer tentou reviver o Clash de 77, mas só conseguiu parecer falso, patético e muito caricato

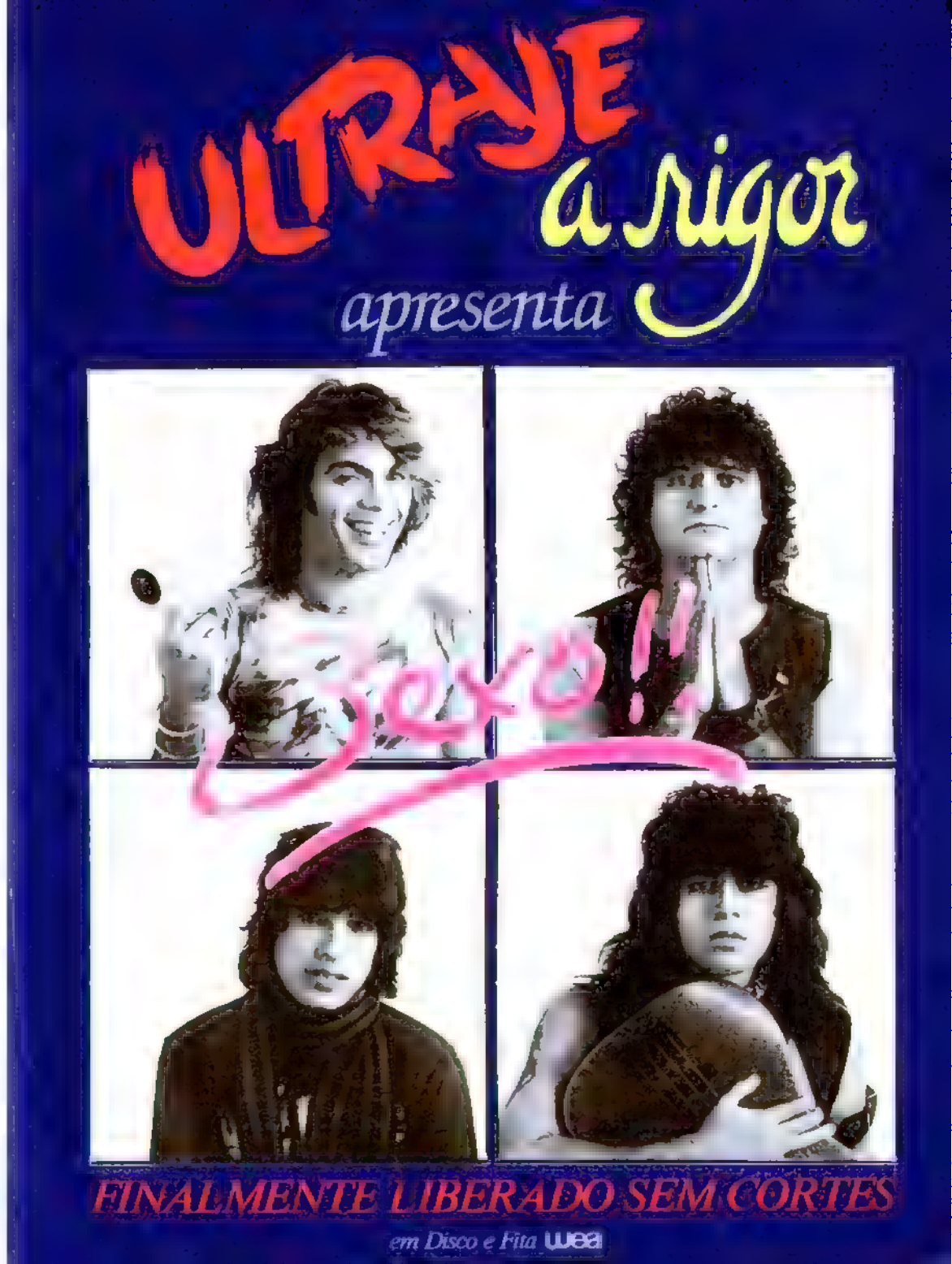
fragmentados, frases que valem separadamente, independentes do resto do texto, como manchetes picotadas de jornais ou trechos de panfletos políticos. Informações diretas e velozes como as do noticiário da TV, um trabalho tão bem delineado que torna impossível comparará-la a qualquer outra banda existente hoje.

Poucas semanas após o lançamento do disco *debut* da B A D., e pela mesma gravadora, a CBS, saiu o do novo Clash, que, a começar do título, já dizia tudo. *Cut the Crap*. Strummer tentou pateticamente voltar aos tempos iniciais, como se estivesse na Londres de 77, só que de um modo tão falso e caricato que provocou no mais fiel dos fãs a vontade de chorar! (*Ou vomitar* — *N. do Ed.*). Da capa aos títulos das músicas, como "Dirty Punk" e "Dictator", tudo soava apelativo. Em meio a um monte de musiquetas com corinhos ao estilo hino, salvava-se a boa "This Is England". Não é preciso dizer que o disco da B A D recebeu melhor acolhida de público e crítica e, praticamente após o disco ter sido lançado, o novo Clash bateu as botas, com a debandada geral dos integrantes, inclusive de Bernie Rhodes, empresário do Clash original que ajudou Strummer nesta barca furada. E agora, Joe?

Só restou ao velho Joe se render aos fatos e procurar voltar às boas com Mick, coisa que acabou acontecendo em fins do ano passado. Às vésperas da B A D começar a preparar material para novo disco, Strummer reatou amizade com Jones e, de quebra, compôs cinco músicas, sendo três em parceria com Mick. Embora não conste na ficha técnica, dá para perceber a voz de Strummer nos coros de algumas músicas. Muito, para quem havia sacaneado tanto um amigo. E assim fica no ar a pergunta: Strummer será efetivado na banda? Enquanto a resposta não vem, ele segue com seus trabalhos solo, como a participação na trilha de *Sid & Nancy* — com a canção-tema "Love Kills" — e ou dando uma de ator no novo filme de Alex Cox, *Straight To Hell*, por acaso, o nome de uma música do Clash no disco *Combat Rock*.

E o novo disco da B A D., *10, Upping St.* (que brinca com o endereço de trabalho de Ms. Thatcher), já está no pedaço. Menos pesado que o primeiro, mantém as características de estrutura e traz como curiosidade para nós brasileiros a faixa "Sambadrome", composta por Jones e Letts a partir de matéria publicada na revista inglesa *Face*, no ano passado, sobre nosso bandido favorito — Escadinha. A faixa descreve sua espetacular fuga de helicóptero (com ruídos e tudo), mostrando-o como um Robin Hood moderno que vende drogas para os ricos e, com parte da grana, aumenta os pobres. No fim o B A D deixa uma sugestão: "King Bandit for President of the Sambadrome Nation". Ladrão por ladrão.

Tom Leão



QUALQUER COISA COMO A VIDA

QUALQUER COISA COMOVIDA, QUAL

QUER COISA COMO v BRA, QUAL

QUER COISA COMO v BORA ICE

JEANS GELO EM JEANS DERRETEN

DO NUMA QUENTE POR A AJTER

NATIVA QUALQUER COISA COMO NO

DOA NO PA S MPINHO DA MODA

Camiseta 350,
Tam P M G

Calça feminina 790.
Tam 38 a 44

Calça masculina 790,
Tam 36 a 46

MISBLA

MELHORES DE 86

A VOTAÇÃO DOS LEITORES

É deu Legião na cabeça. Se 85, segundo os leitores da BIZZ, foi o ano do RPM e do Ultraje, em 86 a festa foi de Renato Russo, Dado Villa Lobos, Marcelo Bonfá e Renato Rocha (foto): melhor grupo, melhor LP *(Dois)*, melhor vocalista (Russo) e melhor clip ("Tempo Perdido"). Tudo bom, o Roberto emplacou melhor música ("Ataverada Veraz"), melhor show e melhor instrumentista (Luiz Schiavon, pelo segundo ano consecutivo), além de dois segundinhos (vocalista, para o Paulo Ricardo, e LP, para *Rádio Pirata ao Vivo*).

Ainda sobrou um pouco para o Ira! (terceiro grupo, segundo instrumentista — o guitarrista Edgard — e segundo clip — "Envelheça na Cidade"), Titãs (terceiro show e LP — *Cabeça Dinossauro*), o Paralamas (terceiro clip — "Alagados" — e instrumentista — o baterista Barone), além de Marina, Plebe Rude e Capital Inicial. E aí, Violeta de Outono, Finis Africae e Cabine C (votados como revelações) — o ano que vem é de vocês?

Na ala internacional a divisão foi mais democrática: Cure, Sting e sua banda, os Smiths, Simple Minds, A-ha, Madonna e Sigue Sigue Sputnik rateiaram as melhores colocações, com Talking Heads e Van Halen marcando um ou outro pontinho (fora Jesus & Mary Chain e Propaganda, revelações depois do SSS).

Cinema: uma fantasia do rock nacional, co-estrelada por Léo Jaime, *(Rock Estrela)* foi o filme predileto dos leitores, seguido de dois vencedores de festivais internacionais: *O Beijo da Mulher Aranha*, de Hector Babenco, Oscar de melhor ator para William Hurt; e *Eu Sei que Vou te Amar*, de Arnaldo Jabor, Palma de Ouro de Cannes para Fernandinha Torres, como melhor atriz.

A tal "espantomania" disse presente, dando a láurea de melhor filme estrangeiro para *A Hora do Espanto*, de Tom Holland, seguido de *A Cor Púrpura*, de Spielberg, e *9 1/2 Semanas de Amor*, o drama de Adrian Lyne com Mickey Rourke e Kim Basinger.

Finalmente, televisão: a criatividade de *Armação Ilimitada* valeu um primeiro lugar, e anarquia do "gordinho" Fausto Silva um segundo para o programa *Perdidos na Noite* (que é da rede Bandeirantes, e não da Record, como ficou registrado na votação da crítica na BIZZ 19. Aliás, falando da mesma votação, o *Cheque da Nova* foi exibido pela Cultura, e não pela Manchete. *Sorry, telemaníacos...*) e o *Clip Clip* (da rede Globo, como o *Armação*) papou o terceiro. É isso aí. Aos leitores da BIZZ, que participaram com quase vinte mil cartas-voto (!), os parabéns pela boa gesta...

A Redação

À direita, o Cure, votado melhor grupo internacional e segundo vocalista (Mr. Robert Smith). Abaixo, Morrissey e Johnny Marr, compositores dos Smiths, cravaram segundo grupo e LP *(The Queen is Dead)* e melhor instrumentista (Marr)

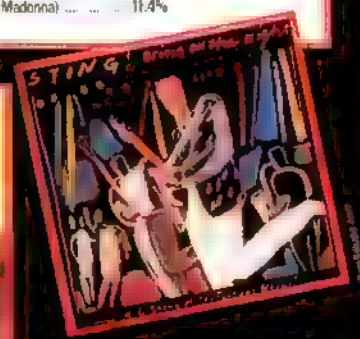
Dividindo os louros de terceiro melhor grupo internacional com o *Simple Minds* (bem distantes do Cure e dos Smiths), os Talking Heads marcaram presença entre os melhores do ano passado

GRUPO

1	LEGIÃO URBANA	35,6%
2	RPM	21,2%
3	IRA!	6,5%
1	[illegible]	32,8%
2	[illegible]	15,7%
3	TALXING HEADS	
	SIMPLE MINDS	6,2%

LP

1	*DOIS* (Legião Urbana)	27,0%
2	*RÁDIO PIRATA AO VIVO* (RPM)	15,9%
3	*CABEÇA DINOSSAURO* (Titãs)	9,4%
1	*BRING ON THE NIGHT* (Sting)	13,7%
2	*THE QUEEN IS DEAD* Smiths)	
	TRUE BLUE (Madonna)	11,4%



A primeira aparição de Sting & banda é com o posto de melhor LP internacional, que foi para o álbum duplo e ao vivo *Bring on the Night*, seguido de perto pelos discos dos Smiths e de Madonna. Mas a ex-Police ainda emplacou outras...

SHOW

1	RPM	30,5%
2	SIOUXSIE & THE BANSHEES	11,4%
3	TITÃS	10,8%

Show: a categoria não foi dividida em nacional e inter — valeu igual para todo mundo que se apresentou aqui. Não deu outra: o RPM desbancou as apresentações internacionais (algumas excelentes, diga-se de passagem) e ganhou longe na categoria (na foto do topo da página, Schiavon e "a sombra" — também conhecido como Paulo Ricardo — em um de seus shows no Rio). Mas Siouxsie e seus Banshees, um emocionante ingresso do Brasil na era do rock moderno, não poderiam ficar de fora (na foto à esquerda, a inglesa no Anhembi, SP, onde se apresentou — além de Rio e Santos). Os Titãs — ou "como acomodar uma banda com oito figuras principais em um único palco" — deram um banho de competência com seu show *Cabeça Dinossauro* (acima) e foram o terceiro lugar

INSTRUMENTISTA

1	LUIZ SCHIAVON (RPM)	33,8%
2	EDGARD (Ira!)	19,8%
3	JOÃO BARONE (Paralamas)	8,7%
1	JOHNNY MARR (Smiths)	21,8%
2	OMAR HAKIM (Banda do Sting)	16,7%
3	EDDIE VAN HALEN	16,1%

Além de Luiz Schiavon, o multitecladista do RPM, o guitarrista do Ira!, Edgard Scandurra (topo da página, à esquerda) também está monopolizando a categoria (foi o melhor da crítica nos dois anos). Barone, batera dos Paralamas (topo da página, à direita), marca a presença do trio e de sua técnica impecável também reprisando seu terceiro lugar do ano passado (e o segundo da crítica, nos dois anos). Ala internacional: o soberbo Johnny Marr, guitarrista dos Smiths, vem seguido do feríssima baterista do Sting, Omar Hakim (o moço do retrato aí à direita) e do mago da guitarra Eddie Van Halen (voando na foto à direita)

À esquerda, olha aí ele de novo: Sting, melhor vocalista internacional, seguido à meia distância por Robert Smith e Madonna... Um trio meio disparatado, não é? Abaixo, Marina despenca em terceiro entre os nacionais, atrás dos "eternos (enquanto dure...)" Paulo Ricardo e Renato Russo

À direita, "Take On Me" e "Tempo Perdido": o A-ha e a Legião Urbana fizeram os melhores clips (para o A-ha, campeonissimo da MTV americana, não é novidade...), seguidos, respectivamente e à meia distância pelo Ira! e Paralamas, e o ótimo "Sledgehammer" de Peter Gabriel. O SSS vem lá atrás

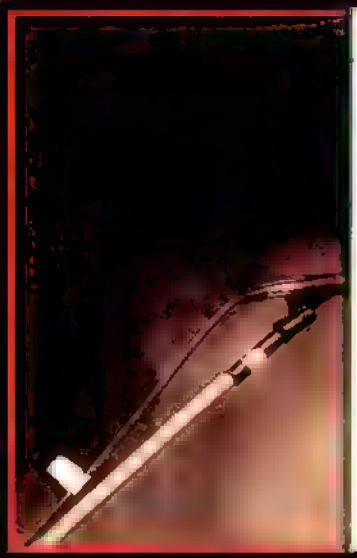


Foto Patrícia Santos/ Abril Press

Foto Cláudia Dantas/ Abril

VOCALISTA

1	RENATO RUSSO (Legião)	38,8%
2	[illegible] (RPM)	15,3%
3	MARINA	9,7%
1	STING	18,2%
2	ROBERT SMITH (Cure)	14,2%
3	MADONNA	13,3%

CLIP

1	"TEMPO PERDIDO" (Legião)	30,9%
2	"ENVELHEÇO NA CIDADE" (Ira!)	11,1%
3	"ALAGADOS" (Paralamas)	8,5%
1	"TAKE ON ME" (A-ha)	29,8%
2	"SLEDGEHAMMER" (Peter Gabriel)	22,4%
3	"LOVE MISSILE F1-11" (Sigue Sigue Sputnik)	7,9%

E eis aqui uma dupla de belezinhas: Paulo Ricardo, sagrado o segundo melhor vocalista, e La Ciccone, firme na terceira posição de vocalista internacional. Aliás, foi por pouco que Madonna não desbancou, na votação dos leitores, um dos nomes mais salientes de 85: 'Fat Bob' Smith, o sr. Cure

Foto © Corey Kelley/ Stills

Foto LFI

Foto R. Tocci Abril

MÚSICA

1	ALVORADA VORAZ (RPM)	12,6%
2	"MÚSICA URBANA" (Capital)	11,8%
3	"ATÉ QUANDO" (Plebe Rude)	10,6%
1	"TAKE ON ME" (A-ha)	12,8%
2	"ALIVE AND KICKING" (Simple Minds)	10,4%
3	"PAPA DON'T PREACH" (Madonna)	10,0%

Novidades: Capital Inicial e Plebe Rude ameaçaram, com "Música Urbana" e "Até Quando", a primazia do RPM na categoria Música. "Índios", da Legião, outra forte concorrente, acabou ficando para trás, mas Renato Russo diz presente de qualquer forma, como co-autor de "Música Urbana". Os Simple Minds, lacima, à esquerda), atrás de A-ha (de novo "Take On Me"), marcam outro ponto (depois de terceiro em grupo internacional)

Foto Cláudia Dantas/ Abril

Foto Columbia Pictures

Foto Warner Bros

Foto Walter Sua Pinto

Nas fotos de topo de página, da esquerda para a direita: Chris Sarandon, o galante vampiro Charley (nem tanto, nessa fotografia...) em *A Hora do Espanto*; Danny Glover, Margareth Avery e Whoopy Goldberg, ou Mister, Shug e Celie, o triângulo de *A Cor Púrpura*; Kim Basinger e Mickey Rourke, o já clássico par romântico de *9 1/2 Semanas de Amor* (os três melhores filmes internacionais). Mais adiante, em *O Beijo da Mulher Aranha*, Sônia Braga como a própria; Léo Jaime e a mulherio em *Rock Estrela*; Thales Pan Chacon e a consagrada Fernanda Torres em *Eu Sei que Vou te Amar* — estes foram, respectivamente, segundo, primeiro e terceiro filmes nacionais.

Foto Paulo Gutfilof (JT)

Revelação: o Sigue Sigue Sputnik (à direita) arrasou entre os internacionais — Jesus e Propaganda ficaram longe. Abaixo, os nacionais: o vencedor Violeta de Outono, o brasiliense Finis Africae, o Cabine C (paulista, como o Violeta). As duas primeiras bandas lançaram-se em mini-LPs independentes, e preparam seus LPs de estréia em grandes gravadoras (RCA e EMI-Odeon, respectivamente). O Cabine prepara sua primeira incursão no vinil entrando o selo RPM.

Foto Metamorfo

Foto Claudia Basseti Assis

Foto Paulo Roberto AJPA

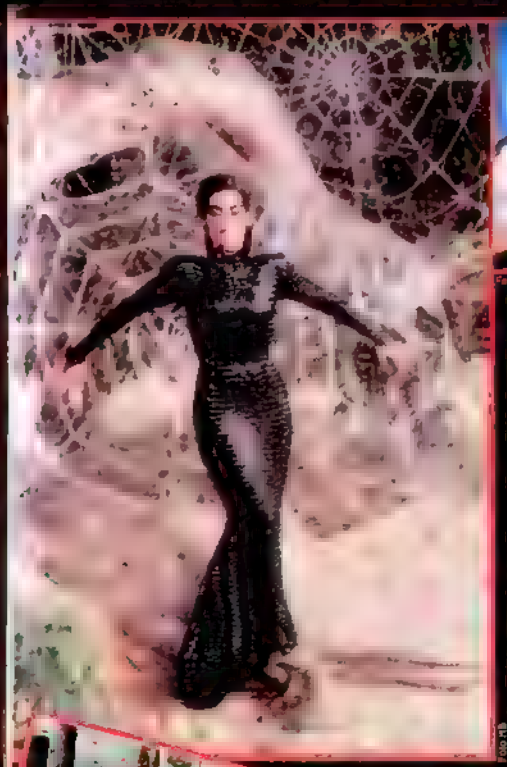


Foto Fernando Barbosa Lima

Foto Fernando Barbosa Lima

Foto Renato dos Anjos Neto

Foto EPC

Foto Embrafilme

REVELAÇÃO

1 VIOLETA DE OUTONO 28,1%
2 FINIS AFRICAE 15,5%
3 CABINE C 7,8%

1 SIGUE SIGUE SPUTNIK 35,3%
2 JESUS & MARY CHAIN 15,7%
3 PROPAGANDA 14,3%

TELEVISÃO

1 *ARMAÇÃO ILIMITADA*
(Rede Globo) 30,4%
2 *PERDIDOS NA NOITE*
(Rede Bandeirantes) 16,1%
3 *CLIP CLIP*
(Rede Globo) 14,5%

FILME

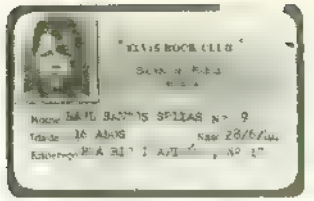
1 *ROCK ESTRELA*
(dir. Lael Rodrigues) 18,1%
2 - *O BEIJO DA MULHER ARANHA*
(dir. Hector Babenco) 16,4%
3 *EU SEI QUE VOU TE AMAR*
(dir. Arnaldo Jabor) 15,7%

1 *A HORA DO ESPANTO*
(dir. Tom Holland) 20,6%
2 *A COR PURPURA*
(dir. Steven Spielberg) 16,4%
3 *9 1/2 SEMANAS DE AMOR*
(dir. Adrian Lyne) 14,5%

Os melhores da televisão: Andréa Beltrão, Kadu Moliterno e André de Biase (acima, à esquerda) fazem o sucesso de *Armação Ilimitada*, a série mais inovadora da TV brasileira, votada o melhor programa. À esquerda, Fausto Silva comanda (comanda!?) seu bagunçadíssimo programa de variedades *Perdidos na Noite*, e crava um segundo lugar, seguido de perto pelos videoclipes e entrevistas do *Clip Clip*.

SIOUXSIE BANSHEES

PolyGram



RAUL SEIXAS

RAUL SEIXAS

Atenção, roqueiros! Vem aí o *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!*, a aula de rock'n'roll de Raul Seixas. Para falar do disco, ninguém melhor que ele próprio. Logo no início da entrevista, Raul desandou a explicar minuciosamente música por música, acorde por acorde, letra por letra.

Entrevistar Raul Seixas não é tarefa fácil. Pioneiro do rock nacional — e personagem controvertido —, o que há de novo para perguntar a ele? Na verdade, logo, logo, descobri que sempre há algo de novo, inédito e rico para conversar com Raul.

Antes, porém, procedi aos levantamentos. Choveram cópias de reportagens — 60% eram lixo; 25%, razoáveis; e 15%, aproveitáveis. Êta jornalismo nacional!!! Mas havia uma esperança, um último trunfo de pesquisa — Sylvio Passos (presidente do mais importante fã-clube de Raul, devidamente registrado num box no final desta matéria). Lá fui eu até o Parque Edu Chaves (periferia de São Paulo) e quase me afoguei no oceano de informações que Sylvio guarda sobre Raul. Por onde começar? E os calafrios na espinha aumentavam. Fiz poucas anotações. No último minuto, com a b* na cadeira e os dedos colados nas teclas, formulei 37 perguntas. Achei que daria. Tinha que dar. Vamos lá! Seja o que Deus quiser!

Mil telefonemas para acertar a entrevista. Desencontros na primeira tentativa. Tentamos mais uma vez. Chego a casa de Raul na hora marcada. Toco a campainha. "Quem é?", pergunta um garoto. "Sônia Maia, da revista BIZZ", respondo. De repente, sai de lá o próprio Raul. "Entre, meu amor!". E a agonia tinha terminado. Ou melhor, tinha apenas começado.

"Você tem a fita do novo LP aí?", foi a primeira pergunta. "Sim, sim. Está sem mixar. Vamos subir e ouvir", ele responde.

Raul aperta a tecla *play* do gravador e os primeiros acordes começam a soar. Imediatamente ele começa a falar do disco. "Esta chama 'Quando Acabar, o Maluco Sou Eu' ". E ele justifica o título: "Porque eu fiz esse disco para os roqueiros ouvirem, para eles não deixarem o rock'n'roll morrer... Ela tem uma guitarra bem Chuck Berry e um violão de 12 cordas mais para os Byrds. É uma verdadeira mistura raulseixista". Raul se detém numa frase e ri: "Veja: 'O Papa tem de se tocar e sair pelado pela Itália' ", repete junto com a música.

A próxima é "Paranóia 2". "É um rock surreal, mistura meio jazzística, mais ou menos na linha de 'Não Me Pergunte Por Quê' (do LP *Maia Virgem*, de 78) e, também, de 'Eu Sou Egoísta' (do LP *Novo Aéon*, de 75)", diz ele. "Gente" entra pelos ouvidos e a emoção aumenta. É, de fato, um superdisco, uma síntese de tudo que Raul já fez, moldado pela sonoridade atemporal do rock mesclado a várias correntes — e ele mostra-se orgulhoso com o resultado final do LP. "Esta música tem um ritmo novo, criado no estúdio mesmo", explica. " 'Como o Diabo Gosta' (a seguinte) é um rock/country, mais ou menos no estilo/humor dos anos 50. É baseada na minha história com a Lena (atual mulher de Raul)."

"Cowboy Fora da Lei" começa a rolar e ele solta: "É a que mais se aproxima da música-mensagem. Fala de Tancredo e de figuras como Luther King e Ghandi". Pergunto se Raul acha que Tancredo foi assassinado. Ele responde: "Acho". Aproveito a pausa para dizer que não gostei da versão que o Camisa de Vênus fez de "Ouro de Tolo". "Eu também não gostei. Perdeu o sentido que eu quis dar", completa Raul.

"Cantar"... "é uma balada mais ou menos no estilo Cliff Richard — um indiano que aconteceu na Inglaterra antes dos Beatles. Essa outra está censurada — chama-se 'Check-Up'. Eu não entendo. Cada fase eles (a censura) querem alguma coisa. Falo dos meus comprimidinhos, nada mais além disso. Essa também está censurada. 'Não Quero Mais Andar na Contramão'. Eu não entendo", lamenta. "É uma música em que eu falo que parei com tudo, não quero mais..."

"Cancerano Sem Lar" Raul fez quando estava na clínica Tobias, para tratamento contra o alcoolismo. "Não é *traditional blues*", ele emenda. "É uma coletânea de retalhos de rock'n'roll, rhythm'n'blues e gospel. 'Loba' já traz temas característicos dos anos 50 — letra maliciosa *versus* música ingênua."

"Cambalache" — o famoso tango de Henrique Santos Di Cépalo, gravado por, entre outros, Caetano Veloso (em seu álbum branco de 69) — tem uma das misturas mais hilariantes do disco. "Um arranjo louco, superintuitivo, em três ritmos, a bateria fica no tango, o baixo em blues e a guitarra em rock. Todo quebrado", explica Raul.

E, finalmente, a versão em inglês de "Gita", que ficou "I Am". "Falar *I am* (e não *I'm*, como no coloquial) é uma coisa muito forte, uma afirmação *mesmo*. Canto num inglês shakespeariano e este é um novo arranjo, sem orquestra. Preferi manter a coisa crua, mesmo. E é só", conclui, abaixando aos poucos o volume do gravador. E tem início a entrevista.

***

BIZZ — *Vamos começar por onde você começou. Logo de cara, você disse que este disco era um presente para os roqueiros de hoje.*

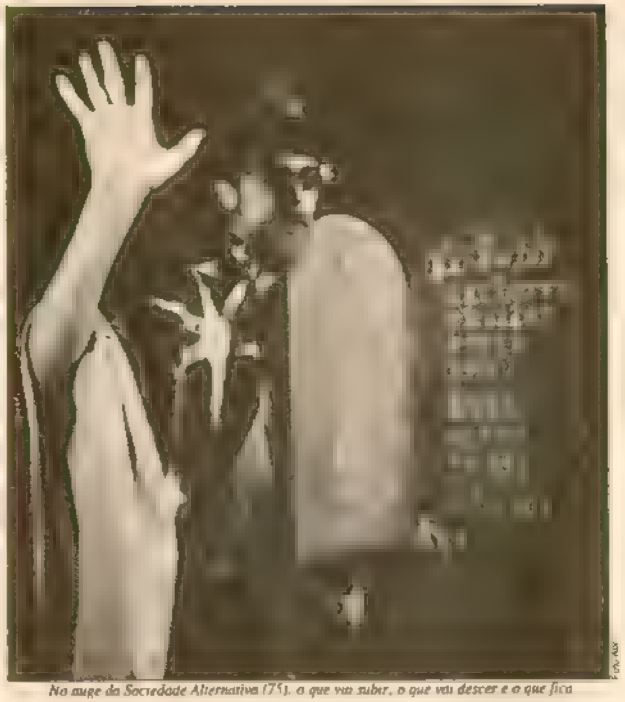
Raul — Porque o rock'n'roll nasceu mais ou menos em 54, com cinco influências diferentes: o rock de Chicago — Chuck Berry; do Alabama — Little Richards, os gospels (spirituals) dos negros americanos, e foi se transformando até Elvis Presley fazer o rockabilly. Mas em 59 ele sofreu uma queda — o rock'n'roll mesmo, aquela coisa da dança... enfim, o rock era, na medida que eu conheço, um movimento comportamentista — ter o cabelo assim (Raul mostra uma foto sua, ainda adolescente, de topete e gola alta), cantar desse jeito, de uma maneira tão estranha que as mães tiravam os filhos da primeira fila, pensando que eles estavam tendo ataque de epilepsia. E esses conjuntos de hoje estão fazendo uma coisa muito chegada ao que estão fazendo nos EUA. E lá está uma decadência! Musicalmente, é horrível! Música é música. Música é uma coisa bem-feita, tem ritmo, é gostosa. E o que está acontecendo é que a coisa não está rendendo. Não estão mostrando uma coisa nova. Estão, isso sim, atrasando a música verdadeira. Qualquer pessoa pega no contrabaixo e fica dando uma nota só. Cansei de ver isso, ouvir. Ouço até hoje. Então esse disco vai, assim, como um presente meu, para não deixarem o rock morrer. É um disco só de rock n'roll. E isso!

BIZZ — *Aproveita e fala um pouco da censura. Desta vez, você não teve problemas em colocar o aspecto político, mas, em compensação, teve problemas ao falar de seus compromidinhos, "que o fazem quase ficar em paz", como diz a letra de "Check Up", censuradíssima.*

Raul — Exato, meus comprimidinhos! Sem eles eu não durmo. Mas o caso da censura é o seguinte: eles têm algo comigo, com meu nome, eu não sei... desde a época da Sociedade Alternativa, de *Gita*... cada hora a censura muda para uma fase: fase que não pode falar de sexo, fase que não pode falar de drogas, fase que não pode falar de política. Agora está aberta para a política. Quer dizer, músicas que o ano passado jamais passariam estão passando agora. Regravei duas delas. Agora estão na fase de drogas. Não sei o que eles estão pensando. Estou esperando que mude o governo, que mude alguma coisa em matéria de censura, para eu poder fazer passar "Check-Up" e "Não Quero Mais Andar na Contramão", pois são duas músicas belíssimas, como um filho para mim... a gente pari e tem de criar. É difícil vê-los vetados assim.

BIZZ — *Em 73/76 você começou a frequentar uma sociedade esotérica e se envolveu com ocultismo etc. Queria que você dissesse como foi aquela fase e o que ficou dela. Você chegou até a ser expulso daquela sociedade.*

Raul — Exato. Além de ser expulso da AA (cujas iniciais foram interpretadas no passado como Argentum Astrum), eu fui posto para fora do país. Essa sociedade simpatizou muito com a música "Sociedade Alternativa" e com o trabalho que eu estava fazendo com o Paulo Coelho na época. Era um trabalho no sentido de fazer uma reestruturação de todos os valores. Isso tudo acarretou em muitos prejuízos para mim. E a reestruturação, essa mudança de valores, não foi completa porque o governo não gostou. A AA me deu um terreno enorme em Minas Gerais para eu construir a Cidade das Estrelas, que era meu sonho na época. Tipo colocar o anti-advogado, o anti-guarda, o anti-tudo... Mutação radical de valores, mesmo. Porque está mudando, só que as pessoas não querem ver. Até hoje a Sociedade Alternativa fica comigo como uma boa lembrança. Não guardo nenhuma cicatriz psicológica sobre minha saída daqui, que foi braba. Eu pertencia a esta AA, tanto aqui como nos EUA. Fui neófito dessa sociedade. Mas, como eu enrolei um baseado num papiro egípcio, queimei o papiro deles, que era tudo como uma coisa sagrada, eles me botaram para fora. E ficou por isso mesmo. Fui expulso e não voltei mais. Cheguei a iniciar onze pessoas nos EUA. Coisa de maluco, mesmo. Cheguei a frequentar a livraria onde os grandes mestres



No auge da Sociedade Alternativa (75), o que vai subir, o que vai descer e o que fica

"Não guardo nenhuma cicatriz psicológica sobre minha saída daqui, que foi braba"

RAUL SEIXAS

Foto Arquivo Pessoal Sylvio Passos

Final dos 50, seu primeiro grupo. Relâmpagos do Rock Sentado. Raul

se escondiam e se encontravam. Eu falava — e falo — fluentemente inglês. Não foi difícil, até aquela besteira que eu fiz e eles não gostaram nada. Tinha de fazer os exercícios que estavam escritos no papiro, e eu não fazia. Também, eu estava muito confuso nos EUA. Tinha sido recém-expulso daqui, estava sem dinheiro, ficava cantando *country music* nas esquinas para ganhar dinheiro — botava um chapéu de cowboy e metia bronca. E ganhava grana, mesmo. Porque lá eles dão valor. Você cantando direito, junta gente mesmo.

BIZZ — *O Sylvio disse que a Sociedade Alternativa nunca começou, nem nunca terminou, que ela sempre existiu. Como assim?*

Raul — Ela sempre existiu, desde o tempo do Egito. Inclusive Aleister Crowley, que é o papa maior dessa entidade, ele se baseou nos papiros egípcios (não aquele em que eu fumei maconha. Esses deviam ser mais gostosos)... uma coisa de Osíris, Ísis e Horus — pai, mãe e filho. E ele descobriu um segredo terrível, lá.

BIZZ — *Qual era o segredo?*

Raul — Eu não sei, porque eu era neófito. Só na quarta iniciação eles contavam o segredo *(risos)*. Por isso eu disse que nunca começou, nem nunca terminou. Vi que meu ponto de vista não estava muito longe da AA. O que é, é. E sempre será. Não adianta mentir, mistificar.

BIZZ — *Agora, conta todos os detalhes de sua expulsão do Brasil, em 74.*

Raul — Até hoje não sei realmente qual foi o motivo. Mas veio uma ordem de prisão do I Exército e me deixaram no Aterro do Flamengo. Me levaram para um lugar que eu não sei onde era. . tinha uns cinco sujeitos — bom, eu estava... imagine a situação —, eu estava nu, com uma carapuça preta que eles me colocaram. E veio de lá mil barbaridades: choque em lugares delicados . tudo para eu poder dizer os nomes das pessoas que faziam parte da Sociedade Alternativa, que, segundo eles, era um movimento revolucionário contra o governo. O que não era. Era uma coisa mais espiritual... eu preferiria dizer que tinha pacto com o demônio a dizer que tinha parte com a revolução. Então foi isso — me levaram, me escoltaram até o aeroporto ..

BIZZ — *Sem você arrumar as malas?*

Raul — Nada, nada. Fiquei apavorado, fui direitinho.

BIZZ — *E te largaram lá (nos EUA), sem mais nem menos?*

Raul — Sim, mas eu tinha família lá. Eu era casado com uma americana, na época. Sou casado cinco vezes.

BIZZ — *Você não consegue ficar descasado, não é?*

Raul — Não consigo. Eu gosto de ficar com minha mulher, assistindo videocassete. Fico fazendo minhas bombinhas dentro de casa e jogando para fora e dando risada, vendo como estoura lá fora. Não gosto de me expor. Por isso gosto mais de estúdio que de show. Você expõe muito seu corpo num show. Mas o que foi que você perguntou mesmo?

BIZZ — *Você tinha chegado nos EUA...*

Raul — É. Primeiro eu fui para a Geórgia. Pegamos as coisas de Glória e colocamos no Cadillac que eu comprei do pai dela. Um Cadillac ano 57, cor-de-rosa, do tempo de Elvis Presley. Atravessamos os EUA inteiros, chegamos até Nova York e fomos morar no Greenwich Village.

BIZZ — *Na boca do leão*

Raul — Exato. Ali é brabeza. Não sei como eu não morri. Acho que Deus protege os inocentes. Altas horas da noite e eu por dentro daquelas ruelas, na barra-pesada .. e aqueles crioulões, de chapéu para baixo... e tem uma história que eu nunca me esqueço. Numa dessas "buscas", eu fui parar numa rua sem saída. E lá tinha um palhaço — bonito, todo vestido pomposamente — comendo lixo. E ele me ofereceu. Fez um gesto assim com a mão para eu comer lixo com ele. Eu fui. Pelo menos o lixo americano é bem mais saudável, tem uma porção de coisas para você comer. E eu fiz a festa. Eu e o palhaço. Eu não ia desrespeitar o cara. Vai saber quem era — de repente, um paranóico, um maníaco...

BIZZ — *E lá nos EUA você encontrou aquele povo todo — John Lennon, Jerry Lee Lewis. Conte como foram esses encontros.*

Raul — O John, eu fui até ele com um cara, repórter da revista *O Cruzeiro*. E esse cara se atreveu a perguntar sobre a separação de John e Yoko. O John mandou o guarda-costas dele botar o cara para fora. Aí eu disse que não tinha nada a ver com isso, que meu assunto era

"Eu e Lennon conversamos, basicamente, sobre Cristo, Einstein, Calígula..."

outro. Ficamos conversando o tempo todo sobre as grandes figuras da humanidade: sobre Jesus Cristo, Einstein, Calígula, Crowley; enfim, figuras que modificaram o rumo da humanidade, basicamente. Aí teve um momento em que ele me perguntou: "E lá no Brasil? Quem tem?" Aí eu fiquei todo nervoso e larguei um Café Filho qualquer. E ele: "Hein?!?!" Eu disse: "Nada, nada. *It's all right* .. não tem ninguém não". E ficou por isso mesmo.

BIZZ — *O Jerry Lee Lewis foi..*

Raul — Em Memphis, Tennessee. Num lugar chamado *Bad Bobs*, Bobs malvados. Ele chegou com a gangue dele e eu fui logo malhando o rock moderno e ele gostou. Ele estava cheio de Bourbon e até me acompanhou no piano. Eu tinha a gravação até há pouco tempo. Não sei o que houve. Alguém já deve ter levado daqui. E foi legal, o povo americano aplaudiu, mesmo.

BIZZ — *Nessas histórias de encontros, teve ainda aquele com Mick Jagger, isso em 68, quando ele estava aqui no Brasil. Na época Jagger lhe disse coisas que mudaram suas idéias. O que foi que ele disse?*

Raul — Ele me antecipou os valores morais que estavam vigentes naquela época e que não tinham chegado ao Brasil. Me antecipou o que estava acontecendo musicalmente, culturalmente, em matéria de comportamento... foi interessantíssimo. Fiquei impressionado e me valeu para modificar os meus valores — eu era baiano arraigado, aquelas coisas em que você fica meio pendurado. Primeiro, minha mãe queria que eu fosse presidente. Aí eu disse: "Ah' Mãe, não dá. Presidente da República não dá". Depois queria que eu fosse diplomata. Eu acabei sendo o que eu sou, mesmo. Me formei em Filosofia para mostrar aos pais da minha primeira mulher — que eram protestantes — como era fácil ser burro. Mas não segui carreira. Utilizei isso depois, nas minhas músicas. Fui mais fundo, bem mais fundo.

BIZZ — *Tem esse escrito seu, que eu consegui com o Sylvio, e que eu achei muito interessante: "Duas Palavras Sobre a Revolução Pop" Quando você escreveu isso? Fale um pouco do que está dito aí.*

Raul — Olha! Legal isso! Isso está ligado justamente ao que Mick Jagger conversou comigo. Foi mais ou menos na mesma época. Escrevi para o meu pai, nem sei se ele chegou a ler... a mudança em todos os meios de comunicação. Eu digo isso numa música chamada "A Verdade Sobre a Nostalgia", do disco *Novo Aéon*: "Mamãe já ouve Beatles, papai já desbundou. Com meu cabelo grande, eu fiquei contra o que já sou". Não é isso?! É o seguinte: essa coisa, esse movimento todo, foi por água abaixo, porque o sistema se utilizou disso e os jovens não notaram que estavam comprando roupa hippie; como os punks, hoje em dia, estão comprando roupa punk, estão raspando a cabeça e cantando músicas que o sistema está comercializando. Não é assim que se entra. Tem de entrar em buraco de rato, e rato você tem de transar. Mas transar conscientemente — jogar com dinheiro, com os valores que debitam em você, mas sabendo. Não como esses conjuntos que a Globo faz, que são meteoros e são "sucumbidos". Eles não têm consciência da estrutura, não têm uma estrutura básica formada, uma visão ideológica, ontológica e metafísica do mundo circundante. Esse é o grande erro, a meu ver.

BIZZ — *Falando um pouquinho sobre MPB, o que foi significativo para você na música e na mensagem?*

Raul — O Tropicalismo foi importante para a MPB. Deu uma guinada. Você sente quando dá uma guinada. Não adianta você pichar, dizer que não é, porque é. E foi um movimento consciente, porque os meninos eram inteligentes.

BIZZ — *E o Gil está lá na Bahia, como secretário da Cultura. O que você acha disso?*

Raul — Não acho legal, não. Porque eu não gosto de política. É a mesma coisa que jogador de futebol querer ser artista, ator de novela querer cantar música. Mistura as bolas. A não ser que ele opte.

BIZZ — *Quando você estava na Bahia, em 66, o Jerry Adriani falou para você ir para o Rio que ele ajeitava tudo. Você foi, não deu nada certo, e voltou para a Bahia. Este foi um período meio nebuloso para você. E teve a coisa de todo mundo ficar preocupado, cochichos entre sua mulher e sua mãe. Fale um pouco desse enclausuramento e o resultado disso tudo.*

Raul — Eu estava sozinho, no embrião, tecendo minha teia dentro daquele momento que, aparentemente, parecia loucura, que eu não ia mais sair daquilo ali. Que nada! Eu estava preparando a minha bomba. Eu já tinha escrito "Ouro de Tolo" naquela época, na parede. "Metamorfose Ambulante" também estava na parede.

BIZZ — *E quando você chegou ao Rio (em 67), não entendeu nada do que estava acontecendo: Agnaldo Timóteo, de um lado; Mutantes, Gil e Caetano, de outro. Como você ficou no meio dessa salada?*

Raul — Nós — Raulzito e os Panteras — estávamos fazendo uma coisa intimista, mesmo. Eu não sabia que o disco tinha sido lançado pela gravadora para constar no catálogo. Esses negócios que a fábrica faz, para dar à Inglaterra um número x de lançamentos que eles estão fazendo aqui. O disco não era para ser divulgado, para nada, e eu não sabia. Então, eu trabalhei à toa. A gente saía às 4 horas da manhã, chegava na cidade às 10 para divulgar o disco. E os caras da gravadora quebravam o disco, cuspiam, pisavam... faziam horrores. E a gente passando fome!

BIZZ — *Mesmo você estando ligado ao pessoal em voga na época — Wanderley Cardoso, Roberto Carlos, Wanderléia?*

Raul — Nada frutificou. Estava acontecendo o movimento da Jovem Guarda, de um lado, e o Fino da Bossa, do outro. E era uma briga, briga até antiga. Eu me lembro que a gente fazia rock num lugar, lá na Bahia, que se chamava Cinema Roma — era o templo do rock. E no Teatro Vila Velha se apresentavam os intelectuais. Caetano, Gil, Tom Zé, Maria Bethânia, que faziam bossa nova. E eles eram contra guitarra elétrica. Falavam que era entreguismo. E o Tropicalismo acabou com essa diferença. De Elis Regina, de um lado, e Roberto Carlos, do outro. E eu, com o Raulzito e os Panteras, não estava em nenhum desses dois. Enfim, não vingou. Os dois grupos eram muito fortes *na época*. O meu disco era muito intimista. Falava sobre agnosticismo —, uma música lânguida, e eu cantando com a vozinha fina..

BIZZ — *Foi nessa época que você chegou à conclusão de que ainda não era aquilo que você queria dizer à juventude?*

Foto Arquivo Sylvio Passos

1972, Aterro do Flamengo. Uma segunda tentativa no circuito musical

RAUL SEIXAS

Raul — É! Por isso mesmo. Não foi forte como eu fui em 74, abalando mesmo as coisas

BIZZ — *Você ainda continua sendo um dos poucos — ou o único — a fazer a fusão do rock com a música popular brasileira, como o baião. Fale um pouco dessa fusão e suas influências desde o início*

Raul — Eu nasci numa época fértil da música aqui para o Brasil. Tinha bossa nova, cha-cha-cha, Luiz Gonzaga, Trio Los Panchos, Yma Sumac — ela é uma loucura. Voz de violino... eu tenho uma cultura musical muito boa, sabe? E juntei tudo isso. Quando eu soltei, soltei tudo de uma vez. E o rock, porque eu morava do lado do consulado americano e andava com os americaninhos... era um negócio fabuloso, uma cultura fascinante, e juntei tudo numa coisa só

BIZZ — *E de lá para cá? Tem algum grupo ou compositor que te influenciou?*

Raul — Não, não. Eu estou descobrindo coisas até hoje. Descobri Bernie Cass, um cara que toca com Julie London, um guitarrista. E anos 50. Estou descobrindo uma cantora, a Violeta Parra. Descobri esse ritmo e ainda vou fazer uma música com aquele *feeling*. Apesar de ser difícil aquela batida, difícil pra burro. Estou em cima disso. Ela é demais. Enfim, estou descobrindo coisas. Agora, para dar um ziguezague mesmo, não tem absolutamente nada que me traga um subsídio qualquer

BIZZ — *Você, Keith Richards, Mick Jagger e mais um ou outro são os únicos quarentões que conseguem manter a força e o espírito do rock'n'roll, de permanecer na mesma estrada. Como é manter essa chama acesa?*

Raul — Essa vitalidade parece que nasceu com a gente. É uma coisa fantástica. Quando eu entro no palco me transformo. Não sou essa pessoa que está dando esta entrevista. Entro no palco e estou imbuído daquilo tudo, de meus pensamentos revertidos em música com a capa do rock'n'roll. E sai assim, dessa maneira, não sei como definir

BIZZ — *Fale de sua relação com a mídia e os empresários. Das dificuldades que você enfrentou e ainda enfrenta*

Raul — É por isso que eu faço poucos shows. Quando eu estive com o Guilherme Araújo (73/74), fui destacado para ser *mais um baiano*. Eu *era* baiano, mas não era *dos* baianos — Bethânia, Gal, Gil, Caetano. E eles cuidavam dos livros, economicamente falando. E tinha a tia Léa — quero que você cite ela, que toma conta do dinheiro deles. E me passavam para trás. Jogavam tudo que era meu no Imposto de Renda deles. Esse negócio começou a me dar bronca. Tentei empresários inferiores, de nível mais baixo. Aí os lugares em que eu ia tocar também não me contentavam. Meu público é incrível. Em todo lugar eu fazia sucesso. Mas era muita repetição de feira de gado. Eu queria uma coisa maior. Eu levava o público ao delírio, e acho que ainda levo. Mas os empresários me passam para trás porque sou muito ingênuo nessa coisa de dinheiro. Eu queria achar um empresário bom, que correspondesse com minha parte artística. Se eles fossem legais comigo, eu também seria com eles. Muitas vezes eu fazia arbitrariedades porque eu sabia que

"Os federais, que estavam atrás da coxia, disseram: 'Se ganhar, está frito'"

não ia receber. *(Raul se levanta e pega seu álbum de fotos e reportagens. Passa a relembrar alguns momentos interessantes, por exemplo a participação dele no Festival Internacional da Canção em 72.)* Eu ia tirar a segunda colocação neste Festival. E os federais estavam atrás do palco

BIZZ — *Conta como foi essa história direito.*

Raul — Foi quando eu levei o "Let Me Sing My Rock'n'Roll", o pessoal federal estava todo por trás da coxia, dando toque de que se eu ganhasse estava frito. Nunca tinha visto isso. Fiquei apavorado! Eu não podia ganhar! Isso porque o júri, segundo eles, era anarquista — Rogério Duprat, Guilherme Araújo, Nelsinho Motta, só a rapeja. Peguei o terceiro lugar. *(Em outra foto, com Silvio Santos, Raul se detém e fala do dia em que ele parou o programa de Silvio.)* Parei para mostrar a minha capa. Você sabe, ele é o artista do programa. E ele ficou todo sem jeito, e aí eu comecei a conversar com o auditório dele. Tomei dele. E aí ele quis sair a murro atrás da cena comigo. Nunca mais fui ao programa dele

BIZZ — *Fale um pouco da sua parceria com Paulo Coelho*

Raul — Eu digo que tinha uma briga cultural com ele, para ver quem ganhava. Eu era o melhor amigo do inimigo, e vice-versa. Com o passar dos anos, houve um desgaste. Mas sempre foi uma boa parceria, com afinco, e saíram obras lindíssimas, como "Canto Para Minha Morte", "Ave Maria da Rua", "Meu Amigo Pedro", "Tente Outra Vez". Tenho muita vontade de gravar um LP só com essas músicas lindas, tipo aquelas que não tocam no rádio, o outro lado do disco

Foto Arquivo Pessoal Sylvio Passos

Nos camarins, Raulzito e os Panteras com Roberto Carlos (fim dos 60)

BIZZ — *E o que você pretende fazer com todas essas raridades que você tem aqui?*

Raul — Essa fita, por exemplo, é uma raridade mesmo. Raul também é documento! Trata-se de eu escutando com Roberto Menescal e André Midani no estúdio. Eles queriam que eu gravasse um sucesso. E eles tinham me malhado primeiro, malharam mesmo. Depois de *Gita*, eu fiz o LP *Novo Aéon* que é o disco de que eu mais gosto. E este vendeu menos que *Gita*. E, aqui no Brasil, você tem que matar um leão por dia. Se não matar, você está frito, já perdeu. E aí veio aquela história: "Raul Seixas perdeu a cabeça", e coisas do tipo

RAUL SEIXAS

É eu tinha o tal sucesso "Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás", e fui naquele dia para gravar. Aproveitei e esculhambei. Não gravei nada. Tem a fita aí do que saiu. E eu bêbado que nem o diabo, falando para eles: "Isso vai ser levado para a história. Pode deixar, quando Raul morrer vai fazer sucesso. Pelo menos vocês têm essa fita". E não gravei a "Dez Mil...". Deixei para o outro dia. E eles ficaram preocupadíssimos.

BIZZ — *Como é Raul Seixas entrando no atual cenário com esse disco?*

Raul — Todo disco que eu faço é diferente um do outro. E esse eu acho que vai causar um rebuliço danado. Boto muita fé nele, em todos os sentidos — tanto como letra, como continuidade de um trabalho. Não de pregação, mas de um trabalho raulseixista. Ele é minha cara.

BIZZ — *E os "shows" de agora? Lançamento do LP...*

Raul — Não sei, não sei não. Eu vou fazer o videoclip. Já tenho idéias até de mais. Vai ter que cortar.

BIZZ — *E a história de lançar o disco lá fora?*

Raul — Vou tentar lançar "Gita" em inglês, que ficou "I Am". Está indo para o Midem, que é o mercado internacional de não sei o quê. É um intercâmbio. O Adiel, que tem uma cancha danada, está superentusiasmado e nós também. Ele vai levar e tentar lançar a música lá.

BIZZ — *Quem toca no disco?*

Raul — Rick, na guitarra, piano, violão de 12 cordas e banjo. Ele é o homem dos sete instrumentos. Ah! toca *slide guitar*, também. O Pedrão começou no baixo, depois entrou Geraldinho e, finalmente, o Nenê (ex-Incríveis). Tem o Antenor, na guitarra, que toca jazz pra burro. Ele destrói a guitarra. E, na bateria, começou com Albino e, depois, Chicão.

BIZZ — *No show, você estará com eles?*

Raul — Eu quero. Já convidei o Rick. Ele toca com o Erasmo.

BIZZ — *Você não ia atacar de produtor novamente? Ouvi dizer que você queria produzir o novo disco da Wanderléia...*

Raul — É... Vou produzir um disco dela sim... um disco bem roqueiro mesmo. Botaram ela num caminho que não era o dela... Coisa de produtor, que não é compositor. E o artista, quando não tem muita noção do próprio trabalho, se deixa levar pelo produtor e o produtor leva para o caminho dele.

BIZZ — *E, fora isso, você está pensando em alguma outra coisa?*

Raul — Estou com um cara aí para lançar. Um cara chamado Arthur, que eu conheci na clínica Tobias. Canta para c*..., 22 anos, lourinho. Vou levar para a Copacabana.

BIZZ — *E eles já toparam?*

Raul — Já. Lá eu tenho carta branca.

BIZZ — *Você ia lançar um disco que se chamaria* Persona. *Por que você mudou de idéia e como seria esse disco?*

Raul — Eu queria fazer um som baseado nas máscaras gregas. Iá ser outro disco pesado, daqueles fatídicos. E, sei lá, estou numa fase bem leve, prefiro fazer esse disco para o pessoal dar prosseguimento à coisa genuína e pura que já é. Sem muitos sintetizadores. Eu ia fazer uma música chamada "Decálogo", sobre os direitos humanos, música baseada estritamente em filosofia existencialista, pessimista, agnóstica, metafísica, mesmo. Mas sabe quando você pendura tudo na parede e sente que não é aquilo, não é o momento? Aí optei pela música mesmo.

BIZZ — *Quais as coisas que leu e que foram realmente significativas para você?*

Raul — Tudo que eu estudei. Estudei latim só para ler *Metamorfose*, de Ovídio. Me formei em Filosofia, inglês arcaico, estudei muito Psicologia, fui a fundo mesmo, mas não levei adiante. Estudei Direito... mais filosofia mesmo, fui até além do que devia. E Literatura, também, muito... e chega, né?

BIZZ — *Já que você falou que gosta muito de Ontologia, nunca aconteceu de você travar aquelas fatídicas discussões?*

Raul — Eh! Varava a noite falando disso. Mil citações, um querendo pegar o outro na dialética, né?

BIZZ — *Uma verborragia infinita!*

Raul — Mas eu acabava com isso num instante. Quando me cansava, eu dizia: "Estamos aqui, dois seres humanos, discutindo há horas, e não chegamos a nenhuma verdade absoluta, porque não existe verdade absoluta. E quer saber de uma coisa? Você não existe". (Risos gerais.)

UM FÃ-CLUBE ATÍPICO

Um dos fãs-clubes de Raul Seixas é encabeçado por Sylvio Passos e o que se poderia chamar de antifã-clube. Ou melhor ainda, aquele que faz tudo que um fã-clube normalmente não faz. Sylvio foi responsável, por exemplo, pelo lançamento de um dos discos mais raros e procurados a peso de ouro hoje em dia de Raul. É uma coletânea do que ele considerou as maiores pérolas do autor, com gravações inéditas, intitulado Let Me Sing My Rock'n Roll. *Além disso (e apesar de não ter ganho um só tostão com esse disco), Sylvio se prepara para lançar, logo após ou simultaneamente ao LP de Raul, uma antologia poética do artista que levará o nome de* A Metamorfose Ambulante. *Ao editores: vale a pena ver o material, riquíssimo!*

Para chegar até Raul, Sylvio colocou um anúncio no jornal. Um belo dia, o então empresário de Raul armou um encontro. 'Quando ouvi Raul pela primeira vez pensei: Esse cara deve ser muito louco. Preciso conhecê-lo.' Quando nos encontramos, olhamos um para o outro e era como se nos conhecêssemos há anos. E não nos desgrudamos mais', conta Sylvio. 'Ele é um grande amigo meu', disse Raul em um dos vários telefonemas para acertarmos a entrevista.

A amizade é tão forte que Raul deixou aos cuidados de Sylvio escritos e mais escritos pessoais, fitas e mais fitas raras, além das que o próprio Sylvio gravou ou conseguiu. Fora a infinidade de reportagens e toda a discografia completa do artista. Conhecendo o Raul e Sylvio dá para perceber que o artista ganhou um admirador à sua altura.

Ao contrário de Raul, Sylvio não curte apenas o rock dos anos 50. Além dos pais do estilo, ele gosta e muito dos Doors, Lou Reed, jazz, jazz-rock e blues e declara que o Smack é a melhor banda de rock daqui. Este é o perfil do garoto de 23 anos que está no comando de um dos poucos fã-clubes dignos de nota no Brasil. Quem tiver interesse basta escrever para a Caixa Postal 12106, agência Santana, CEP 02098, SP. E, como diz o carimbo que Sylvio sempre coloca em suas correspondências: PARE, PENSE, ENTENDA.

THE CURE MAIS DE 150 MIL CÓPIAS NO BRASIL!
STANDING ON A BEACH

PolyGram

OFF
CUFF
★ BRASIL TOUR MARÇO 87
★ SÃO PAULO ★ PORTO ALEGRE ★ RIO DE JANEIRO ★ BELO
polygram

ALCEU VALENÇA

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Sem barba, ele perdeu um pouco do seu ar de messias alucinado. Vindo de São Bento do Una, interior de Pernambuco, ele desembarcou na MPB dos anos 70, surpreendendo o país com o folclore vestido de modernidade que se tornou a marca de seu estilo. Daí para a Europa, onde ele já lançou discos, paquerou (por acaso) a atriz Jacqueline Bisset e escapou por pouco da polícia francesa... *Cesar Garcia Lima* confere o que Alceu, de disco novo, tem para acrescentar.

BIZZ — *A imprensa sempre disse que você, da geração de nordestinos na MPB é o mais ligado ao rock, que você tem uma "atitude rock" Qual a sua relação verdadeira com o rock?*

Alceu — Eu tenho uma ligação com o antigo rock, com os dois primeiros discos de Elvis Presley, que fizeram minha cabeça, e os outros são tudo merda. Mas ficou em mim o que eu queria fazer, porque a minha musica é uma coisa multifacetaria, cada disco é uma surpresa. Se você for olhar o *Espelho Cristalino* é o o maior cacete, porque eu quis dar o cacete, talvez no próximo eu queira voltar a isso, talvez eu volte tocando violão sozinho. O que eu não quero é entrar, como eu nunca entrei, em movimento Prefiro fazer o movimento à minha moda.

BIZZ — *Você é um dos "sobreviventes" da musica nordestina que estourou nos anos 70. Como é isso?*

Alceu — Eu sou da segunda leva do Nordeste, digamos — primeiro, foram os baianos que chegaram. Eu cheguei em 70, fui o último a aprontar, de megafone na mão, e em 76 já tinha gravado dois discos. Aí eu fui para a Europa, porque não dava para continuar a ser dono do meu trabalho aqui, porque já havia uma certa pressão de vender discos, e eu fui embora, como exilado artístico do meu país. Quando eu voltei, em 80, já estava todo mundo montado no futuro indicativo, o pessoal que tinha chegado depois de mim, como Elba Ramalho — que fazia coro no meu grupo —, Geraldo Azevedo — que também tinha começado comigo —, Fagner, Belchior, já estavam todos em cima. Fora estes, centenas de nordestinos já estavam na onda. Onde se ouvia um sotaque diziam: chama que esse cara é nordestino, puxa ele para cá, bota pra gravar Então, essa própria indústria gostou desse tipo de musica. Gostou não, ela ganhou dinheiro com esse tipo de música. E aí? E o grupo nordestino? Que grupo porra nenhuma, sabe? O movimento nordestino para existir tinha que ter uma ideologia estética e ali não tinha, o que o Fagner faz não é o mesmo que o Geraldo Azevedo ou a Elba Ramalho ou o que eu faço.

BIZZ — *É o mesmo com o rock agora*

Alceu — Perfeito. *Eles estão gostando do rock agora.* E o rock é uma coisa boa. Eles se aproximam muito das pessoas que fazem rock e terminam tirando a rebeldia, que é a própria essência do rock. E não é só a rebeldia dentro da música, é a rebeldia em atitudes, a liberdade, a loucura. A postura rock eu sempre tive, porque fui pros Estados Unidos em 69, pra Universidade de Harvard fazer um curso de Sociologia, sobre Desenvolvimento da América Latina. Quando chegou lá eu disse: pô, estão dando uma lavagem cerebral na gente. Mas também tinha um cara de um partido de vanguarda, então eu falei pra ele: bicho, você está aqui ganhando dinheiro igual aos outros pra dar uma lavagem cerebral na gente. Ele disse: "Não, somos da Sociedade Americana Democrática Jovem. Nós estamos com os Black Panthers..." Eu disse: então quero ver, mostra pra gente. Aí então o cara levou a gente em Boston, num bairro incendiado, e de escada em escada demos num quarto, onde tinha uns caras com metralhadoras, cartilha vermelha de Mao, o c*. A embaixada brasileira soube disso aí e quis saber do que se tratava, mas ficava ridículo a gente ir lá numa sociedade dita aberta e não ver o que estava acontecendo.

BIZZ — *Você já foi convidado para o próximo Rock in Rio, além de participar do primeiro. Você gosta do rock nacional?*

Alceu — Tem um movimento marginal que é legal, eu sou pela arte, pela pureza, pela sinceridade na arte. Então tem as coisas sinceras, e tem aqueles caras que nunca iam fazer rock, que não iam fazer porra nenhuma, e que agora vão e fazem. Nisso tem a mesma coisa do Nordeste que eu estava dizendo — tinha pessoas legais dentro mas estava abarrotado de uma maioria muito ruim e que terminou num preconceito terrível. Na hora eu disse: isso aí vai passar, a história é como uma peneira — quem passa na primeira dança. E no rock também vai ficar pouca gente em cima. Então de tanto RRR, roer o rock nas rádios, vão ficar só aqueles grupos que são bons, realmente.

BIZZ — *De quem você gosta?*

Alceu — Eu gosto dos Titãs. Nunca ouvi disco, mas gosto de ver na televisão, gosto da postura, sinto uma coisa verdadeira. O RPM é o seguinte: as pessoas que esculhambam com eles são as mesmas que elogiaram um ano atrás. Eu quero ver o próximo disco — este ao vivo não conta, porque é quase o mesmo repertório do LP; se for uma merda, aí as pessoas têm o direito de sentar o pau. Mas como você pode dizer que um disco é bom hoje, se antes de fazer o outro já estão esculhambando? Eu gosto do Paulo Ricardo, ele canta muito bem, acho legal. Uma pessoa que eu não sei se é rock ou não, que faz samba, mil coisas, é Marina. Acho Marina uma cantora maravilhosa, é a

Alceu desfia suas peripécias e fala do passado

cantora que eu prefiro.
BIZZ — *Ano passado, você participou do festival de Varadero, em Cuba. Como foi?*
Alceu — É um festival imenso, em Havana, onde vai gente de todo o mundo. Pinta muito jazz, reggae, e de todo o mundo, Estados Unidos inclusive. Na epoca, as relações diplomáticas ainda estavam fechadas, e quando a gente chegou no Peru teve um furacão em Cuba, que acabou com toda a estrutura do festival. E Varadero é uma praia, perto de Havana. Com o furacão, tudo foi transferido para Havana em uma semana, e todos os convidados divididos entre os teatros. Terminei ficando com uma coisa cruel, que era uma cantora argentina (Silvana Dilmerenzo), quase *robertocarliana*, meio italianada, meio chata. E eu lá no meio, junto de um publico velho. Então eu pensava: porra, será que o publico daqui é esse? E pegava o microfone e saia gritando: cadê a rapaziada? Cadê a rapaziada? A rapeize onde é que anda? Num outro dia eu fui ver um show de reggae, uma coisa mais aberta, e tava lá a rapaziada todinha. Eu terminei caindo no Carnegie Hall de Cuba...
BIZZ — *Fale sobre o trabalho na Holanda, quando você gravou o LP Mágico.*
Alceu — O trabalho da Holanda foi a coisa mais importante pra mim em termos técnicos, talvez. Tinha um produtor francês de rock que falava pra mim que os meus discos não tinham um boa qualidade de som, e eu pensava que tinham, pra mim tava tudo bem. Então, na Holanda, no primeiro dia de gravação, o técnico falou: que som do c*! E eu fiquei puto porque não estava bom, e eu já queria voltar pra cá. Aí ele perguntou: "qual o som que vocês querem que eu faça?" — e era uma loucura, porque eu não sabia falar alemão, era uma pessoa que traduzia. Eu disse que não tinha um padrão e mostrei um disco meu, por azar mau gravado, que era o *Anjo Avesso*. Ele pôs um disco dele, e eu pus o meu, e tava um cacete. Eu disse: "ta errado o som da radiola" Ele botava um, botava outro, e foi a mesma coisa. Eu não entendi nada. A partir disso eu comecei a prestar atenção em todos os detalhes, me comunicando por mimica, e pronto. O Paulinho pegou uma tecnologia filha da p* lá e quando voltamos gravamos o *Estação da Luz*, um disco muito bem gravado mas com o estúdio sem alguns periféricos, sem os compressores que se usavam lá. Neste ultimo a gente mandou ver, alugou onde tivesse. Acrescentamos tudo o que faltava e arrasamos.
BIZZ — *Outras histórias no exterior?*
Alceu — Tenho. Em 79, eu e Paulinho estávamos em Paris, levando um show. No primeiro dia, a crítica estava toda lá e ganhei uma página no *Liberation*. No dia seguinte, o publico sumiu e nós tiramos xerox dessa crítica pra fazer divulgação, junto com a Ana Elisa, minha empresária na época. Fomos ao metrô distribuir os folhetos e pulamos a catraca. A Ana foi a única que pagou. Os policiais nos viram e começaram a gritar, cercando a gente. A Ana começou a gritar mais alto que eles, e disse pra gente fingir que não sabia falar nada em francês, já que estávamos sem documentos. Ela disse: "Vão embora que eu me viro", e não parou mais de gritar. Nós fomos embora e ela ficou presa, mas foi solta logo depois, porque estava com tudo em ordem. Depois disso, fizemos mais dois meses de show. Outra história foi em Paris mesmo, em 85. Eu estava no Boulevard Raspail e vi uma coroa bonita da porra. Ja estava bebado e soltei um beijo. Ela riu. Fui até lá e me apresentei: sou um poeta e este poema "Blanc" é pra você. E voltei para o meu lugar. Ela abriu o guardanapo, procurou o poema, mas era só guardanapo em branco. Ela me mandou outro onde tinha escrito: "la poésie est un baiser / la poésie est mort / la poésie est blanc" (a poesia é um beijo / a poesia está morta / a poesia é branca). Aí ela foi saindo e eu comecei a berrar o poema em voz alta. O Wellington Lima, que era meu empresário, chegou pra mim e disse que ela era a Jaquelinne Bisset, e eu sem parar de gritar. Ele ficou desesperado: "O Alceu tá delirando, o Alceu tá delirando!"
BIZZ — *Como surgiu este novo LP?*
Alceu — Talvez este *Rubi* seja uma necessidade que eu tinha de fazer um disco que é a cor, a cristalinidade, a luminosidade de *Molhado de Suor*, meu segundo disco. Agora, quando eu sujo o meu trabalho é uma coisa intencional. Mas você pode até enrolar os outros com o sujo. O transparente só faz quem tem capacidade, quem sabe jogar com os sons, com os arranjos, com a mixagem. Inclusive eu acho que fazer um disco como *Rubi* agora — que é um disco que se propõe a ser uma pedra preciosa, luminoso, até sussurrante — já é uma quebra na estética que está aí. Você pode quebrar a estética com um grito, como pode quebrar com o silêncio. Teve um critico que ouviu este disco e disse "ele tem poucos arranjos, tem músicas que até parecem uma base". Mas foi justamente o que eu pensei em fazer! Dizer que não gosta de uma musica, tudo bem, mas dizer que devia colocar mais um instrumento, aí que tem que saber sou eu.
BIZZ — *Como foi a sua participação no Abertura, em 75, com "Vou Danado pra Catende"?*
Alceu — Este festival foi uma coisa engraçada na minha vida, porque não fui eu que me inscrevi. Eu já vinha de vários festivais e estava cansado de levar cacete. Aí resolvi não participar mais de festival. E Carlos Fernando, que compõe com Geraldo Azevedo e é meu parceiro

"Me formei em Direito. Para a música eu fui *levado*. Não fui eu que disse 'agora vou ser artista' "

em algumas músicas, foi inscrever a música do Geraldo no Abertura. Na hora H botou a minha, sem me dizer. E aí eu fui classificado, vim aqui pra São Paulo e foi uma loucura total. Eu me lasquei o tempo todo do festival, porque eu nunca tive uma banda, aí eu disse: só posso participar do festival se eu conseguir um grupo, e eu tenho esse grupo no Recife. Não tinha grupo porra nenhuma lá, era uma maneira de eu caçar umas férias. Eu pensava: vou pegar essa passagem e passar um mês lá na boa, já estava cansado da batalha. Fui lá, fiz uma banda e foi um arraso total, uma coisa diferente no Festival. Mais uma vez não ganhou, mas ganhou o prêmio de pesquisa, quando não existia nenhuma pesquisa... eles não tinham como classificar a minha musica, então deram esse prêmio. .
BIZZ — *Como é a história de que você desistiu de ser advogado?*
Alceu — É o seguinte: eu me formei em Direito, mas não sabia direito o que ia fazer. Porque eu fazia a música, mas foi uma coisa em que eu fui levado, não fui eu que disse: vou ser artista. Não tinha a menor pretensão de ser artista, eu *era* artista. Quem tem a pretensão de ser artista não é artista. Eu tocava violão em casa, na rua com o pessoal, e fui estudando, estudando, terminei me formando em Direito. Aí fui trabalhar num escritório de advocacia que fazia cobranças judiciais. Você manda uma carta ao devedor e ele paga por bem ou vai pra Justiça. Eu passei quase seis meses no escritório, com um paletó do c*, uma roupa bonita pra cacete e não vinha ninguém. Então um dia o camarada chegou e eu fiquei batendo na máquina de escrever: a-s-d-f-g, a-s-d-f-g, pra poder fazer o charme. Aí dei um chá de espera nele pra fazer de conta que eu era advogado — ainda não tinha certidão — e aí o cara falou: "Estou com essa conta da Proiar, de uma televisão que eu não paguei". "Por que?", eu perguntei. E o cara: "Porque eu comprei sem querer". Mas eu disse: "eu não estou entendendo". E ele: "Eu comprei porque vi na televisão um anuncio, que a televisão era barata e dava pra comprar. Eu comprei, mas agora vejo que não posso pagar". Eu perguntei por quê. "Porque eu ganho tanto, sou gari da prefeitura, tenho tantos filhos, pago casa, então meu salario não dá, não posso pagar". Eu disse: "sabe de uma coisa, o senhor tem toda razão. Não pague mesmo que não sou eu que vou cobrar o senhor. Tome isto pro senhor, para passagem do ônibus e tal". E fechei o escritório e *bye bye* pra advocacia.
BIZZ — *Quais são os seus projetos?*
Alceu — Entre julho e agosto vou à Europa, tenho vários shows marcados e mais de 15 festivais. Vou fazer o Olympia, de Paris. Eu vi os shows do Gil na Europa e foi uma loucura. O Gil me convidou pra cantar e eu sou encabulado pra c*. Já é a segunda vez que ele me convida pra subir no palco na Europa. E essa foi a primeira vez que a música brasileira foi tratada com competência. Eu ouvi dizer que nesse show tinha muito mais gente que no show de Rod Stewart. Eu tenho tambem um disco lançado na França (*Saudades de Pernambuco*) que nunca foi lançado aqui e eu penso em regravá-lo, colocar do jeito que ele era, uma coisa muito acústica. Talvez eu queira gravar um disco ao vivo, talvez grave um disco ao vivo e em estúdio, uma coisa misturada. Mas eu não sei pra que lado vai minha musica, não sei realmente, tenho essas opções do que é que eu poderia vir a fazer, fazer talvez um disco anárquico...
BIZZ — *O que você chama de uma disco anárquico?*
Alceu — Não sei. Eu venho fazendo discos que têm uma ligação musica após música, discos bem amarrados. Talvez eu queira desamarrar tudo.

NA BOCA DO LEÃO

CABINE C

Patrocinado pela banda de maior sucesso no país — o LP do Cabine inaugura o selo em que o RPM vai investir os trunfos de seu prestígio —, um dos grupos prediletos dos porões paulistanos parte para enfrentar o grande público

Fosforos de Oxford — título do primeiro LP do Cabine C — talvez os tire da obscuridade. Depois de passar dois anos navegando pelas tortuosas águas do underground paulistano, o grupo aportou no recem-inaugurado selo RPM e agora parte não se sabe para onde... "Vamos ser jogados aos leoes. Nao sabemos se vamos domá-los ou ser comidos", diz Ciro, vocal e guitarra da banda.

A duvida é plausivel. Afinal, algum ouvido menos educado poderia, de cara, tachá-los com aquela palavrinha que tanto tem incomodado os que têm um mínimo de informação *dark*. A bem da verdade, o som do Cabine pode parecer sombrio, o que é determinado, principalmente, pelos arranjos, letras e voz de Ciro Pessoa. Ele olha sobrio para a questao e responde: "Faz parte da natureza da minha arte. Sempre foi desse jeito".

O Cabine define assim sua estética musical: "A gente obedece a um certo clima que cada instrumento evoca — uma escala das cores, diz Marinella 7. Cada musica tem um momento redondo: o nascer e o anoitecer do dia... Branco, amarelo, lilás, azul", completa Vânia. "E gosto do nome — *Fósforos de Oxford*, que da uma luminosidade as idéias à luz de fosforos", emenda Anna Ruth.

O nome do grupo remete à cabine "C" de um navio que parte... "E percorre um roteiro. Passa pelo Oriente Médio na musica que dá título ao LP. Buenos Aires no tango 'Lapso de Tempo'; ou Japao através de 'Jardim das Gueixas'", fala Ciro. Vânia brinca: "A gente sempre leva a bussola para não se perder". De outro lado, têm-se as referências literarias, fortemente presentes neste repertório. Edgar Allan Poe inspirou versos e um conto seu deu título a uma música "A Queda do Solar de Usher". Do Oriente, Nagarjuna, autor anterior a Buda, deu a tonalidade em "Neste Deserto". Fora esses imortais, aparecem vivinhos da silva Akira S. criando um timbre todo especial com seu stick em "Jardim das Gueixas", e Fernando Deluqui, contribuindo com uma guitarra rascante em "Tão Perto". Luis Schiavon mostrou ser um bom produtor, nao interferindo na sonoridade original do grupo.

Dos tripulantes desse navio, talvez o mais conhecido seja Ciro Pessoa (vocal, guitarra, letras). Isso porque, sem dó, ele foi instituído ídolo dark local pelo caderno cultural de um diario paulista no que saiu à caça de "figurinhas" para suas materias de primeira página. Quem viu e sabe do assunto se assustou ao ver a cara de Ciro tomando quase que a pagina toda, e o letreiro enorme DARK. Melhor nem lembrar este tipo de incidente, para nao despertar os falsos vampiros. Fora isso, Ciro também já fez parte dos Inimigos. Anna Ruth (ex-Akira S., baixo) parecia mostrar alhos e crucifixos quando, ao ouvirmos todos juntos a fita deste LP, envergava o corpo numa coreografia sensual. "Ela é nossa professora de dança", sorri Ciro. Quem segura as baquetas é Marinella 7, de formação erudita, bem aparente no som do Cabine. Vânia fica com os teclados, criando climas bem peculiares e de rara competência. Ao contrario dos atuais tecladistas, que impoem timbres grandiloquentes, Vania se apropria dos espaços, de forma sutil e economica.

Alem deste LP e a intenção de cair na estrada com um show bem produzido — necessario para que os climas "redondos" fiquem bem visíveis —, o Cabine já está testando outras sonoridades. "O som está mudando. Não sabemos ainda para onde vamos, mas e uma coisa natural mudar, se aprimorar. E isso está acontecendo com cada um de nós. Daqui a pouco vamos saber o que é", explica Vania.

Enfim, tudo esta ainda meio nebuloso. Mas logo as nuvens se dissiparão, mostrando o próximo porto – uma inspiração a mais. Já em terra firme, a conclusão poderia ser "Os tigres que ja enfrentei agora cuidam de mim", como diz Ciro em "Jardim das Gueixas". *Sônia Maia*

Foto Rui Mendes

MUTANTES

O ELO PERDIDO

Parte II

Esta é a última parte da história do grupo, iniciada na BIZZ 19. Do auge ao melancólico fim, a trajetória da principal (ainda e para sempre, no que depender da mediocridade da maioria de nossos "roqueiros") banda do país. Que valha o exemplo...

Serginho e Liminha (tocando guitarra com arco), paz, amor e natureza, em plena Cantareira

MUTANTES

IV — MUTANTES D.D.: OS TRÊS ÚLTIMOS LPs

"Meu sonho era tocar com os Mutantes", conta Liminha. "Aí recebi um recado do Arnaldo. Era para eu pintar lá na casa dele. E quem contentíssimo, porque sabia que eles iam me convidar para entrar no grupo.

Isto foi em 70. Liminha já conhecia Serginho desde 66, quando, a convite de um amigo, foi parar na casa dos Baptista, na Pompeia, para vê-lo tocar. "Ele era fora de série", continua Liminha, "e passei a acompanhar de perto o trabalho dos Mutantes.

Liminha entrou logo depois da viagem de Arnaldo pela América Latina. "Éramos músicos acompanhantes, eu e o Dinho", especifica Liminha, "e nossos cachês [illegible] baixos.

Quando os Mutantes voltaram da temporada no Olympia, em Paris, as coisas começaram a mudar de rumo. Os Mutantes sofisticavam o seu equipamento (que, mais tarde, originaria o primeiro patrimônio da Transasom, conhecida empresa de som). Não vendiam muitos discos, mas tinham nome suficiente para se apresentar em qualquer parte do país (e [illegible] acabaram fazendo, principalmente nos tempos do Som Livre Exportação).

O empresário era Marcos Lázaro, com quem eles se entendiam aparentemente bem. O equipamento crescia, assim como a tribo de seguidores do grupo e a vontade de fazer um som mais elaborado.

No final de 70, já tinham tido experiências com o LSD, também conhecido como *ácido*, alucinógeno pesado que estava em moda no mundo ocidental dos anos 60/70. É uma droga descoberta acidentalmente num laboratório suíço em 1938. Tem propriedades psicoquímicas. O LSD (tartarato de *d*-dietilamida do ácido lisérgico), pouco após o seu descobrimento, passou a ser objeto de pesquisas no campo da sanidade mental durante mais de vinte anos. Em 66 a droga foi proibida, em meio a promissoras pesquisas.

Nos Mutantes, a fase do deslumbramento com o LSD coincide com os "últimos dias na Pompeia".

Ensaiávamos nos estúdios de ensaio dos Baptista", relembra Liminha (que, tendo entrado na faculdade de Administração de Empresas, decidiu abandonar os estudos para se dedicar aos Mutantes). "Todo mundo andava ou de buggy ou de motocicleta. De noite a turma ia lá no Hamburgão da avenida Nove de Julho. A Rita era praticamente a única menina que andava com a gente, porque as garotas da época eram muito caretas.

O espírito libertário do flower power de Woodstock e afins corria solto na época. Cada vez mais os Mutantes solidificavam seus arranjos (nitidamente influenciados agora pelo Yes e outros grupos progressivos).

No início de 71, os irmãos Baptista resolveram construir casas próprias no bairro afastado da Cantareira. Iam todos morar juntos num grande lote no meio do mato. Sob condições precárias (no início), foram se mudando para lá todos os integrantes do grupo (divididam suas casas e hospedagens) e ainda uma gama de acompanhantes e seguidores.

Enquanto eles se ajeitavam por lá, saía o quarto LP dos Mutantes, o *Jardim Elétrico*. A capa é um desenho meio lisérgico de Alan Voss (eventual colaborador da BIZZ). Na contracapa, eles aparecem pela primeira vez como quinteto, posando com todos os seus instrumentos (à la *Umma gumma*, do Pink Floyd). Nesse LP estão as tais músicas gravadas no estúdio Des Dames, de Paris: "Virgínia", "Tecnicolor" e "El Justiciero". O sucesso radiofônico acabou mesmo sendo a faixa "Top Top".

E a vida na Cantareira florescia. "Viajávamos direto", conta Liminha, "vivíamos completamente alucinados, passamos a levar uma vida comunitária, preocupados com ecologia". "Era uma loucura organizada", explica Serginho. "Era uma trip coletiva, éramos todos uma pessoa só. Transávamos telepatia e buscávamos o [illegible]ovana. Destruíamos nossos [illegible]s para entrar numa percepção coletiva.

Em meio à tranquilidade da natureza na Serra da Cantareira, eles ensaiavam direto. Tocavam horas e horas, e raramente paravam para fazer outra coisa. "Teve uma vez", diz Liminha, "que nós estávamos tocando alto à beça, quando entrou o técnico de som aos berros e gesticulando muito. Evidentemente, nós não tínhamos entendido uma palavra do que ele tinha dito. Paramos de tocar, olhamos pela janela e imediatamente todo mundo disse: 'Olha, bicho, um disco voador!' Mas na verdade era o nosso caminhão de som que estava pegando fogo. Ficamos horas tentando apagar o fogo.

Em meio a todo esse clima de loucura e agitação, não era fácil o convívio com o *sistema*, como fica aparente numa entrevista concedida pelos Mutantes ao jornal *O Bondinho* em dezembro de 71, quando já estavam agitando o lançamento do quinto LP. "Aqui, para tocar um disco", declarou Arnaldo, "a gente tem que puxar o saco dos disc-jóqueis. Tem que passar por muitas coisas desagradáveis. Nós já experimentamos ficar sem fazer essas coisas, mas não deu certo. *Tem* que fazer televisão, *tem* que fazer essas coisas chatas."

Entre os fiéis que apareciam pela comunidade na Cantareira, se destacou rapidamente um grupo de jornalistas americanos que trabalhava na edição nacional do jornal *Rolling Stone*. Um desses americanos, um misto de guru/jornalista/filósofo, se aproximou muito dos irmãos Baptista, Mick Killingback. À medida que as loucuras aumentavam, Mick passava a assumir o papel de empresário dos Mutantes.

As informações sobre ele são contraditórias. Segundo Serginho, ele era um cara maluco, bem cabeça". Segundo Cláudio Baptista, uma influência nefasta sobre os Mutantes". Liminha acha que Mick passou a ter um certo domínio sobre Serginho e Arnaldo. Bem ou mal, genial ou picareta, foi Mick Killingback quem organizou outro grande projeto dos Mutantes. Eles descolaram um ônibus que tinha um palco móvel, para fazer uma série de shows pelo interior paulista. Escolheram Guararema para um teste piloto, e, num belo dia, depois de alguns contatos estabelecidos com as autoridades locais, os Mutantes e seu séquito foram para lá. "Foi um barato", lembra Serginho. "Paramos luz na casa de um farmacêutico, o prefeito e alguns cidadãos descolaram alimentação pra gente, e por aí afora. Fizemos um show ao ar livre para a população de Guararema. Foi uma loucura.

Isto aconteceu pouco depois do lançamento de *Os Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets*, o quinto LP, no comecinho de 72. O disco teve problemas para ser lançado, por causa da Censura. "Foi um saco", comenta Serginho, "a Censura cortava tudo." Ainda no *Bondinho* do final de 71, Arnaldo contou um episódio da briga com a Censura.

Tem uma música nossa que se chama 'Cabeludo Patriota', e os caras acharam que é uma gozação com alguma coisa e tal, e nós tivemos que mudar o nome para 'A Hora e a Vez do Cabelo Crescer'. E tivemos que mudar a letra também. Era assim: 'Meu cabelo é verde e amareto, violeta e transparente, minha caspa é de purpurina'. E acabou ficando assim: 'Meu cabelo é verde e dourado, violeta e transparente, minha cara é de purpurina, minha barba é azul anil'. Eles invocaram com *caspa*, porque acharam que é plasticamente feio.

Vários shows gigantescos foram pintando. Tocaram no Parque da Água Branca, em São Paulo, ao ar livre (são desse show as fotos que estão na contracapa do segundo LP solo de Rita Lee). "Fizemos outro show que entrou na história", relata Liminha. "Foi na concha acústica da Achimação. Choveu pacas, mas a gente não saiu do palco. O Cláudio (que geralmente pilotava a mesa de som nos shows dos Mutantes) ligou um fio terra num lago para evitar choques elétricos. Foi uma grande loucura.

O segundo LP solo de Rita Lee, também lançado em 72, foi o último projeto gravado em conjunto pelos Mutantes. Ao contrário dos LPs anteriores dos Mutantes, este *Hoje É o Primeiro Dia do Resto de Sua Vida* foi gravado em 16 canais (no estúdio Eldorado). A direção musical foi de Arnaldo, e há quem considere este o melhor disco dos Mutantes (afinal, é como se fosse um disco deles, e não só de Rita Lee).

Segundo Dinho, "até o final de 72 o grupo era unido. Queríamos ser um supergrupo e não ligávamos para dinheiro". Liminha conta que "os Mutantes queriam ser os melhores em tudo, no som, na técnica e no equipamento". Tudo isso serve para localizar a situação do grupo no início da década de 70. Dinho e Liminha já não eram mais simples músicos acompanhantes. Participavam das decisões e

onde os ensaios rolavam em alto astral, até que Rita resolvesse comprar um sintetizador

Os Mutantes depois da saída de Arnaldo (foto de nov/73). Serginho, Manuo, Liminha e Dinho

MUTANTES

Os Mutantes em out/74 (em pé) Túlio Mourão, Rui Motta, (sentados) Serginho e Antonio Pedro

estavam plenamente integrados no esquema de composição e arranjo do repertório. A vida coletiva fortaleceu alguns laços, mas o excesso de loucuras e viagens acabou afrouxando outros.

Em 72, Rita e Liminha foram para a Europa e voltaram respectivamente, com um minimoog e um mellotron. Quando Rita foi tentar usar o minimoog no ensaio, foi alvo de troças. O preconceito em questão *não* era machista, mas nem por isso menos sectário: eles não admitiam que em meio à parafernália instrumental do grupo houvesse uma pessoa tocando um instrumento que mal conhecia. Alguns desentendimentos musicais começaram a aparecer, mas não foram eles os determinantes da iminente saída de Rita Lee. "As coisas começaram a dar errado" explica Liminha. "De repente o som não pintava. As músicas não estavam legais. Aí capotou o caminhão, aí o empresário malhou grana, e um monte de coisas. Começamos a encanar que alguém estava fazendo vudu pra gente."

No final de 72 se consumou a saída de Rita. Na raiz desse acontecimento, segundo a maioria das opiniões dos integrantes do grupo, estava a separação de Rita e Arnaldo depois de um namoro/casamento de quase oito anos. A isso se adicionavam as circunstâncias da época, as loucuras, a sofisticação instrumental dos Mutantes e as pressões da gravadora. Liminha: "A Philips não sossegou enquanto não conseguiu tirar a Rita dos Mutantes".

Sem Rita, os vocais passaram a ser divididos entre Serginho, Arnaldo e Liminha (Dinho e Liminha passaram a ganhar o mesmo que os outros dois integrantes). O grupo ainda estava na Phillips, que bancou as gravações do que deveria ser o sexto LP. Só que, quando a fita ficou pronta, a gravadora resolveu não lançar o disco, e ainda mandou um "vaieu, moçada, aquele abraço", dispensando os Mutantes do seu cast. "O som não era muito comercial", justifica Liminha, "e a Rita já não tava mais com a gente..." O nome do LP deveria ser *O A e o Z*.

73 foi um ano negro para os Mutantes. Foi o primeiro ano, desde 68 em que não se lançou disco do grupo e, o pior, foi o ano que acabaria marcando a saída de Arnaldo Baptis-

VOCÊ PODE VER DE PERTO

O NOVO MICHAEL JACKSON

Você poderá ir conhecer de perto o novo Michael Jackson, no início da grande turnê americana do maior artista da música popular moderna, em junho, na Flórida.
É fácil concorrer: basta preencher o espaço abaixo com um desenho dando a sua idéia de como será a nova imagem de Michael.
Você não precisa ser um grande desenhista para participar, qualquer pessoa pode concorrer.
Sua carta deve ser endereçada a: Discos CBS - Merchandising & Publicidade - Praia do Flamengo, 200 - 15.º - Rio de Janeiro.
Muito breve estará chegando às lojas o novo álbum de Michael Jackson, depois de três anos fora dos estúdios. Trata-se, simplesmente, do disco mais esperado do ano em todas as partes do mundo — e o maior segredo da indústria fonográfica.
Se o seu desenho for o escolhido, você irá assistir o show de Michael Jackson — com passagem, estadia e ingresso *totalmente pagos*.
Os demais 20 classificados ganharão, cada um, uma coleção completa dos Lps de Michael Jackson.
O resultado será publicado em *Bizz*, na edição de maio.
Envie seu desenho hoje mesmo.

Desenhe aqui o novo Michael Jackson

ESTÁ CHEGANDO O NOVO MICHAEL JACKSON

CBS

MUTANTES

ta dos Mutantes

A saída de Arnaldo também é cercada de mistério. "Foi uma saída triste", conta Serginho, "ele estava numa trip que não era a nossa." "Ele saiu porque cansou", opina Liminha, "e ele não tava bem de saúde. Com sua saída os Mutantes perderam todo o seu carisma. Ele era brilhante."

Várias vezes Arnaldo foi chamado para voltar ao grupo, mas não deu certo. E o pior é que, mesmo com a entrada de Manito (ex-Incríveis, tocando teclados, sax e violino) no lugar de Arnaldo, a banda foi perdendo o pique. "Já não era um grande barato", diz Dinho, que seria o próximo a sair. Serginho e Liminha ainda marcaram alguns shows (com Túlio Mourão nos teclados e Rui Motta na bateria), mas quando Liminha saiu, em 74, já estava evidente que o som dos Mutantes originais não existia mais. Os Mutantes de Serginho Baptista durariam mais uns dois anos, mas a preocupação *deste* grupo era mais com demonstrações de habilidade instrumental do que qualquer outra coisa. Na verdade, os Mutantes tinham acabado em 73.

O A E O Z: O DISCO PERDIDO

O LP foi gravado em 73, quando os Mutantes eram Arnaldo (teclados, vocais), Serginho (guitarras, vocais), Liminha (baixo, vocais) e Dinho (bateria). A gravação foi produzida pelo próprio grupo, no estúdio Eldorado (16 canais), em São Paulo. Depois de pronta, a fita foi arquivada, porque a Phillips resolveu não lançar o disco. Com o passar do tempo, a fita se perdeu (não é certo que a matriz tenha sumido, talvez ela ainda possa ser resgatada). As poucas cópias foram desaparecendo, e os próprios músicos envolvidos não ouviam mais este material desde 73.

A única cópia de que se tem notícia é a pertencente à radialista paulista Sônia Abreu. É uma cópia estéreo, gravada num Akai 4 pistas. A qualidade da fita não é das melhores, mas graças a alguns recursos de estúdio foi possível tirar uma cópia cassette com qualidade melhor. De posse dessa fita, BIZZ marcou uma audição do O A e o Z com o ex-baixista Liminha, hoje produtor de sucesso (Titãs, Paralamas, Ultraje a Rigor), para relembrar alguns detalhes da gravação e conseguir outros dados a respeito.

O A e o Z seria, indubitavelmente, o LP mais progressivo dessa formação (com Arnaldo). São seis músicas longas, com arranjos e melodias nitidamente inspiradas em Yes, Emerson, Lake & Palmer e pitadas do rock lisérgico de Grateful Dead e King Crimson. A qualidade de gravação é das melhores, com a rapaziada cantando bem (com backings que em momentos lembram o lirismo dos Crosby, Stills, Nash & Young), com destaque para os vocais agudos de Serginho. As músicas são todas inéditas ("Uma Pessoa Só" viria a ser gravada por Arnaldo no LP Loki?). Liminha, por mais que forçasse sua memória, não foi capaz de relembrar todos os nomes da música. Uma delas é "Rolling Stone", que fala de Mick Killingback. Outras falam da Cantareira e de viagens mil. A última música é uma belíssima balada que começa e termina com barulho de chuva. Só mesmo ouvindo. Um barato esquecido.

V — UMA PESSOA SÓ

Quem não se lembra dos gigantescos shows dos Mutantes de Serginho no Teatro Bandeirantes de São Paulo? O rock progressivo corria à solta, e os fãs faziam filas que se estendiam por várias quadras da avenida Brigadeiro Luís Antônio. E quem não se lembra das participações especiais de um cara esquisito que entrava vestido de cowboy e ficava tocando piano e cantando umas letras meio esquisitas, e que era vaiado por pelo menos metade do público? Pois é: este era o Arnaldo dando uma canja e jogando aos porcos algumas de suas mais valiosas pérolas musicais. Arnaldo ainda tinha contrato com a Philips e estava gravando o seu primeiro LP solo.

No início de 74, Arnaldo chamou Dinho e Liminha para as gravações. "Entramos no estúdio juntos", relata Liminha. "Tínhamos um ótimo entrosamento e por isso não precisávamos de muitos ensaios." "Gravamos umas três músicas sem falar com o Arnaldo", relembra Dinho. "Ficamos putos porque ele não queria regravar umas bases que nós ti

nhamos achado ruins. Ele não queria regravar nada." E assim foi feito um dos discos mais geniais da MPB e do rock nacional. Sem guitarras e sem sofisticações, um LP simples, direto, emocionante, e com um Arnaldo cantando com um *feeling* que ultrapassa a barreira linguística.

Rita Lee e Rogério Duprat também participam. Sérgio Kaffa, baixista, contribui numa faixa. Revoltante, porém, foi a maneira como o disco foi tratado pela gravadora, responsável, aliás, pelo título e pela capa. "O Arnaldo ficou puto", conta Serginho. "Esse negócio de *Loki?* (título do LP) foi coisa do André Midani. Uma jogada de marketing, uma rotulação muito forte, não tinha nada a ver com o trabalho todo." E, como se não bastasse, quase não houve divulgação do disco. Talvez não fosse muito comercial, mas a gravadora não teve a capacidade de dirigi-lo nem ao significativo público dos Mutantes e de Arnaldo.

VI — POSFÁCIO: O "Z"

"Os Mutantes foram uma grande curtição", diz Serginho. "O grande barato é que fazíamos parte de um rock'n'roll rebelde, que deixou de existir. A energia que pintava nos Mutantes, ou mesmo em um grande show de rock, não pinta mais."

"Depois dos Mutantes", diz Liminha, "jamais encontrei um grupo ou alguém que preenchesse esse buraco. Era uma banda incrível. Vivi intensamente aqueles tempos."

Os tempos são outros, e o rock'n'roll mudou. O termo está desgastado e hoje engloba, pelo menos no Brasil, tendências e tipos que lhe dão um caráter quase que de frente única da música jovem. Os que buscam uma diferenciação nessa "frente" acabam sendo voto vencido, e é nesse ponto que reside, ainda, a importância dos Mutantes. Eles fizeram, há mais de dez anos, coisas que talvez noventa por cento dos roqueiros nacionais não teriam capacidade de criar ou sequer de supor num futuro distante.

Seus primeiros cinco LPs foram relançados em 86 (graças à gravadora Baratos Afins e à Polygram). Que se resgatem as fitas perdidas do *O A e o Z* (o LP não lançado) e que o espírito rebelde dos Mutantes fervilhe novamente por aqui. *Thomas Pappon*

Sorridentes, mudos e fãs incondicionais do Yes: eis os Mutantes que gravaram O A e o Z

Foto: Polydor/ Ariola

MUTANTES NO ESTÚDIO: LIBERDADE TOTAL

Há que ser dito: os Mutantes sempre puderam gozar da liberdade de fazer o que bem entendessem dentro dos estúdios de gravação. Manoel Barenbein, produtor dos dois primeiros LPs, lembra: "Era uma loucura. A parte musical era dirigida pelo Arnaldo, e rolavam mil idéias". E cita exemplos. O que se ouve parecido com o som de um chimbau invertido em "Le Premier Bonheur Du Jour" (faixa do primeiro LP) é o ruído de uma bomba flit (aquela usada antigamente para vaporizar inseticidas). Na gravação de "Bat Macumba" eles incluíram na mixagem umas falas da Rita, tipo "Manoel, me dá um Kri-Kri" (uma marca de chocolate da época), gravadas acidentalmente. E para a gravação de "Panis et Circensis" foram convocados vários funcionários do estúdio, inclusive o próprio Barenbein, para que fizessem ruídos de mesa de jantar, com falas tipo "me passa a salada", ruídos de talheres etc.

Os primeiros LPs foram gravados em quatro canais. Através do método de redução, eles conseguiam adicionar orquestra, percussão e vozes, bem no esquema do LP Sgt. Pepper's, dos Beatles. Só que a maioria dos efeitos eram "criados" no estúdio. Cláudio Cesar Baptista, irmão mais velho de Arnaldo e Serginho, foi responsável pela invenção da maioria deles, como, por exemplo, um engenho que unia motor de máquina de costura e "tremolos" (efeitos que variam graves e agudos) para criar sons semelhantes aos de uma moto. E para a gravação de vozes "diferentes", Cláudio bolou uma série de truques, como a utilização de fones de ouvido ligados em caixas Leslie, ou microfones ligados a efeitos ou sintetizadores.

Nas capas dos LPs dos Mutantes faltam muitos créditos importantes. O baterista do primeiro LP (que é o único em que o Dinho não toca) é um tal de Dirceu, baiano, músico de estúdio. No mesmo LP Jorge Ben canta em "A Minha Menina". A dupla caipira que toca e canta com os Mutantes em "2001", do segundo LP, não é citada e ninguém (das pessoas envolvidas na produção do disco) se lembra do nome deles (aliás, os fãs provavelmente sequer desconfiavam que aquela entrada "caipira" em "2001" não foi feita pelos Mutantes). E, ainda no mesmo LP, Liminha toca viola na faixa "Mágica" (ele ainda não era integrante do grupo).

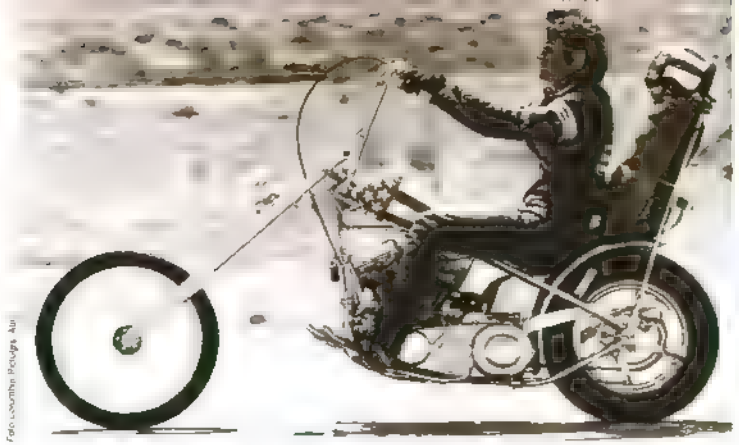
No LP A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado, outro esquecimento importante: quem toca conga em "Ando Meio Desligado" e "Meu Refrigerador Não Funciona" é Naná Vasconcelos (a gravação foi feita pouco antes dele viajar para a Europa).

CAVALEIROS DO ASFALTO

AS MOTOS NO CINEMA

esde que Marlon Brando vestiu uma ja-
veta de couro e montou numa motoc-
eta para fazer *O Selvagem* (*The Wild*
ne 54) que o transformou num símbolo
xual para a juventude dos anos 50,
a moto tem sido usada como veículo
ideal para transportar a rebeldia sem cau-
,ao lado). Em *Mad Max II* ,81) podem-se
er os extremos da violência gratuita e da
-stilização futurista das motos ,ao meio)

Soltar o pé na estrada, sem destino, era a fantasia de liberdade da juventude americana na década de 60, como mostra Peter Fonda (ao lado, em *Sem Destino* [*Easy Rider*, 69]). Nos anos 80, porém, essa fantasia não resiste à dura realidade, e o cinismo e a indiferença tomam o seu lugar. Vide Mickey Rourke (abaixo, em *O Selvagem da Motocicleta* [ou *Rumble Fish*, 83])



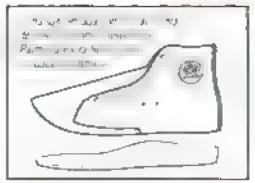
As gangs motorizadas foram assunto de vários filmes, como *Anjos Selvagens* [*Wild Angels*, 66], de Roger Corman, que falia não só da violência, mas também das orgias e depravações de uma juventude desesperada que adotava símbolos nazistas (acima). À esquerda, Jack Nicholson se prepara para a ação numa cena de *Demônios Sobre Rodas* [*Hell's Angels on Wheels*, 67].

A única coisa que pode incomodar você dentro de um Olympikus.

Um tênis tem sempre dois pontos importantes.

Tem o que você vê: o design moderno, as cores da moda, o estilo.

E tem o que você sente: o conforto, a resistência, a anatomia.



O Centro de Pesquisa Olympikus vem desenvolvendo uma tecnologia completa nestes dois pontos.

O resultado você vai ver e sentir.

Ver no estilo, nas cores, na personalidade que nenhum outro tênis tem.

E sentir quando você pôr um Olympikus no pé.

Sentir a segurança do solado em pura borracha antiderrapante e vulcanizada pelo sistema autoclave, o mais avançado.

Sentir no conforto e na anatomia da palmilha exclusiva de Olympikus.

E sentir na resistência da lona sanforizada, que nunca encolhe nem estica.

Por tudo isso é que só uma coisa pode incomodar você dentro de um tênis Olympikus.

E contra aquelas pedrinhas das ruas que às vezes teimam em pular no seu pé, ainda não podemos fazer nada.

OLYMPIKUS

Um show de tecnologia.

UMA VESPA POR PERTO É SINAL QUE TEM GENTE MUDANDO.

Por mais que você tente encobrir, comprar uma Vespa
e sinal que alguma coisa mudou em você. Uns chamam
de evolução, outros de aperfeiçoamento, não importa.
Ter Vespa é um jeito de ser, que você veste e não deixa mais.
Todo emocional: liberdade, bom gosto. Muito racional:
tecnologia, economia. A Vespa é o único veículo duas rodas,
de sua cilindrada, que tem partida elétrica instantânea.
Explicar mais? Quem tem Vespa, não precisa.

vespa

E PROVAR E MUDAR

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

e Marlon Brando, 1954 (direita), a Matt Dil-
n, 1985 (esquerda), pouca coisa mudou no
stilo do maloqueiro — muita pose, arrogân-
a e os clássicos jeans, mais bolas pesa-
s e aquela de couro surrada. A exceção
o por conta de Steve MacQueen (acima),
ma cena de *Love With the Proper Stranger*
63), vestido no melhor estilo *mod* (uma re-
dita *cool*, em oposição aos rudes *grea-*
s da década de 50). *Bill Averbach*

Foto Paramount

Foto Hip

PARALAMAS DO SUCESSO

Volta à Terra

Estádio de Remo da Lagoa (RJ) 25/01/86

Fechando os trabalhos do LP *Selvagem?* que incluiu extensa turnê nacional e passagens por Nova York, Argentina, Uruguai, Portugal e Espanha, os Paralamas do Sucesso voltaram pra casa e mataram a sede dos cariocas que só os haviam curtido em rápida temporada, no Canecão, meses atrás — com um arrasador show no qual mostraram quase todo o repertório e mil surpresas.

A festa foi bonita e até o tempo colaborou, mantendo-se estável, já que havia chovido durante todo o dia anterior. O local superlotou, e aquecendo as turbinas, a banda de ska-reggae Kongo abriu a noitada de dança superembalada, em show de fôlego único e muito empolgante. O público adorou.

Após rápido intervalo, chegam os Paralamas. Era notável o nervosismo dos três, sobretudo o de Herbert, confessando que se sentia nervoso tocando em casa. Mas isso logo foi superado. O show engrenou rápido, a vibração era mútua e os primeiros 90 minutos passaram velozes e gostosos.

Rápida pausa e a turma volta com três surpresas: "Greetings" de Half Pint, "Rat in the Kitchen", do UB40, e "Is This Love", de Bob Marley, presente também estampado numa bandeira rastafári. De quebra, uma música ainda não batizada que fará parte do próximo LP, sem contar citações musicais de Led Zeppelin e Doors, via guitarra.

Além do supershow oferecido onde o público ouviu tudo o que quis, menos "Química" (essa é com a Legião, como disse Herbert), há que se elogiar a parte técnica, com destaque para o som, um dos melhores já apresentados em shows no Brasil, e que deve ter impressionado no exterior. Dava pra ouvir tudo nitidamente. Os graves batiam dentro do estômago, os agudos passeavam no ar e só o teclado de João Fera (músico convidado para a turnê de *Selvagem?*) perdia-se um pouco embaixo do verdadeiro wall of sound construído. Se esse show foi arrasador, imagine como será o com o Kassav nas areias de Salvador e Recife. Aguardem num próximo *ao Vivo*.

Tom Leão

De [illegible] Herbert [illegible] [illegible] Bob Marle[y]

TIMBUK 3

Esquizo & Country

Marquee (Londres) 21/01/87

[illegible] McDonald e Barbara K [illegible] Sua Majestade [illegible]

O futuro é tão brilhante, tenho de usar óculos escuros — exatamente 180 graus do grito com que Johnny Rotten derrubou estátuas e estruturas e um raio X perfeito da geração yuppie — uma canção com este refrão e título ("The Future's So Bright, I Gotta Wear Shades") colocou essa dupla, até então obscura, na trilha sonora do novo filme de Jonathan Demme *Something Wild* e daí para a parada norte-americana de compactos foi um pulo.

Ele, Pat MacDonald, canta e toca guitarra e uma gaita com suporte de pescoço à moda Dylan. Ela, Barbara K, canta e toca guitarra, gaita, viola, *slide* e violino (ora com arco, ora *pizzicato*, ora com palheta, fazendo o bicho soar um banjo bebado). E, louvado seja, o casal não tem nada de *one hit wonder*: o repertório completo do show está recheado de preciosidades tão irônicas e sacolejantes quanto o compacto. Quem puder pôr as mãos no LP, *Greetings from Timbuk 3*, vai saber.

"The Future's So Bright" encerrou quase duas horas de um *set* suarento e empolgante, pontilhado por instantes emocionantes como "Shame on You", "Hairstyles and Attitudes" e "Friction" — que não é *cover* do clássico do Television, embora contenha um lírico e extenso dueto-duelo de guitarras. Talvez seja a música mais inspirada do casal. Quando a última nota morreu, ouviu-se um grito: "Top Twenty in England!". MacDonald levantou os olhos e disse, com um sorriso malandro: "Claro! Por que não?"

O lendário Marquee estava lotado até o ladrão e, implacavelmente seduzido pelos Timbuk, não queria deixá-los sair do palco de jeito nenhum — só depois do terceiro bis o pessoal acalmou e começou a deixar o recinto. O delírio tem suas razões. Há muito tempo não aparecia um grupo tão refrescante, simultaneamente pop e esquisito. A base rítmica fica a cargo de um gravador, como o utilizado por David Byrne na abertura de *Stop Making Sense*, e o sabor country esquizóide do som remete instantaneamente às escapadas caipiras dos Heads, como "The Big Country". Se Willie Nelson acompanhasse o circuito neuronal de Byrne, poderia ter feito isso tudo há anos, mas não é todo mundo em Nashville que lê Gertrude Stein. O *Time Out* avisa.

Talvez seja a última vez que se possa ver a dupla num clube. E tanto pela reação da normalmente cool platéia londrina (principalmente em relação a americanos brancos) como pela precisão e espontaneidade luminosas do show, dava para ter a impressão de estar testemunhando o nascimento de uma lenda.

O show foi aberto pelos Flying Tractors, uma banda local totalmente inspirada pelas *garage bands* mais psicodélicas e que não se deu mal. Tocaram coesos e pesados, com uma *cover* de "Born to Be Wild" digna do original, e o guitarrista é um monstro em potencial. Mas a noite era mesmo do casal ianque na corte do Rei Arthur.

J. A. L.

A CERTAIN RATIO

Funk Arrasador

Rex Club (Paris) 29/01/87

Para o jornal *Libération*, o show era dos Smithereens, que receberam uma página inteira e laudatória com um "no mesmo programa: A Certain Ratio" de rodapé. Ora... o grupo americano abriu com muita garra e paixão, mas em última instância não passam de mais uma entre as mil e uma bandas ianques dedicadas ao revisionismo dos anos 60. Baixo e guitarras Rickenbacker, óculos escuros, jeans rasgado no joelho, jaqueta de couro. Tão óbvio que dá para imaginar o jornalista francês responsável pela gafe: acha os R.E.M. deuses, descobriu os Byrds o ano passado e agora usa uma camiseta com a bandeira dos confederados.

O Rex não passa de um porão, mas felizmente há mesas de mixagem e operadores capazes de compensar as deficiências acústicas do ambiente. Caso contrário, uma banda rica em textura como o ACR se tornaria inaudível... O começo do show já é assombroso — sob uma colagem de ruídos em fita, entra só o baterista e martela um funk despa[?]fusa-quadril, disparando um *sampler*, chuvas e trovoadas. Aos poucos, vão entrando os outros quatro componentes e, quando chega a terceira música — "Mickey's Way" — já estão em ponto de ebulição.

Se existe uma coisa típica das bandas funk que proliferam pelo planeta, é a obviedade melódica. E [?] que o quinteto de Manchester [?] todas comer poeira. "Here She Comes Again" expande os instrumentos em um diálogo rendado e [?]ntrico que fez até os mais alucinados dançarinos do Rex parar para ouvir com os cinco ou seis sentidos.

Para um velho fã da banda que nunca antes havia tido o privilégio de vê-los sobre um palco, o show tinha tudo para ser uma decepção, já que eles se dão ao luxo de dispensar o repertório dos dois sublimes primeiros LPs, *To Each...* e *Sextet*, para se concentrar no último. Um aceno ao passado, ainda que incendiário como "And Then Again" — gravada pelo Joy Division — nesta noite, um dos momentos especiais — não bastou para matar a sede.

Mas não dá para reclamar. Já virou lugar-comum na imprensa britânica dizer que a banda nunca esteve tão arrasadora ao vivo. A francesada só perdeu as estribeiras quando o ACR deixou o palco após um *set* de uma hora, e os fez voltar para dois *encores* — o primeiro com uma arrepiante "And When She Smiles", seguida de uma longa batucada com apitos e cuíca de *sampler*, a segunda para um funkaço em que o guitarrista passou para a bateria e o baterista deu um show de *slapping* no baixo.

Até hoje ninguém conseguiu me explicar porque eles não vendem milhões de discos.

José Augusto Lemos

HUMAN LEAGUE

Phil Oakey entre Joanne e Suzanne: aparência ainda gelada mas inspirada em um pop de melhor sentido da palavra

Quebrando Gelo

Hammersmith Odeon (Londres) 12/01/87

Na noite mais gelada de um dos piores invernos europeus dos últimos anos, a casa estava cheia para receber o grupo de Sheffield, que, em 82, colocou o tecnopop inglês nos radinhos de pilha de todo o planeta com o hit "Don't You Want Me". Por isso mesmo, Phil Oakey pareceu sincero quando — ao fim da primeira música, "Hard Times" — disse ao microfone: "Obrigado por terem aparecido... vamos fazer o possível para entretê-los, já que vocês todos vão morrer congelados quando saírem do teatro".

A sinceridade, a absoluta falta de pretensão e a comunicação direta são as qualidades básicas que fazem da Liga Humana um dos grupos mais simpáticos e pop — pop no melhor sentido da palavra, *trashy* e plástico, mas redentor e luminoso: melodias gudentas e letras com apenas a dose suficiente de cinismo para tornar seu romantismo inteligente.

Uma conquista que parecia impossível para quem conhece a banda desde sua origem na cidade-núcleo do pop eletrônico inglês. Tudo começou em 77, um trio chamado The Future, que infelizmente não deixou nenhum registro. Quando seu vocalista Adi Newton saiu para formar o Clock DVA (de extrema importância na vanguarda pós-punk), os analistas de sistema Ian Craig-Marsh e Martyn Ware convidaram Phil Oakey, e estava montado o Human League. Juntos, fizeram dois LPs criminosamente subestimados — *Reproduction* e *Travelogue* — que brilham como ouro na montanha de lixo que se produziu sob o rótulo *tecno* ou *synth-pop*. Quando Marsh e Ware saltavam fora para fundar o Heaven 17, ninguém apostaria um centavo no velho Phil — ainda mais quando sua primeira medida foi convidar duas garotas que não sabiam cantar, mas dançavam o suficiente para impressioná-lo, certa noite num *nightclub* de Sheffield. O resultado foi uma das maiores e mais deliciosas zebras da história: o LP *Dare* vendeu milhões de cópias no mundo todo e talvez seja um dos principais clássicos do pop inglês do começo dos 80.

O melhor de *Dare* constitui, ainda, o melhor do show: "Things Dreams Are Made Of", "Sound of the Crowd", "Love Action", "Seconds" e — obviamente, encerrando — "Don't You Want Me" soaram com convicção e entrega, nada descartáveis. Oakey desfilando seu barítono aveludado entre Joanne e Suzanne, que reboiavam com o veneno kitsch de genuínas chacretes. Mesmo assim, é impossível distinguir pontos altos num show fluente e cheio de calor, uma vibração surpreendente para um grupo movido a sintetizadores. "The Lebanon", e suas guitarradas incisivas, mostrou que a Liga sabe *rockar*, e rockar hard. "Mirror Man" e "Human", o último hit provaram que o pop mais "banal" pode transcender a pseudo-sofisticação de muita gente endeusada como "séria". E o bis, passando de "Fascination" para a inesquecível "Rock'n Roll", de Gary Glitter, numa só levada, quase derrubou o velho Hammersmith Odeon.

Na saída, ninguém parecia preocupado com as navalhadas do vento que revolvia os flocos de neve: sorrisos, olhares de quem relembra um velho amor e as mesmas melodias, agora sem sintetizadores, apenas assobiadas pela rua. Que pena eles não terem tocado "Louise"! *JAL*

RICHARD LLOYD

Fantasma da Televisão

CBGB (NY) 27/12/86

Há doze anos atrás, em um antigo ponto de reunião de Hell's Angels localizado no número 315 da Avenida Bowery no East Village, Mr. Holly Crystal, ex Hell's Angel, ex empresário malsucedido, fundou o CBGB (ou Country Blue Grass and Blues). O bar, situado numa espécie de garagem, poderia ter permanecido mais um entre os inúmeros bares e cafés da Bowery. Mas no decorrer de um ano havia se tornado o quartel general de um novo movimento musical, que mais tarde seria conhecido como o *punk rock novaiorquino* — ou *new wave rock* (ainda sem o sentido pejorativo).

Tudo começou quando Mr. Holly cedeu à insistência dos guitarristas Tom Verlaine e Richard Lloyd, que ensaiavam em Chinatown um grupo chamado Television e não tinham ainda conseguido nenhuma oferta para tocar. Ele programou a banda aos domingos à noite durante um mês. O sucesso do Television foi seguido (e depois ultrapassado) pelo de bandas como Talking Heads, Ramones e Blondie. Doze anos mais tarde o CBGB ainda está lá e Richard Lloyd também. Vivo e chutando em um único show num sábado frio e chuvoso.

O público lota o CBGB (cabem aproximadamente 150 pessoas) à espera do velho junkie. Muita cerveja e *pot*. A banda de Lloyd faz duas entradas. A primeira à meia-noite: rápida e cool, e à outra as duas da manhã, mas longa e pesada. As aberturas foram feitas pelo Farenheit 451, banda de rock mediana, e depois por Bobby Radcliff and the Illusions, um bom trio de blues. A banda de Lloyd (duas guitarras, baixo e bateria) é segura e competente — apesar de às vezes soar um pouco ingênua — e garante um background adequado para Lloyd se tornar o bandleader que ele nunca conseguiu ser no Television.

E ele vai além e prova que era mais do que a eminência parda de sua velha banda. As suas canções têm um sabor de "garage band suíte", bem no espírito de *Marquee Moon* (primeiro LP do Television) que não se encontra nos trabalhos solo posteriores de Tom Verlaine. O resultado é um perfeito equilíbrio entre o peso da banda e os longos solos e acordes delicados da guitarra de Lloyd.

É interessante notar como tanto os timbres de guitarra como o próprio registro de voz de Lloyd são semelhantes aos de Verlaine. O pique cresce a cada música e o show termina após o terceiro bis. A casa começa a esvaziar e logo sai o pessoal das bandas. Richard Lloyd guarda a guitarra e cai fora do CBGB, carregando-a em meio aos últimos frequentadores. Nem David Byrne, nem Dee Dee Ramone, nem Debbie Harry ainda seriam capazes de fazer isso hoje em dia. Doze anos depois, este é um privilégio — ou um castigo — que eles já não merecem.

Celso Pucci

Richard Lloyd, ex-CBGB, ainda Talking Heads, Blondie, Ramones... [illegible] Richard Lloyd permanece [illegible]

cursos técnicos!
• eletrônica básica • eletrônica digital
• áudio e rádio • televisão pb/cores
• programação basic • programação cobol
• análise de sistemas • microprocessadores
• eletrotécnica • instalações elétricas
• refrigeração e ar condicionado
kits exclusivos!
Z-80
Kit de Microcomputador e mais
• Kit de Televisão
• Kit de Refrigeração
• Kit Digital Avançado
• Kit Multimetro Digital
• Kit de Radio AM FM
• Volt Ampermetro
cursos por correspondência
intensivos! dinâmicos!
OCCIDENTAL SCHOOLS
Cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone (011) 826-2700
SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!
BIZZ 20
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30 663
01051 SÃO PAULO SP
Nome
Endereço
Bairro Cidade Estado CEP

CAMISA DE VÊNUS

Marcelo Nova, em terra natal, bradando seus velhos e inconsistentes discursos

Ficou na Promessa

Associação Atlética da Bahia (Salvador) 16/01/87

Poderia ter sido ótimo, mas não foi. Abrindo a excursão Norte/Nordeste, o Camisa de Vênus (Marcelo Nova, vocal, Gustavo Mullem, guitarra-solo, Karl Hummel, guitarra-base; Robério Santana, baixo, e Aldo Machado, bateria) não estava muito bem lubrificado na sua volta à Bahia, depois de quase dois anos *on the road* pelo país, e, agora, na condição de grande vendedor de discos. Criou-se na cidade a expectativa de um grande show, ainda mais que é exatamente no palco que reside a força maior da banda. O público marcou boa presença: quase seis mil pessoas, com a famosa senha "bota pra f ..." nos lábios e nos dedos.

O Camisa, quando surgiu em 82, sacudiu o marasmo musical de Salvador — misto de axé-brega-pós-hippie — com o som característico dos seus primeiros discos: sujo e cheio de garra, de um tesão de náufrago solitário numa falsa ilha do Caribe. Muito desse impacto pode ser creditado ao líder Marcelo Nova, que, com seu dom de oratória e declarações bombásticas, mantém a mística de que o baiano fala demais. E como! E lá foi o Camisa, vendo e vencendo.

A noite que prometia começou mal, com problemas numa das caixas do P.A., que fez com que o som fosse deficiente durante todo o show. A maior parte da galera presente não estava nem aí. A outra parte, mais ligada, começou a não perdoar, e não sem razão. Enquanto os sucessos rolavam, guitarra (Karl) e baixo (Robério) desafinavam várias vezes. Marcelo brandia discursos iguais aos do passado, se esquecendo de sua performance — que costuma ser brilhante, como nos shows do Projeto SP. Não é que o quadro musical de Salvador (hoje entregue aos Caldas da vida) tenha mudado muito desde que o Camisinha se mandou, mas daí a insistir no papo de que os negros que fazem o som axé têm vergonha da pele, de que o surfista tem o corpo imenso, cabeça pequena e p .. menor ainda, soa chato e maneirista — coisa que a moçada da banda não é. Afinal, o Camisa já não passou por isso?

Aldo, com a competência de sempre, soltava a franga na bateria, e Gustavo, na guitarra, não ficava atrás, juntamente com a horda ensandecida pelo campo de futebol da AAB, que, no melhor estilo punk, atirava latas de cerveja nos músicos. Fica assim então: um bom e histórico show do Camisa em Salvador, só que...

Hagamenom Brito

SOUTH BANK EDITIONS

Pinguins e Arapongas

Queen Elizabeth Hall (Londres) 05 a 09/01/87

Um minifestival de cinco noites para apresentar ao distinto público o elenco de selo da EG Records. Infelizmente cheguei tarde demais para pegar as duas primeiras — a abertura com Earthworks, novo grupo de Bill Bruford, e o musicólogo e compositor quase erudito Michael Nyman; e a segunda noite, intitulada *An Opal Evening*, uma salada *new age* onde despontava o lirismo de Harold Budd e os efeitos visuais, concebidos por Brian Eno e seu parceiro de poucas e boas, o artista plástico Russell Mills.

Agora, a terceira noite foi de lascar o crânio e tirar o chapéu. Penguin Café Orchestra, o grupo em questão, foge a qualquer rótulo. Comandada por Simon Jeffes — compositor e multi-instrumentista que já colaborou com os Sex Pistols, Twyla Tharp, Ryuichi Sakamoto e David Sylvian, entre muitos outros —, a orquestra é basicamente um quarteto de cordas acoplado de percussão e violões, ukeleles (espécie de cavaquinho havaiano), guitarra e *slide*. O som é instrumental de cabo a rabo, mas lotou o auditório com crianças, velhos, hippies, *trendies*, góticos e turistas japoneses. Uma banda à parte de tudo o que já foi feito, que está para lançar seu *quarto* LP e que merece toda a atenção. Me livro, conseqüentemente, de tentar descrever um show que esteve acima de simples palavras.

Na penúltima noite, foi a vez do sr. Robert Fripp com sua League of Crafty Guitarrists, todos seus alunos numa série de seminários patrocinada pela Ovation (ver *Ao Vivo* na BIZZ 17). No meio do show, o Rei Escarlate silencia os quinze violões presentes para responder a perguntas da platéia e desancar o crítico do NME que cobriu o show anterior da Liga. Quando ele esclarece que a maioria das composições são coletivas, entendo o tom impessoal — algo como Segóvia'n'roll — que permeia um recital monótono e sem sal.

O encerramento, na sexta-feira, ficou a cargo do Man Jumping, uma banda com apenas quatro tecladistas borrando o que poderia haver de melodia e timbre. Digase, de passagem, que foram batizados certa vez, por Brian Eno, como "a melhor banda do mundo". Numa entrevista recente à *Electronics & Music Maker*, cobraram essa colocação do genial decorador de ambientes e ele se justificou dizendo que nunca os tinha ouvido, mas que alguém tinha lhe explicado a *concepção* musical da banda e ele tinha achado o creme da nata do supra-sumo. O que prova que até as mais iluminadas cabecinhas têm seu dia de idiota juramentado. Trata-se de uma banda pretensiosa — há o equivalente a três, quatro exemplares do *Dom Quixote* em partituras sobre o palco — tentando funkar e soando como os piores momentos do Return to Forever (macacos me mordam!). E talvez a única diferença entre eles e o A Certain Ratio é — além da banda de Manchester ter começado uns oito anos antes — que ter ouvido toda a fase elétrica/eletrônica de Miles Davis deu, para o Man Jumping, indigestão em vez de inspiração.

Mas o Penguin Café Orchestra...

J.A.L.

FINIS AFRICÆ
EMI

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

EVITANDO ACIDENTES

Eis alguns cuidados para que seu instrumento continue bonito e funcional por muito tempo.

ARMAZENAGEM: guarde o instrumento em seu estojo, de preferência rígido, quando não o estiver usando. Isto o protege de sofrer extremas variações de temperatura e de umidade que ocorre durante o dia e ainda reduz as chances dele ser derrubado, riscado ou danificado de qualquer forma. Conserve-o longe das fontes de calor como janelas, aquecedores, etc. Calor e umidade podem danificar o acabamento ou a estrutura de um instrumento, mesmo que dentro do estojo.

ARMAZENAGEM PROLONGADA: muitos instrumentos são danificados quando guardados por longo tempo com as cordas em tensão de concerto. Além das recomendações do parágrafo anterior, o instrumento deve ser desafinado (pelo menos uma oitava) para evitar a combinação de tensão com calor excessivo, possíveis numa armazenagem prolongada. Normalmente, o melhor lugar para guardá-lo é num armário não adjacente a uma parede externa ou debaixo da cama.

POEIRA: a poeira pode indiretamente danificar seu instrumento devido ao seu poder de reter a umidade. Mantenha-o sempre livre de pó. O melhor remédio para isso, é mantê-lo dentro do estojo quando não estiver em uso. Se estiver empoeirado, adapte uma pequena mangueira em seu aspirador e mãos a obra.

SUBSTÂNCIAS PERIGOSAS: desconfie de tudo que vai entrar em contato com a superfície de seu instrumento. Existem líquidos, como benzina, álcool e acetona que podem atacar a pintura. Para lustrar, use um produto confiável - de preferência aos formulados para instrumentos musicais. Flanelas limpas e macias. Para retirar grandes sujeiras, o melhor é água e sabão neutro e depois um lustrador.

CORDAS: use sempre as cordas com a tensão recomendada pelo fabricante. Normalmente a desobediência a esta regra leva a invalidação da garantia. Cordas com a tensão acima daquela projetada pelo fabricante podem causar danos irreparáveis ao instrumento.

CONCLUSÃO: submeta seu instrumento à atmosfera em que você se sentiria confortável.

Qualquer dúvida, consulte-nos.

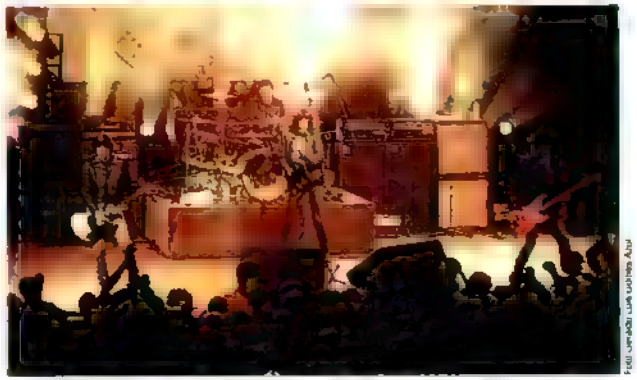
DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
C.E.P. 04447 - São Paulo - SP

AO VIVO

RAMONES

Tretas Versus Rock

Palace (SP) 31/01 e 01/02/86



Johnny, Joey e Dee Dee, com Richie na bateria, param show em um canto de arena

Não vai prestar...", era o comentário entre os punks semanas antes do show. Isto porque os skins paulistas ameaçavam acabar com tudo, prometendo aparecer em uma turma de aproximadamente quatrocentos carecas. Para quem não sabe, existe uma velha e idiota briga entre os punks da capital e os carecas das cidades industriais paulistas conhecidas pela sigla ABC, além dos oriundos do subúrbio de São Paulo.

Na hora H apareceram uns cinquenta — bem no meio da primeira apresentação, no momento em que o show havia sido paralisado por causa de um amplificador pifado. Mas estes encontraram pela frente a polícia e foram dispersados, presos etc. Um ou outro fã saiu ferido, e metade do público que aguardava a próxima sessão debandou. Na confusão uma cena de horror: um policial empunhando uma metralhadora, que segundo alguns, foi mesmo disparada. Enfim, o máximo que os baderneiros conseguiram foi estimular esse tipo de barbaridade.

Lá dentro a energia rolava. Num verdadeiro clima de rock n roll o público foi entrando - não sem antes deixar com os seguranças seus apetrechos metálicos — e se ajeitando, em pé, no suntuoso Palace (o show foi transferido para lá devido as enchentes que inundaram o Anhembi, primeiro local escolhido para o evento). Pouco depois da hora marcada a lenda viva entrou no palco — com *apenas* onze anos de atraso — disparando, quase ininterruptamente, trinta e tantas músicas, segundas de uma ou duas voltas ao palco para o bis. Só que os bises dos Ramones equivalem a uma metade de show.

A maioria do repertório era dos quatro primeiros LPs — "Gimme Gimme Shock Treatment", "Sheena Is a Punk Rocker", "Rock n Roll High School", "Pinhead", "I Don't Care", "Next Time" além de "Do You Wanna Dance", "Surfin' Bird" e C'mon Let's Go", três sucessos de ambas as notes. "End ess Vacation" do penúltimo disco, e "Love Kills", de *Animal Boys* — último LP do grupo, foram cantadas, excepcionalmente, por Dee Dee (baixo).

Escolher os pontos altos do show é uma questão muito subjetiva. Na plateia, uma evidência — "Surfin Bird", por ser um hit nas rádios paulistas. Para mim, "Do You Wanna Dance", a versão ramonesca do sucesso pop de Johnny Rivers. Mas, de um jeito ou de outro, existe um lado disfarçado nesta banda o romantismo que se esconde por trás dos decibéis deflagrados. Robert Smith disse, certa vez, que "todos os punks foram artistas dedicados". Eu completaria — e, p q p, como gostaria de ter evitado, hoje, a palavra *punk* —, eles foram extremamente ardorosos.

Suma Maia

TÊNIS E TERNO

Divertido Ecletismo

Espaço OFF (SP) 30/01/87

Sem darks nem messiânicos, humor e ironia costuram rock, funk embalado a blues, funk e rock

Publicitário bem-sucedido, o irrequieto Ricardo Côrte Real nunca deixou de ser um performer, desde o tempo em que fazia o país gargalhar no antológico Família Trapo, onde fazia o aloprado Sócrates. Muito desse humor e ironia aparece no trabalho dele e de Fran Papaterra, as figuras centrais de Tênis E Terno. Por enquanto, o único músico full time da banda é o competente batera Rafael Paiva, mas isto não diminuiu o vigor e o clima do show. Um trabalho de amadores, no melhor sentido. O daqueles que amam e se divertem com o que fazem. Não são darks, nem messiânicos. O pequeno espaço, que já foi um point gay (olha aí a AIDS, alterando comportamentos), estava com sua capacidade lotada. Umas cem pessoas abobadas que ouviram, logo de saída, um tema funk. Só instrumental, com destaque para os teclados de Bira Castelano. Depois, o divertido rock "Eta Vida Marvada" ("quando eu nasci, mamãe morreu/ me disse pra ficar tranquilo, e foi-se embora em grande estilo") Na sequência, o reggae "Ha Que Haver Mais Música", onde se reclama: "Tempos difíceis estes/ absurdos interesses/ escuta o que eu digo, há muito perigo solto no ar". Mas os destaques e a maior vibração ficaram por conta do bluesaço "Feminino Mel", com participação no sax de Jorge Freire, uma espécie de Max Headroom emprestado do grupo Lunt. Ainda, de "Louco um Pouco Sou", que abre com o tema de "Frere Jacques", cita "Mother Nature Son" e vocifera: "Heil Hitler, vai firme/ Baumgarten, Nini". Finalmente, Ricardo presta uma homenagem ao seu pai Renato, o maior e mais pirado humorista que o país já teve, com uma série de pequenas e hilariantes paródias.

J E M

Multitermo Termolar. Mais quilômetros com menos de um litro.

TERMOLAR

Vamos Termolar?

P2

STEVEN SPIELBERG

O MAGO DO CINEMA AMERICANO

Na terceira e última parte de sua entrevista a *Jean-Paul Chaillet* e *Jean-Pierre Lavoignat*, da revista *Première*, que BIZZ publica com exclusividade, o diretor fala de seus filmes pós-*ET* e dos novos projetos que se iniciam.

BIZZ — *Quando foi que você [illegible] o enorme sucesso que ET [illegible]?*

Spielberg — Em Cannes, em maio de 82, quando vi o filme pela primeira vez com um grande público. A acolhida que eu tive lá foi com certeza o mais belo presente que um cineasta pode receber. Quando as pessoas na sala do [illegible] estavam tão [illegible] seu entusiasmo, fiquei [illegible] em pé na rampa do palácio dos Festivais, mais feliz do que nunca. Acho que foi o dia mais belo da minha vida, depois do dia do nascimento do meu filho Max.

BIZZ — *Dizem que você estaria preparando uma continuação para ET.*

Spielberg — Não tenho certeza se estou interessado numa continuação de *ET*. Eu disse tudo o que tinha a dizer no primeiro filme. Uma continuação me forçaria a dizer mais do que seria necessário sobre as personagens. Com *ET* sou muito prudente e prefiro que relancem o filme regularmente, a cada três ou cinco anos, como um filme original, em vez de botar outro ET que não tenha o frescor do primeiro. Neste momento da minha vida, fazer uma continuação não passaria de uma decisão de [illegible]. E não estou pronto para isso.

BIZZ — *Hoje você [illegible] ET [illegible]?*

Spielberg — Continua dando dinheiro, já que não [illegible] em vídeo e reprisamos em salas. A primeira reprise aconteceu no [illegible] passado e sozinha rendeu mais de quarenta milhões de dólares, o que é superior a qualquer outra reprise na história do cinema, inclusive a de *Guerra nas Estrelas*. *ET*, acho, é um filme que deve ser visto em público e não em casa. Como a maioria dos [illegible] [illegible]!

BIZZ — *[illegible] pediria [illegible] ET [illegible] ET.*

Spielberg — As pessoas não me entendem de verdade. Um dia [illegible]. Mas ninguém ainda notou a [illegible] guinada da minha carreira. Eu [illegible] mas não darei a menor pista [illegible].

BIZZ — *Você [illegible] também [illegible] depois de [illegible] Contatos Imediatos e ET [illegible].*

Spielberg — Não, pelo contrário. O sucesso me estimula a explorar novos territórios que antes não me interessavam, onde eu não tinha segurança suficiente para poder me aventurar. O sucesso aumenta a confiança e essa segurança agradável permite a alguém jogar com a sorte, assumir maiores riscos.

BIZZ — *Ser pai hoje...*

Spielberg — [illegible] sempre foi para mim um dos maiores riscos! (risos)

BIZZ — *Ser pai hoje quer dizer ser [illegible] um adulto, mudar [illegible] que você tinha do mundo dos adultos.*

Spielberg — Pelo contrário, acho. De [illegible] ser pai me assegura pelo menos dezoito anos de infância suplementar através de outros olhos.

BIZZ — *ET é uma criatura singular. Não se pode dizer o mesmo de Gremlins nem daqueles que [illegible] Poltergeist. É como se [illegible].*

Spielberg — *Poltergeist* reflete bem os meus [illegible], mas *Gremlins* não. São mais os de Joe Dante. [illegible] Dante é o diretor de [illegible]. Você deveria perguntar para ele. Há [illegible] sempre a diferença entre os filmes que dirijo e os que produzo.

BIZZ — *Por que você se tornou produtor?*

Spielberg — Há muitos filmes que eu tinha vontade de ver, mas não obrigatoriamente de realizar!

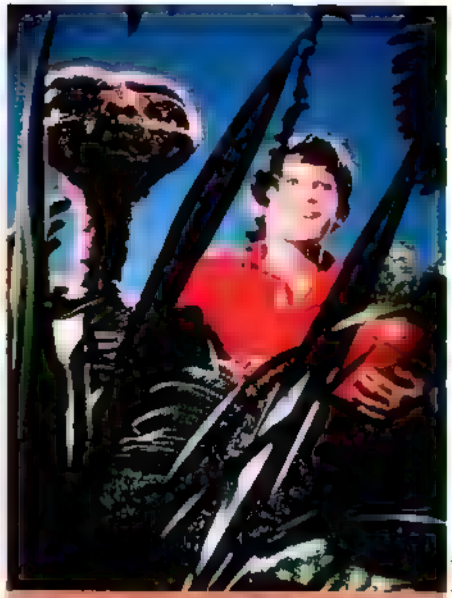
BIZZ — *[illegible] diferença de [illegible] e de qualidade entre os filmes que você dirige e aqueles que você produz.*

Spielberg — Como produtor nunca me meto no controle de qualidade do filme, nos campos que são do diretor que eu contratei. Quando sou produtor, trabalho muito no momento da redação do roteiro, na escolha do elenco. Isso [illegible]. O filme pertence a quem o realiza, pelo menos até sua estréia.

BIZZ — *[illegible] sobre a montagem final como produtor.*

Spielberg — Se [illegible] direito [illegible] na prática nunca faço isso. Ainda não interferi na montagem dos filmes que eu produzi. A coisa mais importante é contratar o diretor certo para o assunto certo. Se nessa altura eu tiver feito um bom trabalho, não vou precisar me preocupar depois.

BIZZ — *Você [illegible] eu [illegible]*



Em *ET*, uma guinada... ou não, segundo o próprio Spielberg

[illegible] durante a montagem de [illegible]. [illegible] com A Cor Púrpura durante Indiana Jones?

Spielberg — Não, porque durante a rodagem de *Indiana Jones* eu ignorava tudo de *A Cor Púrpura*. Na época eu tinha em mente um filme cujo título era *A Guy Named Joe* (N. do R.: seria a refilmagem de *Dois no Céu*, dirigido por Victor Fleming em 44, do qual se [illegible] um trecho [illegible] de TV em *Poltergeist*). É um projeto de 1980 que eu já adiei duas vezes. Não paro de adiá-lo, não sei por quê. Talvez por conhecê-lo bem demais e estar seguro demais de mim. Eu tenho tendência a fazer os filmes dos quais eu não tenha tanta certeza.

BIZZ — *Em geral, seria normal o contrário.*

Spielberg — Todas as vezes em que eu não estava seguro, descobri que o desafio que se apresentava era mais claro e mais nítido. No caso de um filme me parecer fácil, tenho a impressão no meu íntimo de já tê-lo feito. Procuro então algo de menos familiar. Foi o que aconteceu com *A Guy Named Joe*. Mas estou decidido a fazê-lo no ano que vem.

BIZZ — *[illegible] A Cor Púrpura [illegible] ideal [illegible] de que você nunca [illegible] adultos [illegible]*

A LIBERDADE E A EMOÇÃO ESTÃO DE VOLTA.

Esportes Náuticos nº 2 traz para você as acrobacias do fun board, uma nova versão do windsurf. E ainda: um cruzeiro de sete dias no Wind Star, o maior veleiro do mundo; as lanchas e todas as dicas para você escolher aquela dos seus sonhos; o recorde de despencar de uma altura de 28 metros dentro de um caiaque; como chegar mergulhando aos navios naufragados em Ilhabela. E você também vai saber como passar um final de semana dentro de um hotel inteiramente submerso.

...os, conflitos

Spielberg — *A Cor Purpura* preencheu os vazios. Na verdade foi um projeto surpresa. Foi Kathy Kennedy, que dirige a minha companhia, a Amblin, que me fez ler o livro de Alice Walker, com uma recomendação: "É um livro que muitas mulheres deram de presente a muitos homens". Ficou subentendido: "Toma, seu machista, leia uma verdadeira história de mulher, pelo menos uma vez!" (risos). Ela nunca tinha imaginado que eu ficaria tão apaixonado pela história. Nem eu, aliás. Mas isso veio sem dúvida do fato de que eu cresci cercado por três irmãs mais novas. É um filme sobre as mulheres, mas é também um filme sobre os homens e as mulheres, sobre as relações entre os homens e as mulheres.

BIZZ — *Fazer* A Cor Purpura *não foi também, para você, uma maneira de responder às críticas e mostrar a Hollywood que você podia fazer um filme para os adultos?*

Spielberg — Não, porque as críticas têm sido, em geral, favoráveis ao meu trabalho de cineasta durante es-

"As premiações do Oscar não são os Jogos Olímpicos, uma competição ou uma corrida"

ses últimos dez anos. Eu não tinha nada a provar. Com *A Cor Purpura* simplesmente respondi, espontaneamente e com entusiasmo, a um assunto que tinha provocado em mim um choque emocional, e do qual eu quis fazer um filme. São as razões mais puras que me motivaram e isso não tem nada a ver — pode ter certeza — com uma vontade de conquistar respeito ou provar que eu era capaz de fazer outro tipo de filme. Para mim foi a coisa certa feita no momento certo.

BIZZ — *O que você achou de não ter sido nomeado para o Oscar de melhor diretor?*

Spielberg — Eu já disse que as premiações do Oscar não são os jogos olímpicos, que não se trata de uma competição esportiva ou de uma corrida. É simplesmente o momento em que os seus conterrâneos se expressam sobre todos os filmes que foram feitos durante o ano. Nunca levei a coisa de maneira tão pessoal.

BIZZ — *Mas fica difícil imaginar que você não tenha se sentido chocado por nunca ter ganho esse [prêmio]*

Spielberg — Eu sentiria se eu tivesse setenta anos, mas como ainda não cheguei aos quarenta (risos).

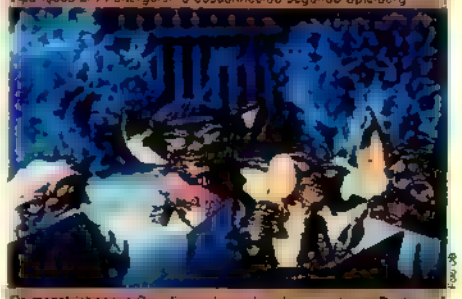
BIZZ — *Você não desenhou* storyboard *(N. da R.: antecipação, em desenho, das sequências a serem filmadas) nem para* ET *nem para* A Cor Purpura. *Não deve ter sido por acaso.*

Spielberg — Não, foi proposital. Eu não queria fazer duas vezes o mesmo filme. Quando eu faço *storyboard* de um filme, é mais ou menos como se ele já estivesse rodado, e chego na filmagem menos "virgem". No caso, eu precisava justamente do contrário. Em *ET* e em *A Cor Purpura* eu queria chegar ainda mais virgem que de costume. Eu não queria me contentar em ser um arquiteto copiando um desenho. Eu queria que cada dia de filmagem fosse como o primeiro. Por que exatamente nestes dois filmes? Porque são filmes que falam de pessoas. São histórias que falam de emoção, de relações entre as personagens, e não se pode fazer o desenho de uma relação. Um desenhista pode colocar dois rostos frente a frente, escrever um diálogo e chamar àquilo um plano, mas o essencial não está aí... A história de *A Cor Purpura* me tocava cada dia de um jeito diferente. Deixei essa história me dirigir para poder eu mesmo dirigir o filme em retorno. Foi o contrário de *Caçadores, 1941* ou *Tubarão*, que eram filmes repletos de ação e, no plano da logística, muito complicados. Para esses filmes, eu teria me sentido realmente irresponsável sem *story-board*. Quando se trabalha com muitas pessoas sobre efeitos especiais, sobre cenas de ação, é indispensável que as pessoas que o ajudam saibam o que se espera delas, para todo mundo fazer direito seu trabalho.

BIZZ — *Ainda sobre* A Cor Purpura, *você não acha que querendo a todo custo forçar a emoção, como na cena do reencontro das duas irmãs, por exemplo — em velocidade lenta, com aquela música e tudo — acaba-se perdendo a magia que a fez nascer?*

Spielberg — Não, porque é um procedimento honesto. Não se pode confundir sinceridade e manipulação. Nunca tive a intenção de forçar quem quer que seja no público, a não ser simplesmente aceitar a verdade que se expressa nessas duas personagens. Essa verdade podia ou

Aparições em *Poltergeist*: o desconhecido segundo Spielberg



Os monstrinhos em *Gremlins*: o desconhecido segundo Joe Dante

fazer o público chorar de alegria ou deixá-lo indiferente. Estava implícito no tema. Sempre pensei que, quando você gosta das personagens, você pode ficar sentado durante duas horas e meia acompanhando o percurso delas na tormenta e se encontrar, de repente, inundado de esperança, no topo da montanha, diante de um céu claro, e se sentir tão bem até ter vontade de chorar... Para mim, isso é emoção honesta. Não tenho intenção de fazer manipulação. A história, simplesmente, acabava assim.

BIZZ — *Você disse um dia que queria que o público amasse seus filmes.*

Spielberg — Espero que o público goste do filme pelo que ele é, não apenas porque ele me deva algumas lágrimas. Devo ao público muito mais do que o público me deve.

BIZZ — *O assunto de* A Cor Purpura *nunca lhe pareceu um pouco ultrapassado, depois de todos os movimentos negros dos anos sessenta depois de Martin Luther King, dos Panteras Negras...*

Spielberg — Um filme não é ultrapassado por ter roupas da época e sua ação acontecer há mais de meio século. Acho que qualquer filme com bons atores negros é importante... Filmes como *A Cor Purpura* permitirão a outros cineastas tratar sem medo dos problemas dos ne-

STEVEN SPIELBERG

gros. É muito importante. Há um número sem fim de artistas negros de todos os tipos, atores, escritores, cineastas, e vê-los hoje desempregados em Hollywood é mais do que irritante... Espero que *A Cor Purpura* possa ser um exemplo para outros filmes no futuro, que não sejam unicamente histórias de policiais e ladrões, mas que tratem realmente de assuntos humanos.

BIZZ — *O filme provocou uma polêmica na comunidade negra americana?*

Spielberg — Noventa e oito por cento da comunidade negra adoraram o filme e dois por cento se sentiram ofendidos. Entre esses dois por cento, havia muitos reacionários que não admitiram o papel desempenhado pelos homens na história, e que consideraram que o filme era enfocado demais sobre as mulheres. Acabaram dizendo que *A Cor Purpura* era um filme contra os negros e as coitadas das mulheres! Houve muitos mal-entendidos. Além disso, na maioria dos casos, nos Estados Unidos, as pessoas fariam qualquer coisa para passar no noticiário da noite

"*A Cor Purpura* fala de problemas entre homens e mulheres, sejam negros, amarelos ou brancos"

ou nas manchetes da manhã seguinte. É o tipo de protesto que eu acho absurdo.

BIZZ — *Você nunca pensou em fazer um filme sobre os problemas de hoje?*

Spielberg — Sabe, os problemas de hoje são aqueles de ontem e os de ontem ainda serão aqueles de amanhã. As pessoas sempre esquecem as lições. Às vezes um filme que parece estar longe da atualidade pode também ser uma reflexão sobre os problemas de hoje. *A Cor Purpura*, para mim, fala em profundidade dos problemas entre os homens e as mulheres do mundo inteiro, sejam eles negros, amarelos ou brancos.

BIZZ — *Você conquistou um novo público com esse filme?*

Spielberg — Penso que nos Estados Unidos alcancei de fato um novo público, porque dessa vez não foram só as crianças, que costumam ir ver meus filmes, que assistiram *A Cor Purpura*. Alcancei os pais deles pela primeira vez.

BIZZ — *Seu próximo trabalho, dizem, será a adaptação de um livro recente de J.G. Ballard, O Império do Sol (N. da R.: trata-se da história de Jim, garoto inglês, no dia seguinte ao da tomada de Xangai pelos japoneses, na Segunda Grande Guerra. Deixado só na cidade, ele é recolhido por dois marinheiros. Preso com eles em um campo de concentração, ele só tem a preocupação de sobreviver. Mais tarde, depois de uma marcha forçada, ele assistirá à explosão da bomba atômica em Nagasaki).*

Spielberg — É verdade, começo a filmagem a dois de janeiro de 87.

BIZZ — *Na China?*

Spielberg — Sim, na China. Já encontramos os lugares, e o governo chinês nos deu sua autorização.

BIZZ — *Você se reconheceu no herói do livro, Jim?*

Spielberg — Mais do que em qualquer outra personagem dos meus filmes anteriores. O filme ia ser feito por David Lean, (N. da R.: o diretor de Passagem para a Índia e Dr. Jivago), e ele me deu o livro dizendo: "Você deveria fazê-lo, é para você". É verdade (risos). Já encontrei alguns dos atores principais, mas ainda não posso dizer os nomes deles.

BIZZ — *Já que estamos falando de projetos, daria para você falar sobre todos aqueles que lhe atribuem? Tintin, por exemplo.*

Spielberg — Continua em projeto. Melissa Mathison, a roteirista de *ET*, está escrevendo um roteiro a partir de três das aventuras de Tintin.

BIZZ — *Você pensou mesmo em Christopher Lambert para ser Tintin?*

Spielberg — Christopher Lambert! Ah .., sim, se ele conseguir perder dez ou quinze anos!

BIZZ — *E Peter Pan, em que pé está?*

Spielberg — Eu o abandonei. Os estúdios Walt Disney compraram os direitos e deverão fazer sua própria adaptação.

BIZZ — *E aquele livro de Thomas Keneally que você ia adaptar, Schindler's Ark (N. da R.: o livro conta o destino trágico de um industrial alemão, ajudando os judeus durante a Segunda Guerra), o que está acontecendo exatamente?*

Spielberg — Vou fazer um filme com ele, mas só daqui a dois anos. Estou esperando o roteiro ficar pronto. Já estamos no terceiro ano consecutivo de redação: é uma história extremamente difícil de se adaptar e só farei o filme quando achar que o roteiro está absolutamente perfeito. Quanto mais trabalhamos nele mais coisas aprendemos, e mais estou excitado.

BIZZ — *Onde está o projeto sobre o qual você trabalhou com Brian de Palma, (N. da R.: o diretor de Dublê de Corpo e Scarface)?*

Spielberg — De fato chegamos a trabalhar sobre um roteiro há três anos atrás, mas Brian não gostou

STEVEN SPIELBERG

Conflitos mais adultos em *A Cor Purpura* à caça de um Oscar?

Tintin, personagem do belga Hergé, entre os novos projetos

dele. Não acho que ele faça o filme um dia.

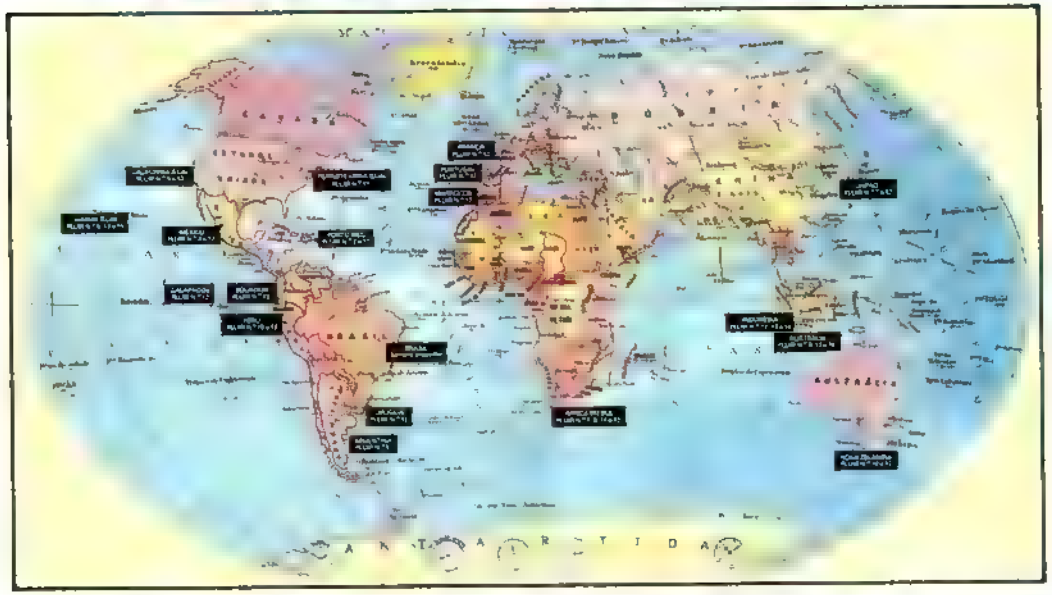
BIZZ — *Em todo caso, você não parece querer seguir o exemplo de Lucas e se distanciar da direção?*

Spielberg — Não, porque sou uma abelha operária. George cuida da colmeia, e meu trabalho é fazer o mel (risos).

BIZZ — *Sidney Lumet disse recentemente*

OS SURFISTAS

A ÚLTIMA GRANDE TRIBO NÔMADE DO PLANETA



O Surf, mais que um esporte, é um estilo de vida. Viajar constantemente em busca de novas e mais perfeitas ondas é um componente essencial deste estilo. A FLUIR, a cada edição, leva seus leitores aos melhores points do Brasil e do mundo, mantendo sempre viva a mística da aventura, da exploração e da descoberta. Leia FLUIR, viaje, deixe fluir, faça parte da nossa tribo!

REVISTA FLUIR

SURF É FLUIR

...nte que só Woody Allen, Scorse... Coppola e você levam o trabalho e direção a sério

...pielberg — Eu de fato o levo muito ...sério. Como tudo o que faço. De... ...mais, como o trabalho de um cineas... ...implica o trabalho de uma centena ...e pessoas e, portanto, nas vidas de ...ma centena de pessoas, você não ...ode se permitir pensar só em si to... ...os os dias

BIZZ — *Você tem, com toda evidên... ...a, formado um novo público ame... ...cano. O que você pensa disso?*

...pielberg — Não acho que eu tenha ...rmado um público. Talvez eu te... ...ha contribuído para isso com outros ...omo Scorsese, Lucas, Coppola ...Mas existem, nessas mutações, coi... ...s negativas: temos dado demais a ...mpressão de que o cinema é uma ...oisa fácil. Hoje tem gente demais ...entando fazer filmes como os nos... ...s sem ter os ingredientes de base ...por causa disso, os filmes tendem ...ser piores — um pouco simples de... ...mais, às vezes simplistas. Sei mui... ...bem que ninguém nos considera ...ntelectuais, mas nem por isso somos ...os simples de espírito. Aqueles que ...ntam imitar a gente deixam de lado ...quilo que faz funcionar os filmes. ...Por causa disso, muitos filmes que ...streiaram nesses três últimos anos ...ão muito infantis. Espero sinceramente ver a volta de um cinema ...ais adulto, com histórias mais ...adultas. Histórias que não procurem matar o Peter Pan que está em ...ada um de nós, com ambição de ...mostrar maior maturidade e mostrar ...a vida sob novas perspectivas.

BIZZ — *Mesmo morando e trabalhando em Hollywood, você nunca teve a impressão de fazer parte do ...to?*

...pielberg — É verdade. Moro lá, ...trabalho lá, nado nas mesmas águas, ...as continuo fazendo meus próprios ...mes. Espero porém que sejam ...onsiderados como produtos ...ollywoodianos. De fato, tento fazer ...o tipo de filme que eu admirava, ...uele dos anos trinta e quarenta, ...uela época de Hollywood em que ...eria me sentido mais em casa, se ...pudesse ter escolhido. Lamento ...o ter podido viver essa idade de ou... Num certo sentido, a maioria dos ...es que eu faço são homenagens ...nscientes àquela época.

BIZZ — *Qual é o seu estado de es... ...e, hoje? Como você vê o futuro?*

...pielberg — Estou dividido. Penso ...serão feitos cada vez mais fil...

Dirigindo *Caçadores*: seriedade e Peter Pan: um novo público e a velha Hollywood

STEVEN SPIELBERG

...mes, mas que não serão tão bons. É ...importante entender os perigos que representa o fato de se fazer filmes ...demais, e filmes demasiado ruins. ...Vai ser preciso um esforço real de ...entendimento entre os diretores, ro...teiristas e atores. E não só os jovens ...atores! Eu gostaria de ver, como no ...passado, mais atores de trinta e cinco anos, em vez de olhar as crianças serem os heróis da América. Onde estão os Gary Cooper, Cary Grant, Rosalind Russel, Carole Lombard, Vivien Leigh, Myrna Loy de hoje?

A América está obcecada, por um lado com atores muito velhos, ou pelos muito novos. E os outros são relegados a seriados de TV.

BIZZ — *Por que você não trabalha com stars?*

Spielberg — Já tentei. Propus coisas a Newman, a Redford, e eles recusaram. Eles são difíceis, com razão. E ...também verdade que certos filmes que eu fiz não são do gosto deles e que os filmes que eles gostariam de fazer não são obrigatoriamente aqueles que eu gostaria de dirigir. Não encontramos por enquanto um terreno de entendimento, mas tenho esperança de conseguir algum dia. Claro, eu gostaria de trabalhar com Dustin Hoffman, com Robert de Niro, com Meryl Streep, com Amy Irving, minha mulher.

BIZZ — *Uma última pergunta, como o garoto modesto que fazia filmes em 8 mm vive hoje a glória e a riqueza?*

Spielberg — Há três anos, na América, eu era um diretor de cinema. Hoje, sou uma celebridade. Bem, eu preferia muito voltar ao estado de diretor. Por que? Porque tenho mais prazer em trabalhar do que em ser alguém célebre.

A MISSÃO

De Niro (Padre Mendoza), o ex-traficante de escravos arrependido e o dilema: resistir ou se curvar?

Século XVIII. As Américas recém-descobertas repletas de tesouros e perigos insuspeitos, se ofereciam à curiosidade dos europeus. A ordem geral era a rapinagem das riquezas naturais, a escravização ou o genocídio puro e simples dos nativos. Os jesuítas vinham tentar salvar as almas dos sobreviventes. Mas com os guaranis, tribo que habitava a região próxima das fronteiras do Brasil, Argentina e Paraguai, a história foi diferente. Jesuítas e guaranis criaram as missões, comunidades de produção agrícola e artesanal, nas quais os lucros eram igualmente distribuídos entre os índios.

A história é verdadeira e o filme faz questão de frisar isso. *A Missão* narra esse episódio histórico do ponto de vista de um embaixador do Vaticano, o cardeal Altamirano (o excelente Ray MacAnally), que tem como missão aparente mediar o inevitável conflito entre os colonizadores portugueses e espanhóis e os jesuítas. Na verdade, o Vaticano já havia ordenado o fim das missões e a tarefa do cardeal é bem mais ingrata. As estrelas do filme são Robert de Niro e Jereny Irons. De Niro é Mendoza, um ex-traficante de escravos que, depois de assassinar o próprio irmão, se arrepende e se converte. Irons é Padre Gabriel, um jesuíta que vai estabelecer uma missão no coração da selva. Juntos encaram o dilema: resistir ao massacre e à escravização quando Mendoza luta ao lado dos índios e Padre Gabriel adota uma linha de resistência pacífica. Mas isso tudo se adivinha nos primeiros quarenta minutos de filme, apesar da performance irrepreensível dos dois atores. O sabor mesmo fica por conta de Ray MacAnally e da primorosa fotografia de Chris Menges.

B A

PERIGOSAMENTE JUNTOS

Entre ingênua e sedutora, Chelsea (Daryl Hannah) é a bela protagonista de uma trama ágil e complicada

A novidade de hoje está mais nas combinações às fórmulas do que na originalidade. *Perigosamente Juntos* (*Legal Eagles*) tira proveito desse lugar comum e mistura todos os gêneros, da comédia ao drama, com a embalagem atraente da ação. O filme procura o sucesso reunindo um setor bem-sucedido (Ivan Reitman, de *Os Caça-fantasmas*), uma turma de atores famosos (Robert Redford e Debra Winger) e a bela Daryl Hannah, a sereia de *Splash*. Debra se afasta do melodrama de *Laços de Ternura* (seu fantástico último filme, pelo qual foi indicada para o Oscar) fazendo Laura, a advogada de Chelsea (Hannah). Esta é herdeira de um ator, carente e desprotegida, acusada de assassinato.

Tom Logan (Redford), o promotor, se envolve demais e fica indeciso entre as duas, como não era difícil adivinhar. O caso se complica quando ele descobre que a acusada mentiu algumas vezes. Como se não bastasse, ela lhe mostra uma de suas *performances* dramatizando seus traumas infantis no esforço de comovê-lo. "Put Out the Fire", a música da cena, é da própria Daryl. Como balanço final não é um achado, mas tem seus momentos deliciosos.

C G L

LANÇAMENTOS

Elvis Presley — Elvis Memories (mono, 48 minutos, MusicVideo) — Beber das fontes originais do rock é sempre gratificante para quem pretende ir fundo nas raízes do gênero. Este longa, em especial, tem atrativos extras. O Rei aparece cantando alguns de seus maiores sucessos em sequências históricas. Algumas são de 1956, gravadas em Memphis, no Tenessee. Outro petisco incrustado aqui é o especial de TV que Elvis fez em 1968 — o legendário *comeback* —, no qual ele retorna, em grande estilo, ao topo de sua forma.

Vários — MTV Closet Classics (estereo, 60 minutos, Vestron) — Mais um delicioso mergulho no passado do rock. Desta vez, são clips antológicos, realizados numa época em que sequer se falava em usar o vídeo como um instrumento de marketing ou uma forma de arte. Na polpuda compilação da MTV estão Jimi Hendrix e Who, Beach Boys, T. Rex, Cream, Ike & Tina Turner e Grateful Dead.

Varios — Kerrang! Metal Monsters (estereo, hi-fi, 60 minutos, Sony) — *Headbangers* da Terra de Santa Cruz baterão vossas metálicas cabecinhas, pois esta pronta uma das melhores coletâneas de clips heavy já tentadas. Também, pudera: a supervisão deste longa ficou a cargo da revista inglesa *Kerrang!*, verdadeiro templo jornalístico do metal. Entre os vários artistas incluídos estão Helix, Whitesnake, WASP e Iron Maiden.

Elton John — Breaking Hearts Tour (estereo, 54 minutos, Vestron) — O Sr. John esteve pertíssimo de tocar no Brasil, no início de janeiro. Problemas nas cordas vocais, no entanto, frustraram os planos. Mas não se avexem, fãs de Elton: *Breaking Hearts Tour* é uma seleta da última turnê mundial que John fez, com belas versões para hits como "Daniel", "Benny and the Jets" e "Rocket Man".

Prince — Under the Cherry Moon (estereo, hi-fi, 100 minutos, Warner) — *Purple Rain* em melhor, claro, mas a cinematografia do segundo filme do Rei Purpura dá de 10 em seu predecessor. Ah, e é inédito no Brasil!

PARADA

1	CONTROL — THE VIDEOS — Janet Jackson
2	EVERY BREATH YOU TAKE — THE SINGLES — Police
3	COLOR ME BARBRA — Barbra Streisand
4	LIVE WITHOUT A NET — Van Halen
5	MOTLEY CRUE UNCENSORED — Motley Crue
6	DAVID LEE ROTH — David Lee Roth
7	MY NAME IS BARBRA — Barbra Streisand
8	THE NUMBER ONE VIDEO HITS — Whitney Houston
9	THE MAKING OF DANCING IN THE CEILING — Lionel Richie
10	THE VIDEO ALBUM, VOLUME II — Billy Joel

Fonte: Billboard

Bruce Springsteen

"WAR"

Dirigido por Arthur Rosato

Um dos últimos grandes nomes do rock a capitular por videoclips, Bruce Springsteen nunca foi de muita sofisticação. Desde "Dancing in the Dark" — dirigido em 1984 por Brian De Palma — ele vem mantendo o mesmo padrão de simplicidade: invariavelmente, a "roteira" consiste em Bruce e sua E Street Band repartindo um palco. E só. A única exceção era "I'm on Fire", cujo clip apresentava Springsteen fazendo o papel de um mecânico em vias de iniciar um romance com uma cliente. O romance, porém, nunca se consuma — a velha história de pobretão e da milionária que não podem se envolver.

"War" tem muito mais — cenas rápidas cortadas numa edição nervosa. Mas há uma abertura e um fechamento mais pungentes ainda do que a performance dos músicos. No início, pai e filho assistem na TV ao noticiário sobre a movimentação de tropas norte-americanas no Vietnã. O locutor diz que o presidente Lyndon Johnson garante que os soldados são apenas para treinar o exército local. No final do clip, a mesma cena é retomada. Mas o pai está sozinho. O filho aparece na TV, mais uma baixa na guerra do Vietnã.

Fotos: Hindu © Fama

■ Erramos II — A Missão: em BIZZ 18 cometemos um sacrilégio — ao invés de publicarmos as imagens de "Don't Stand so Close to Me '86", pusemos na coluna de clips alguns *takes* do vídeo feito com a versão original da música, no final dos anos 70. *So sorry*. Aqui vão as imagens do clip correto.

FAMÍLIA JAPONESA DE MUDANÇA PARA O BRASIL

PARA FAZER AQUI O MESMO SUCESSO QUE FAZ NOS ESTADOS UNIDOS, NA ALEMANHA E NO JAPÃO, A AKAI USA UMA RECEITA INFALÍVEL: ESTAR SEMPRE NA VANGUARDA DA TECNOLOGIA E OFERECER O QUE EXISTE DE MAIS EXCITANTE EM TODO O MUNDO EM MATÉRIA DE SOM. É POR ISSO QUE AGORA O BRASIL TAMBEM PASSA A TER UM EQUIPAMENTO DE SOM SOFISTICADO, CONTROLADO POR COMPUTADOR.
É EVIDENTE QUE ELE FAZ TUDO AQUILO QUE OS OUTROS FAZEM. MAS INCORPORA TAMBÉM UMA SÉRIE DE CARACTERÍSTICAS QUE NENHUM OUTRO EQUIPAMENTO DE SOM TEM NO BRASIL.
LOGO ABAIXO, VOCÊ ENCONTRARÁ, DE MANEIRA RESUMIDA, TODAS AS INFORMAÇÕES TÉCNICAS IMPORTANTES SOBRE O NOVO AKAI SYSTEM.
MAS NÃO DEIXE DE PEDIR UMA DEMONSTRAÇÃO. ALÉM DE SER UM ESPETÁCULO PARA OLHOS E OUVIDOS, NÃO É TODO DIA QUE O EQUIPAMENTO DE SOM MAIS FAMOSO DO MUNDO CHEGA AO BRASIL.

RECEIVER AA-A35.
É O MAIS RECENTE LANÇAMENTO AKAI EM TODO O MUNDO.
VEM EQUIPADO COM:
SINTONIA ELETRÔNICA POR SINTETIZAÇÃO A QUARTZO.
AUTO-SCAN - PROCURA AUTOMATICAMENTE A ESTAÇÃO SEGUINTE OU A ANTERIOR
EXCLUSIVO CONTROLE DE VOLUME POR ACESSO DIRETO (VOCÊ COLOCA INSTANTÂNEAMENTE O NÍVEL DESEJADO)
EXCLUSIVA MEMÓRIA ACÚSTICA PARA 2 NÍVEIS DIFERENTES DE AJUSTES DE GRAVES E AGUDOS
DISPLAY FLUORESCENTE DE TODAS AS FUNÇÕES.
MEMÓRIA PARA ATÉ 16 ESTAÇÕES DE AM/FM
EXCLUSIVA MEMÓRIA DE NÍVEL DE VOLUME, PARA TOTAL SEGURANÇA DAS CAIXAS ACÚSTICAS.
POTÊNCIA MÁXIMA DE SAÍDA: 130+130 W (RMS)

DECK-CASSETE HX: R44
UM DOS MAIS COMPLETOS E SENSÍVEIS DECK CASSETES DISPONÍVEIS NO MERCADO INTERNACIONAL
TEM, ENTRE OUTRAS CARACTERÍSTICAS:
EXCLUSIVA REVERSÃO SUPER RÁPIDA, QUE INVERTE INSTANTÂNEAMENTE A DIREÇÃO DA FITA, TANTO NA GRAVAÇÃO COMO NA REPRODUÇÃO, GRAÇAS AO EXCLUSIVO SISTEMA AKAI DE CABEÇA ROTATÓRIA.
2 SISTEMAS DE REDUÇÃO DE RUÍDOS DOLBY B E O SOFISTICADO DOLBY C
EXCLUSIVOS SISTEMAS IPLS/INTROSCAN, QUE LOCALIZAM RAPIDAMENTE QUALQUER MÚSICA NA FITA.
EXCLUSIVO AUTO-MUTE INTERVALO AUTOMÁTICO ENTRE MÚSICAS, QUE PERMITE A LOCALIZAÇÃO AUTOMÁTICA DE QUALQUER MÚSICA
GRAVAÇÃO E REPRODUÇÃO NOS 2 SENTIDOS.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO CONTÍNUO.
RELAÇÃO SINAL/RUÍDO: 58 DB

TOCA-DISCOS AP-A2C
ALIA A REPRODUÇÃO DE SOM DE ALTO NÍVEL À GRANDE SIMPLICIDADE DE OPERAÇÃO.
DIRECT - DRIVE CONTROLADO ELETRONICAMENTE
BRAÇO RETO DE BAIXA DENSIDADE, BALANCEADO ESTATICAMENTE. CONTROLES FRONTAIS TIPO SOFT-TOUCH DE ACESSO IMEDIATO.
CÁPSULA TIPO TP-4

TRATAR COM

AKAI

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

THAT PETROL EMOTION

Do "barulho" à melodia... e de volta ao barulho. *Marcel Plasse* acompanha a trajetória do quinteto irlandês

Os quatro irlandeses e a "atmosfera" que provocam emoções contraditórias e elogios da crítica

Bombas, tiros, palavras-de-ordem, gritos de lealdade tribal, sangue de gerações. A Irlanda do Norte sabe fazer barulho. Em algumas oportunidades, porém, seus sons puderam ser celebrados. Há dez anos, Belfast se divertia com a raiva do Stiff Little Fingers, e Derry com os sonhos trabalhistas dos Undertones.

Com o fim dos Undertones — após inúmeras turnês americanas, ilimitados serviços de quarto, o melhor brandy que o dinheiro pode pagar e cinco LPs —, os próprios irmãos guitarristas Sean(John em irlandês) e Damian O'Neill acabaram retornando à Derry natal. Em 85, juntaram-se ao baterista Ciaran McLaughlin, ao guitarrista Reamann (Raymond) O'Cormain e a Steve Mack — um americano fissurado em skate, recrutado como vocalista numa pizzaria londrina — para acrescentar mais um nome exótico à lotada agenda de shows britânica.

That Petrol Emotion — originalmente era como se chamava uma música que pertencia a um grupo paralelo de Reamann — é um sentimento intenso. Uma espécie diferente de tensão. Aquela emoção de gasolina: queimar, queimar e tornar a se encontrar vazio, frustrado. "Eu não posso parar caindo", diz o refrão de seu último single, "Can't Stop". A raiva e a frustração das quais ninguém está imune — seus temas. Jovens na Irlanda — sua situação.

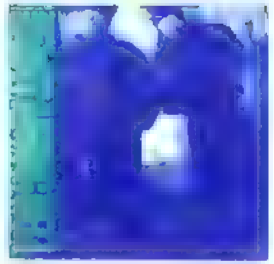
Na verdade, "Circusville" e "Tightlipped", do LP *Manic Pop Thrill*, são as únicas canções verdadeiramente "irlandesas", pela referência explícita ao circo que envolve o Unionist Party (um partido político) e ao papel dos meios de comunicação, que mantêm a Grã-Bretanha na escuridão sobre o que acontece na guerra civil do Norte. Mas mesmo seus singles mais ingênuos são acompanhados de notas manifestando-se em relação à situação política país. Na contra-capa de "It's a Good Thing", por exemplo, há um pequeno texto comentando o uso de balas de plástico como meio de controle de tumultos na Irlanda, acompanhado do endereço de uma organização engajada contra esta prática.

Além do mais, eles dão entrevistas... Seu repertório, contudo, comporta composições como "A Natural Kind Of Joy", uma canção de amor, pura e simples, com vocal à la Paul McCartney. Porque, afinal, trata-se de uma banda pop. Bem, não exatamente uma *tradicional* banda pop. Como eles próprios afirmam: "todo mundo tem que crescer, mais cedo ou mais tarde, e ir além da coisa simples".

Suas gravações *covers* de "Zig Zag Wanderer", o blues mutante de Captain Beefheart, e "Non Alignment Pact", do Pere Ubu, indicam seu caminho no pop. Beefheart e o grupo Pere Ubu, como ninguém, entenderam rara química de barulho e boas melodias.

Aí entra em cena a guitarra de Sean O'Neill, em colapso. Violência latente, ambientando texturas a partir de rangidos ácidos. Tirando aplausos da respeitável crítica britânica, que não poupou adjetivos para os singles "Keen", "V2", "It's a Good Thing", "Can't Stop" e o LP *Manic Pop Thrill*. Pop maníaco e emocionante, estranho e charmoso. Ótimo para dançar enquanto a casa cai — entre outras boas ideias.

O BLACK DISPAROU!



A música pop é negra.
Questão de lógica,
questão fechada.
Só que, hoje, a chamada *black music*
vem reconquistando seu espaço no Brasil
de forma surpreendente.
Via funk, reggae, ska, rap etc.
Agora, o black disparou de vez
com a chegada de mais 6 gigantes
às lojas de discos:
Run DMC, Jeffrey Osborne, Janet Jackson,
Con funk shun, Gwen Guthrie e Cameo.
Ouça e tente ficar parado.

EM DISCOS E FITAS
PolyGram

Garotos do ABC paulista revivem o velho flerte entre rock e quadrinhos. Nossa Miriam Lane de plantão, *Sônia Maia*, revela suas verdadeiras identidades...

Da esquerda, em pé: Denis Animal, George G., Marcos Veia e Paulo Bide Pow. E o Big Lead Vocal Hulk'a'Billy

A história começa em 78, quando um bando de moleques, amantes do rock'n'roll, montaram uma banda de rock pesado, chamada Céu e Inferno. Depois dessa, veio a Banda da Esquina, dessa vez atacando o rhythm'n'blues. Em ambas estavam três embriões do Kães Vadius, banda que vingaria em 85: George G. (atual guitarra); Paulo Bide Pow (atual baixo) e Hulk'a'billy (atual vocal). Denis Animal (bateria) e Marcos Veia (sax) se incorporaram quando a banda já estava montada.

Eles vêm do ABC paulista, um lugar, segundo eles, sempre desprezado pela tão próxima megalópole paulistana. "As bandas da capital, por exemplo, não aproveitavam outros músicos, que tanto lá como aqui no ABC, existiam a rodo. Era tipo aquela coisa: um só cara tocava em cinco grupos. Muito fechado..."

Pelo menos para o Kães Vadius essa situação talvez mude. Eles estão com um contrato assinado com o selo independente Ataque Frontal e, fora o som vigoroso, o vocal de Hulk se destaca, e bastante, dos que rolam por aí. Quanto ao instrumental, os garotos têm uma proposta em que se encontram desde ecos dos primórdios do rock'n'roll (cinquentão mesmo) passando pelo psychobilly dos Cramps, até o punkabilly. Uma mistura que, junto às letras, resulta num som de espírito delinquente, com uma pitada de terror

Entre os personagens que compõe uma das letras e a história em quadrinhos que será o encarte do disco — feita por George e Hulk — é o "Malaca Blues". Trata-se de um garoto, filho de um padre com uma garotinha, que é adotado por um travesti. No final ele morre e a história da ressurreição já está sendo armada para o próximo disco. E os Kães afirmam que ele tem muito a ver com Jesus Cristo. Como? "Quer ver o rosto de JC? É só ver um malandro no pau de arara que você tem a expressão certa", fulmina George.

URGE

Eles conseguem causar surpresas e provocar as mais diversas reações. *Tom Leão* foi atrás dos sinais de fumaça...

Em cima, Pedro, Margot e Sergio; Fabrizio segura a barra

A banda entra em casa. Quieta. Discreta. O show começa, de início algo sumgado; funky até. A mensagem é veloz, telegráfica. A pulsação vai aumentando. De repente é hardcore. A percussão é forte. A bateria preenche todos os espaços possíveis, seguida de perto pelo baixo. As guitarras se entrecruzam e interferem rápidas e certeiras como agulhadas. Ninguém sola, o show é direto, *non stop*. A reação do público é variada. Que bom. Pelo menos, uma banda que provoca reações.

Raramente o nome de uma banda reflete tão bem o seu espírito. Urge é assim: urgente, aflita. Da nova geração de bandas cariocas, é uma das mais surpreendentes. Nesta, ninguém está brincando de ser roqueirinho. Qualquer *rocker*, de qualquer país, decodificaria rápido os sinais enviados pela Urge.

A banda formou-se em fins de 84, e daquela época restou o vocal e guitarra Pedro. Mas a nova formação é tão coesa que parece estar junta há séculos. Pedro, junto com Margot — também vocalista e guitarrista — é quem compõe as letras, nitidamente voltadas para o lado político. "Só que política como atuação particular, individual, não panfletaria", avisa Margot Fabrizio e Sérgio, respectivamente baixo e batera, fazem nossos pés marcarem o ritmo e a cabeça voar

No repertório, duas curiosidades: o uso das músicas "A Hard Day's Night" e "I Shot the Sheriff", recheando as letras de "Azar Demais" e "Matei o Chefe", mantendo levemente o ritmo das originais dos Beatles e Bob Marley, com outro conteúdo. Chamam a atenção na primeira audição "Idiotas", "Ruas Perigosas", "Encarnação" (essas duas com ótima performance vocal de Margot) e "Patrulha Terrestre" Mas vale a pena prestar atenção em tudo.

Tom Leao

THE PRETENDERS

"DON'T GET ME WRONG"

(Chrissie Hynde)

Don't get me wrong
If I'm looking kind of dazzled
I see neon lights
Whenever you walk by

Don't get me wrong
If you say hello and I take a ride
Upon a sea where the mystic moon
Is playing havoc with the tide
Don't get me wrong

Don't get me wrong
If I'm acting so distracted
I'm thinking about the fireworks
That go off when you smile

Don't get me wrong
If I split like light refracted
I'm only off to wander
Across a moonlit mile

Once in a while
Two people meet
Seemingly for no reason
They they just pass on the street
Suddenly thunder, showers everywhere
Who can explain the thunder and rain
But there's something in the air

Don't get me wrong
If I come and go like fashion
I might be great tomorrow
But hopeless yesterday

Don't get me wrong
If I fall in the "mode of passion
It might be unbelievable
But let's not say "so long"
It might just be fantastic
Don't get me wrong

Direitos reservados

"NÃO ME LEVE A MAL"

Não me leve a mal
Se eu parecer um tanto ofuscada
Vejo luzes de neon
Toda vez que você passa

Não me leve a mal
Se você disser oi e eu sair fora
Para viajar sobre um mar onde a mística lua
Está bagunçando as marés
Não me leve a mal

Não me leve a mal
Se eu parecer tão distraída
Estou pensando nos fogos de artifício
Que são detonados quando você sorri

Não me leve a mal
Se eu cair fora como luz refletida
Só estou indo passear
Sob o luar

Vez por outra
Duas pessoas se encontram
Aparentemente por nenhum motivo
Apenas se cruzam na rua
Subitamente, trovão e pancadas de chuva
Quem pode explicar o trovão e a chuva
Mas existe algo no ar

Não me leve a mal
Se eu surjo e desapareço como se fosse moda
Posso ser um barato amanhã
Mas ter sido um desastre ontem

Não me leve a mal
Se eu entrar numa de paixão
Pode ser incrediível
Mas não vamos dizer "até já"
Poderia ser até fantástico
Não me leve a mal

TODA A LOUCURA DO METAL

STEVE HACKETT

Steve, entre as melodias do violão, a agressividade da guitarra e os complementos eletrônicos

A forma arredondada do violão — e de sua parenta, a guitarra — já despertou milhares de paixões. Mas o amor de Steve Hackett pelo instrumento beira o fanatismo: a guitarra é o centro principal de sua vida, como provam todos os seus discos solo, suas participações em nove albuns do Genesis e o envolvimento com seu mais recente projeto, o GTR (abreviatura de guitarra, em inglês!), que ele formou com outro lendario guitarrista — Steve Howe (ex-Yes, ex-Asia).

O namoro começou quando esse ingles de 37 anos estava em seu quarto verao — mas o primeiro instrumento foi a gaita. Somente aos 12 anos Steve ganhou sua primeira guitarra, uma semi-acustica grande dada pelo pai. O "flerte" tornou-se um caso sério quando, dois anos depois, Steve fez o que todos os ingleses de sua geração estavam fazendo — descobriu o blues. "Assistir a shows de guitarristas de blues", afirma Steve numa ensolarada tarde carioca, "é uma das maiores escolas musicais que pode haver. Eu aprendi bastante olhando gente como Eric Clapton, Jeff Beck e Roy Buchanan. Meu maior idolo era Peter Green — do Fleetwood Mac —, ele dava shows incriveis, um grande musico."

Alem do blues, outro condimento alimentou Hackett — a musica classica. Vivaldi e Bach tem muita paixao e romantismo em suas composiçoes. Além do lindo som de Andrés Segovia, a coisa mais importante que a música classica me ensinou foi a utilização de melodias. Melodia e ritmo são as coisas mais importantes na música de boa qualidade."

Hackett utilizou tao bem os ensinamentos sobre melodia que, quando entrou no Genesis — através de um anuncio no jornal, tornou-se o guitarrista solo da banda. O trabalho de Steve no grupo foi fundamental para a cunhagem do som Genesis. Principalmente porque seus solos combinavam agressividade com um senso de melodia meio bizarro, e bem diferente. "O Genesis foi outra grande escola", recorda Hackett. "Como eramos cinco compositores, fui obrigado a escrever musicas continuadamente e a compor peças inteiras de violão clássico — o instrumento que eu mais amo."

Steve revela também um fato interessante: ele acha engraçada toda a tendência atual de se tocar no braço da guitarra com a mão direita, como fazem Stanley Jordan e Eddie Van Halen. "Em *Nursery Cryme*, o primeiro disco do Genesis de que participei, já havia muitos trechos de *finger taps*. E, se a gente considerar que isso foi no início dos anos 70, pode-se dizer que eu comecei bem antes."

A mais recente novidade musical na carreira de Hackett foi o reencontro com Steve Howe, velho amigo e atual parceiro no GTR. "O GTR é um projeto que pretende mostrar o futuro da guitarra, sem essa de 'art-rock', ou outros rótulos. A guitarra-sintetizada é um artefato indispensável e por isso ela aparece no disco. Mas para mim não há nada como um bom violão e melodias lindas na cabeça." *A D*

FICHA TÉCNICA

ENTRE MUITAS, A FAVORITA

Steve tem tantas guitarras que ja perdeu a conta. As favoritas são uma velha Gibson Les Paul dourada (dos tempos do Genesis), uma Sheckter especial, alem das guitarras-sintetizadoras GR 707 e 303, ambas da Roland. Os violões — sempre com encordoamento de nailon — são Alvarez-Yary e Ovation.

Os amplificadores que ele usa são Marshall e Roland, algumas vezes alimentados pelos efeitos de equipamentos Roland e Yamaha. Nas elétricas ele prefere cordas Fender 0.8. Para Hackett, a guitarra do futuro é a Stepp, sintetizada, que, ao contrário da Synthaxe, ele usa sem delays.

Stamp
CAMISETAS
estampas em silk-screen
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS
Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 São Paulo-SP - Destinatário: Stamp. Ponha o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).
PREÇOS
Horário: 2ª à 6ª das 8:00hs às 18:00hs
Telefone: (011) 299-7477
Envie este cupom ou cópia para Stamp Rua Emb. João Neves da Fontoura, 456 CEP 02013 São Paulo SP Santana

LOU REED
BERLIN (1973)

Discos conceituais já não eram novidade, no início da década de 70. Eles funcionam como trilhas-sonoras de idéias, de conceitos — daí o nome. O LP conceitual é um *todo orgânico*, um corpo constituído por vários elementos (cada um exercendo uma função em prol da idéia central): a capa, o título, as letras, a ordem das músicas e até (nos países civilizados) a divulgação.

O *Berlin*, terceiro LP solo de Lou Reed, é talvez o exemplo mais bem acabado de um disco conceitual. É uma viagem pelo cotidiano do underground, da marginália dos centros urbanos, tudo contado num tom de poesia cruelmente direta e fria.

A produção e os arranjos são de Bob Ezrin (que tinha acabado de produzir os melhores LPs de Alice Cooper). Ezrin escolheu a dedo músicos, estúdios de gravação, fez a mixagem e ainda uma edição brilhante: transformou as duas horas de material gravado, através de cortes e emendas, numa matriz de cinquenta minutos.

O LP abre com o teipe de uma voz que anuncia: "Eins, zwei, drei..." e pronto, estamos em Berlim (a música em questão é a faixa-título). Bons tempos aqueles, concluí Lou. Mas a realidade é outra — e os climas que se seguem não são indicados para suicidas em potencial.

A segunda faixa do disco é "Lady Day", um clássico de Reed, e, para quem está ouvindo o disco, a certeza de que dificilmente um produtor conseguirá reunir de novo um naipe de instrumentistas desse nível. São músicos vindos de formações diversas: Steve Winwood, Jack Bruce, Aynsley Dunbar, os irmãos Brecker e Steve Hunter — só para citar os mais famosos.

Com "Men of Good Fortune" as coisas vão ficando amargas ("homens afortunados/ muitas vezes causam quedas de impérios/ enquanto homens de pobres começos/ muitas vezes nao podem fazer nada").

Com "Caroline Says I" Lou começa a contar histórias sobre as pessoas que o cercam ("ela me trata como se eu fosse um imbecil, mas para mim ela ainda é uma rainha germânica"). Em "How Do You Think it Feels" e "Oh, Jim" o assunto é drogas, solidão e desespero, tudo contado num tom isento e desleixado pela primeira pessoa (sao comuns, ao longo do LP, frases como "mas eu nao ligo" ou "pra mim tanto faz").

No lado B, Lou, cantando sempre com voz baixa e triste, retrata o caráter violento do narrador — o próprio Lou — na continuação "Caroline Says II". "Caroline diz — enquanto ela se ergue do chão: você pode me bater o quanto quiser/ mas eu não te amo mais". Daí pra frente a barra pesa mesmo. Em "The Kids", em meio às dissonâncias do baixo, às melodias atonais de uma flauta doce e aos gritos desesperados e autênticos de "mamãe!" feitos por crianças, Lou conta a história de uma mulher que perdeu a custódia dos filhos. Só que, dessa vez, a postura do narrador não é tão neutra: "E desde que ela perdeu sua filha/ são seus os olhos que se enchem de água/ e dessa maneira eu fico mais feliz".

A letra de "The Bed" fala por si: "Esse é o lugar onde ela pegou a lâmina/ e cortou seus pulsos naquela noite estranha e malfadada/ e eu disse oh, oh, oh, que barato". E, encerrando o disco com chave de ouro, outro clássico deprê de Lou Reed, "Sad Song", com um brilhante arranjo orquestral de Ezrin.

Todas as faixas de *Berlin* são lentas, mas isto, de fato, não importa muito. Este disco não é menos emocionante, impressionante e influenciador por causa disso. E tampouco deixa de ser o primeiro LP conceitualmente "deprê" do rock'n'roll. Uma visão que rompeu tabus e abriu novos caminhos na música pop: a realidade das ruas dos grandes centros pode ser cantada e transformada em música. Não é à toa que o *Berlin* é disco de cabeceira de gente como Siouxsie, Budgie, Iggy Pop e o pessoal do New Order.

Thomas Pappon

EDITORA AZUL

Editor e Diretor
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Moncor
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Toth
Diagramadores: Derse Bones, Paulo Fernando Zahorcsak
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Colaboradores. Texto: Alexandre Dines, Arita Sa Rego, Arthur Geraldo Couto Duarte, Celso Sales Pucci, Cesar Garcia Lima, Eva Joory (Londres), Jean Yves de Neufville, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Maria Luiza Fontenelle, Tom Leão. Fotos: Cicero P.R., Claudia Thompson (New York), Cleber Veiga Garcia, O. Guaiume, Eva Joory (Londres), Geraldo Luis Gomes, Ivneu Barreto Filho, Mauricio Valladares, Rui Mendes, Silvio Viegas, Tucci
Diretora Responsável: Liège de Lima Doria Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Supervisor: Ricardo Côrte Real, São Paulo
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lidia Camarate (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios: Milão: International Business Centre, Corso Europa, 12. Phone: 02-54-56331 e 54 56212-20122 Milano, Telex 313585 e 332809. **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone (212) 557-5990 5993. **Paris:** 33 av. Champs Élysées 2.º Bureau 213 bis 214, Paris 75008. Phone 42 25 58 65. Telex ABRILPA 650731F
Departamento de Documentação: Dedoc, av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nastari
Supervisores: Vera Pien (São Paulo), Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Morongelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RÁDIO PIRATA
AO VIVO EM VÍDEO HOME

RPM

R.P.M. Vídeo Av. Aclimação 774 - Aclimaçao - São Paulo
CEP 01531 - SP - Telefone: (011) 270-6633

RECORTE E MANDE JÁ O SEU CUPOM

Quero receber ☐ cópias VHS ☐ cópias Betamax pelo preço de Cz$ 1.480,00.

Valor total do pedido Cz$ ....

Estou enviando:
☐ ch. nominal
☐ vale postal ou autorizo o debito em meu cartão de crédito: ☐ ELO ☐ Credicard ☐ Dinners ☐ A. Express

Nome: ______________________ Fone: ____________

End.: ______________________________________

Cidade: ______________ Estado: ______________ CEP: ______________

Cartao nº: ______________

Data: ______________

____
Assinatura (igual a do cartão)

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

INVASAO BAIANA

Ao que parece, vocês, críticos realmente não entendem nada de música. Protegidos pelo invólucro de pertencerem a alguma equipe importante de uma ou outra publicação e talvez julgando por isso estarem na mesma posição da rainha da Inglaterra, ou talvez ainda por preguiça e falta de interesse em pesquisar realmente para poder escrever algo decente disparam contra o leitor a mais idiota das críticas. Refiro-me à alusão feita aos trabalhos de Sarajane e Chiclete com Banana na coluna Rápido & Rasteiro (BIZZ 17), na qual o sr. Alex Antunes chama-os de som pasteurizado e desinteressante. Convido-o para passar o próximo carnaval na Bahia, para poder ver de perto o que os dois citados acima conseguem fazer com a massa. Outrossim, vale lembrar que a Bahia não prepara nenhuma invasão, como o ilmo. Sr. proclamou. Pelo contrário, nos é que somos invadidos anualmente por milhares e milhares de turistas que cansados do pastiche do sul, correm loucos em busca do nosso estufante carnaval, ponto culminante desse som pasteurizado e desinteressante. **Sérgio P. da Rocha, Ibicaraí — BA**

O Alex Antunes responde: Concordo integralmente com as acusações que você, Sérgio, faz à dita crítica especializada e tento, como todos os colaboradores de BIZZ, digo-se de passagem, evitar essa postura viciosa e arrogante. No caso do Chiclete com Banana e do Sarajane (dois precursores da moderna música baiana, o primeiro já com vários LPs editados), sou forçado a fazer uma distinção entre o que eles possam significar em meio à massa no calor do estufante carnaval baiano e o resultado frouxo de sua música tal como é registrada nos discos em questão. Nunca os vi ao vivo, e acredito que seu som não seja desinteressante. Mas no vinil sua matéria bruta com certeza foi pasteurizada e diluída. A tal invasão não é idéia minha, mas das gravadoras que querem reproduzir artificialmente o fenômeno Luiz Caldas, do mesmo jeito que querem implantar outros dez 'RPM'.

SESSAO TRIPLA

Gostaria de saber a discografia do Jam, Devo e Dead or Alive, e quais discos deles foram lançados aqui. **Denise Ribeiro, Rio de Janeiro — RJ**

Vamos por partes. Para começar, o Jam (Paul Weller (guitarra e vocal), Bruce Foxton (baixo e vocal) e Rick Buckler (bateria e vocal) formavam o trio). O primeiro LP é de 77 (In the City). This Is the Modern World foi gravado e lançado no mesmo ano, poucos meses depois. A versão americana incluiu "All Around the World", que foi um single na Inglaterra. All Mod Cons é de 78, e de 79 é o Setting Sons. Sound Affects é o lançamento de 80. O próximo será um EP. The Jam, dois anos depois. Ainda do mesmo ano são The Gift, The Bitterest Pill e Dig the New Breed. O primeiro é o único que foi lançado no Brasil, o segundo é um EP editado nos Estados Unidos e o último é um LP retrospectivo da carreira do Jam com gravações ao vivo. A banda se dissolveu em 82, mas foram lançados mais um EP, Beat Surrender, que contém as últimas gravações de estúdio do Jam, e o álbum duplo Snap!, uma coletânea de faixas já lançadas. A lista do Devo: Jerry Casale (baixo e vocal), os irmãos Mark e Bob Mothersbaugh (teclados, guitarra e vocal), Bob Casale (guitarra e vocal) e Alan Myers (bateria) — também não é pequena. Começa com Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!, lançado no Brasil. Em 79 foram lançados o EP Be Stiff e o LP Duty Now for the Future. Freedom of Choice é do ano seguinte e Devo Live (81), apresenta versões ao vivo de várias faixas do disco anterior. Do mesmo ano é New Traditionalists. Em seguida vem Oh, No! It's Devo (82). O último álbum é Shout, de 84. Aqui foram lançados, além do primeiro, Duty Now for the Future e todos os posteriores ao Devo Alive. O Dead or Alive tem uma lista bem menor. São dois LPs, Sophisticated Boom Boom (84) e Youthquake (85), este último foi lançado no Brasil no ano passado, e um EP, Dead or Alive.

FA-CLUBES

Billy Idol: *Billy Idol Fan Club*, A/C Adriana Broad, SQN 304 bloco G 308, CEP 70736, Brasília — DF.

Camisa de Vênus: *Fã-Clube Oficial*, A/C Estácio, Aurício e Washington, Rua dos Milagres, 1989, CEP 58000, João Pessoa — PB.

MÊS QUEM VEM NA

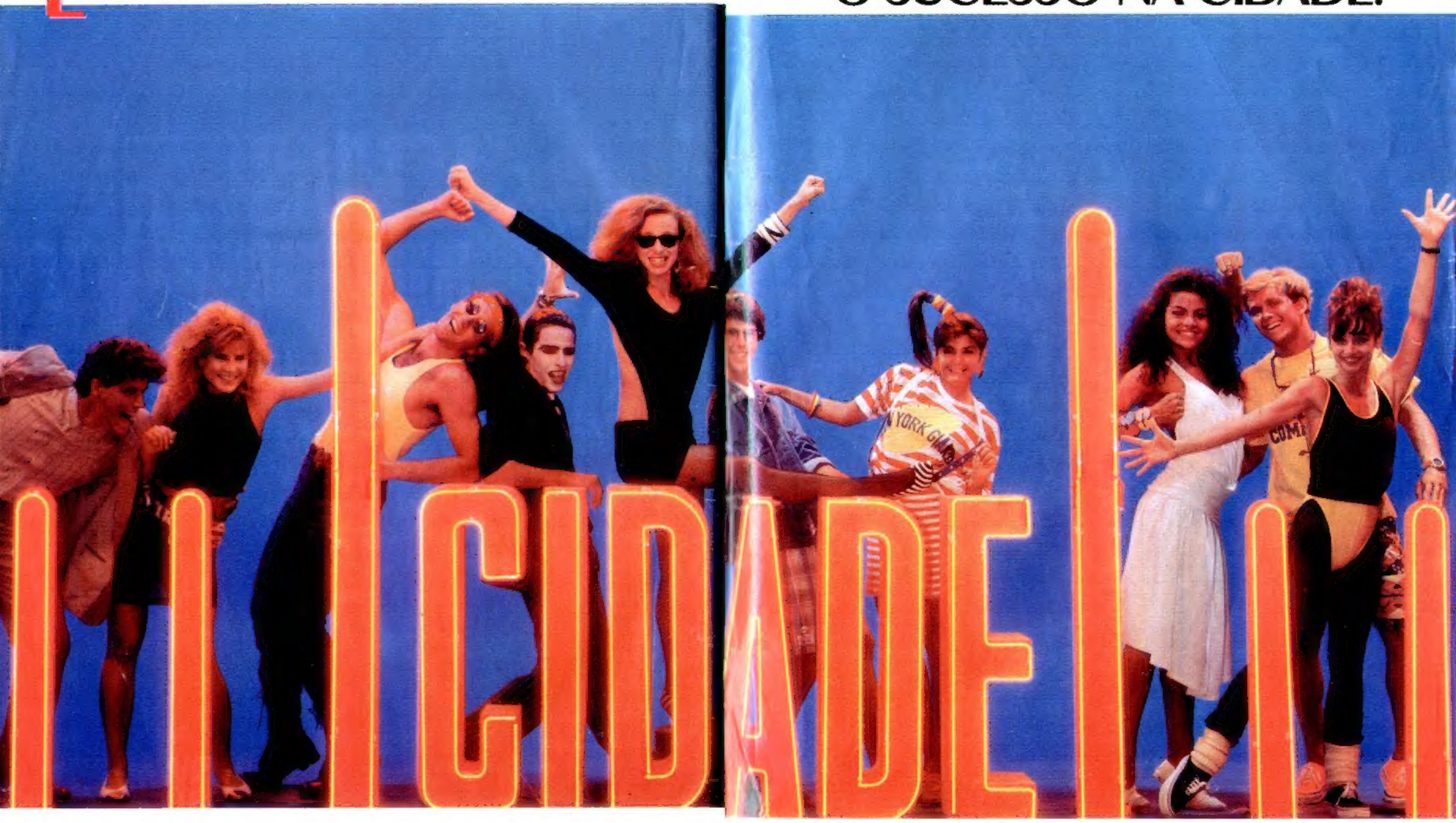
BIZZ

TEM EXCLUSIVAS COM O ULTRAJE A RIGOR E RENATO RUSSO CAZUZA ENGENHEIROS DO HAWAII RAMONES A-HA SIMPLY RED E TUDO SOBRE O NOVO FILME DE HARRISON FORD

Fotos de capa: Frederico Mendes, Alex [illegible] e Guidalevin Silva

Tem uma revista só de letras esperando por você nas bancas

ENTRE NA GIRAÇÃO E ENCONTRE O SUCESSO NA CIDADE.

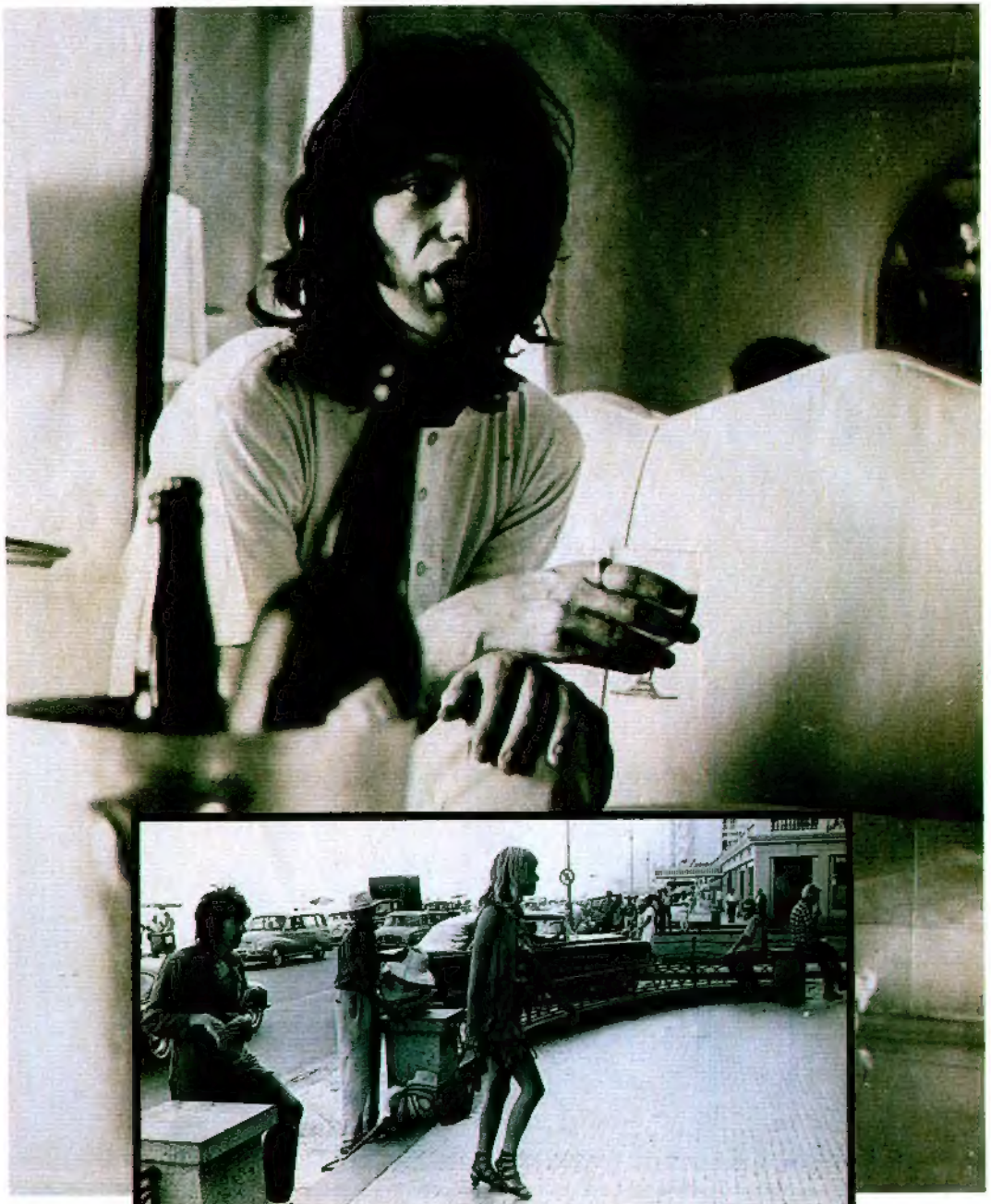


Giração é o movimento que vai agitar todo mundo. É troca, busca e encontro. Troca da mesmice. Busca do novo. Encontro com quem faz o sucesso. Pra entrar na giração é só girar. Não deixar o mundo acontecer sozinho, ficar atento e dar sempre um toque. Escolher o caminho, fazer estilo. Entra na giração quem está a fim de mudar. Agitar vinte e quatro horas por dia. Todos os dias. Cada momento tem seu clima. Nós estamos aqui. Você está aí. A gente se encontra na cidade.

CIDADE

A NOVA GIRAÇÃO DO SUCESSO.

MICK JAGGER E KEITH RICHARDS



Quem disse que os *Stones* não vieram ao Brasil? No Copa Palace, Jagger (acima), Richards e Anita Pallemberg em 1968

CAPITAL INICIAL

EM APENAS 5 MESES, MAIS DE 220 MIL CÓPIAS VENDIDAS DO LP DE ESTRÉIA.

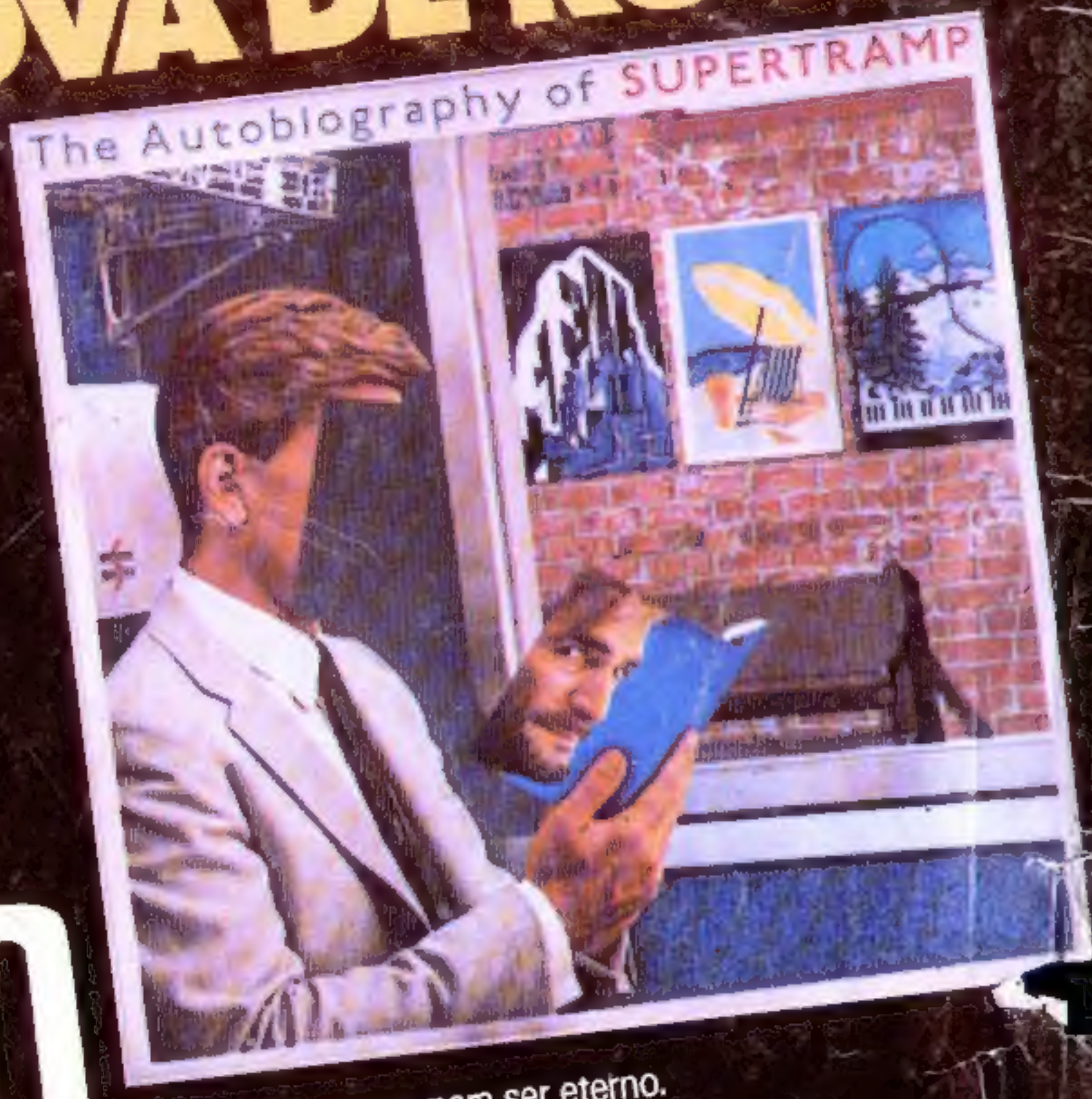
DISCO DE OURO

EM DISCOS E FITAS POLYGRAM

PolyGram

YNGWIE MALMSTEEM
(artista exclusivo Polygram)

À PROVA DE RUGAS



O *Supertramp* nasceu para ser eterno.
A prova disso são as 11 faixas do Lp *The Autobiography*
que está chegando às lojas no Brasil.
Reunir os melhores momentos de uma banda que só tem
grandes momentos foi uma tarefa árdua, mas não impossível.

PolyGram